

**JOEL:
UM MENINO
DA GALILEIA**

JOEL: UM MENINO DA GALILEIA

ANNIE FELLOWS JOHNSTON



CHRYSALIS
INTERNATIONAL

Joel: Um menino da Galileia

1ª edição

2013

Todos os direitos reservados

Copyright 2013 © Elizabeth L. Youmans

Título original: Joel: A Boy of Galilee
Copyright 1895 © Roberts Brothers
Copyright © 1904 Page Company
Eleventh Impression, October, 1910
Twelfth Impression, March, 1915
Thirteenth Impression, March, 1918
THE COLONIAL PRESS
C. H. SIMONDS CO., BOSTON, U. S. A.

Johnston, Annie Fellows. Joel: um menino da Galileia. 1ª edição.
Ilustrações: Mary Britt. Editor: Zaqueu Moreira de Oliveira. Tradução
Claudia Ziller Faria. Orlando: FL, USA: Chrysalis International, 2013.

323 p.; 14 cm.

ISBN: 978-0-9893938-0-5

1. Devocional. 2. Família. 3. Literatura infantil. 4. Vida cristã.

SUMÁRIO

Prefácio do editor.....	1
Prefácio da versão portuguesa.....	3
Capítulo I.....	7
Capítulo II.....	38
Capítulo III.....	56
Capítulo IV.....	83
Capítulo V.....	92
Capítulo VI.....	104
Capítulo VII.....	124
Capítulo VIII.....	137
Capítulo IX.....	152
Capítulo X.....	166
Capítulo XI.....	184
Capítulo XII.....	202
Capítulo XIII.....	219
Capítulo XIV.....	232
Capítulo XV.....	245
Capítulo XVI.....	257
Capítulo XVII.....	271
Capítulo XVIII.....	285
Capítulo XIX.....	301

PREFÁCIO DO EDITOR

Neste livro, o propósito do autor é apresentar às crianças, tanto quanto possível, através de “Joel”, um quadro dos tempos de Cristo, à semelhança do que aconteceu aos leitores mais antigos, através do “Ben Hur”.

Com isso em vista, os costumes da vida pública e privada dos judeus, o serviço do templo com seus ritos sacerdotais, e as observações sobre os numerosos dias feriados do judaísmo foram estudados tão cuidadosamente, que os relatos têm passado nos testes realizados pelos mais exigentes críticos. Inclusive, um eminente rabi¹ afirmou que as informações referentes à vida judaica no tempo de Jesus estão corretas em todos os detalhes.

1 O termo “rabi” se refere a rabino ou doutor da Lei judaica. A explicação de alguns termos tem o objetivo de ajudar a compreensão para crianças ou outros leitores não acostumados com certas palavras específicas, inclusive alguns termos menos comuns hoje ou nos meios urbanos. A base para as definições de palavras é: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 2120 p.

A história é de um menino comum, vivendo entre pastores de ovelhas e pescadores, mas ela toca em vários pontos da narrativa dos evangelhos, tornando Joel, de forma natural e interessante, uma testemunha dos milagres, morte e ressurreição do Nazareno.

Foi com a mais profunda reverência que a tarefa se desenvolveu, e o fato do livro estar cumprindo a sua missão é evidenciado, não somente pela aprovação confirmada em suas primeiras edições, tanto por estudiosos comuns da Bíblia como por bispos e rabinos, mas, sobretudo, por meninos e meninas aqui e em lugares bem distantes.

PREFÁCIO DA VERSÃO PORTUGUESA

Ao perceber que a primeira publicação deste livro, em língua inglesa, ocorreu ainda no século XIX (1895), surgiu a pergunta: “O que ele tem para ensinar ou ser aplicado no século XXI?” O desejo de compreender melhor a mensagem conduziu este leitor a prosseguir na busca de uma resposta adequada. Mais do que surpreendido ele ficou ao sentir que a narrativa falava de forma vívida ao seu coração. Era como se tivesse sido escrita para os dias presentes e para um idoso.

O texto mistura de modo atraente a ficção com o real, ao levar o menino Joel a ser parte dos acontecimentos expostos nos evangelhos sobre o Profeta de Nazaré. O fato é que, mesmo para os que têm um conhecimento amplo e variado sobre o mundo do Novo Testamento, o livro

encanta pelo seu linguajar objetivo e pelas informações historicamente corretas sobre a cultura judaica nos dias de Jesus. Isso inclui costumes, personagens e pormenores sobre a geografia daqueles tempos.

Origor farisaico é apresentado de forma admirável no livro, ao mesmo tempo em que expõe o ensino do Mestre refletido em palavras e em prática nos personagens bíblicos e extrabíblicos referidos. Assim, o texto expõe a superioridade do espírito sobre a letra, do amor sobre o ódio e a indiferença, do sadio viver cristão e da adoração em espírito e em verdade sobre o formal legalismo defendido pelos maiores doutores judaicos do primeiro século de nossa era.

Como alguém que já leu a Bíblia muitas vezes iria se sentir, ao reler fatos narrados no Novo Testamento e por ele conhecidos desde criança? O escritor que está rabiscando estas linhas, mesmo tendo lido a Bíblia toda 78 vezes, em dados momentos se emocionou tanto com os relatos aqui expostos, que chegou a verter lágrimas! O enredo ilustrado se tornou realidade em sua mente, quando

entremeado com a verdade bíblica, o escrito, embora com o objetivo de alcançar os pequeninos, estendeu-se amplamente, podendo ele também incluir no aprendizado proposto os adolescentes, os jovens, aqueles que chegaram à maturidade e mesmo os idosos.

O menino Joel, prejudicado em sua vida e ideais por um “maldito” samaritano, vertia ódio a cada instante, tramando uma vingança segundo a Lei de Talião (*lex talionis*).² Mas ele foi totalmente transformado, mediante o contato direto e indireto com Jesus e seus ensinamentos, que resultou na sua cura física e espiritual. Um dos mais tocantes pontos foi que, seguindo o exemplo do Mestre, ele concedeu perdão incondicional ao menino que lhe causara deficiência, prejudicando o seu ideal de se tornar um sacerdote, conforme a Lei judaica.

No final, o convertido Joel passou a viver o amor de Deus que excede todo entendimento (Efésios 3.19), irmanando-se a outros que, como ele, tornaram-se

2 “Olho por olho e dente por dente.” Êxodo 21.24; Mateus 5.38-39.

verdadeiros discípulos do Rabi da Galileia.
“Assim, de maneira poderosa, a mensagem do Senhor era anunciada e se espalhava cada vez mais” (Atos 19.20). Aleluia!

Zaqueu Moreira de Oliveira³

³ Pastor, professor universitário, Doutor (Ph.D.) em História, autor de 23 livros, São Paulo, Brasil.

CAPÍTULO I

Era dia de feira em Cafarnaum. Das vilas espalhadas pelas colinas da Galileia, chegavam camponeses com manteiga e ovos frescos. Pescadores traziam feiras com carpas e tilápias⁴ prateadas, recém-pescadas no lago próximo à cidade. Plantadores de uvas empilhavam as cestas com as uvas tentadoras, e garotos espantavam as moscas que teimavam em pousar nos pratos de mel que tinham recolhido no campo antes do amanhecer.

Uma garota, de apenas dez anos, esforçava-se para cruzar a multidão, carregando o irmãozinho e brigando com outro menino, que agarrava-lhe a saia.

– Anda, seu pestinha! – disse. – Uma caravana de camelos acabou de chegar à alfândega. Se quer ver os camelos, é melhor andar depressa!

4 Carpas e tilápias são nomes de peixes.

Os pés deles, descalços, abriam caminho rapidamente pelas pedras, rumo à areia quente na beira do lago. As crianças se aproximaram devagar dos camelos peludos, curiosas para ver o que havia nas imensas cargas que carregavam. Mas, antes, os camelos foram obrigados a se ajoelharem, para os funcionários da alfândega examinarem a carga. Nessa hora, o menino soltou uma exclamação de surpresa:

– Olhe, Jerusa! Olhe só! – gritou ele, puxando a saia dela. – O que é aquilo?

Bem atrás na fila, vinham vários homens carregando liteiras.⁵ Em cada uma delas havia um homem gravemente ferido, a julgar pelos muitos curativos que os cobriam.

Jerusa avançou para ouvir o que tinha acontecido. Um dos homens que carregavam as liteiras contava para um dos funcionários da alfândega:

– Foi naquele último desfiladeiro

⁵ Espécie de cadeirinha coberta, sustentada por dois longos varais e conduzida por dois homens ou por animais.

rochoso, saindo de Samaria. Os ladrões nos pegaram. Parecia uma quadrilha de assaltantes, descendo pelas encostas. Lutavam com ferocidade. Estes homens, que estavam na frente do grupo, traziam muito ouro. Perderam tudo, e poderiam ter sido assassinados, se não estivéssemos logo atrás, e não fôssemos tantos. Nem sei se aquele coitado ali vai sobreviver, pois apanhou muito.

As crianças chegaram mais perto para olhar o corpo imóvel na liteira. Estava muito machucado, manchado de sangue e parecia morto.

– Vamos embora, Jerusa, – o menino falou baixinho, enquanto puxava a mão dela. – Não quero ficar olhando para ele.

Com o bebê pesado nos braços e o menino seguindo-a de perto, Jerusa começou a voltar para a feira, bem devagar.

– Já sei o que a gente pode fazer!
– exclamou, animada. – Vamos procurar as outras crianças

para brincar de ladrões. Nunca brincamos disso antes. Vai ser muito divertido.

Jerusa foi recebida com gritos de boas-vindas. Havia uma porção de crianças, brincando de esconde-esconde, sem ligar para os homens e os animais em que trombavam. Todas eram mais novas que ela, e ninguém se incomodou quando ela chamou:

– Vem todo mundo aqui! Sei uma brincadeira melhor que esconde-esconde!

Contou o que tinha acabado de ver e ouvir na praia, e descreveu o ataque, com tantos detalhes, que as crianças ficaram malucas para seguir qualquer sugestão dela.

– Agora vamos dividir em grupos
– disse ela. – Eu vou ser um rico comerciante que vem de Jerusalém com a família e os servos, e vocês podem ser os ladrões. Estamos levando nossas coisas; vocês nos atacam no caminho. Se quiserem, podem levar o bebê como prisioneiro – acrescentou com um

sorriso travesso. – Ele está muito pesado; já cansei.

Um menino, que estava sentado à porta de uma casa, pulou, animado, e gritou:

– Posso brincar também, Jerusa? Quero ser ladrão! Conheço os melhores lugares para a gente se esconder.

A menina fez uma pausa na escolha dos companheiros e falou, impaciente, mas sem querer ofender:

– Ah, não, Joel! Não queremos que você brinque! Você é muito fraquinho, não consegue correr. Não pode brincar conosco!

O ar animado e ansioso desapareceu do rosto do garoto, e um brilho de raiva podia ser percebido nos seus olhos. Apertou os lábios e sentou-se de novo no degrau.

Ouviu o barulho dos pés das crianças correndo. As vozes foram ficando cada vez mais distantes, até se perderem por completo no ruído da rua movimentada.

Em geral, Joel encontrava muita coisa para se distrair e se divertir no lugar em que estava. Gostava de ver os jumentos

adormecidos, com as cargas de frutas e vegetais frescos. Gostava também de ouvir os homens gritando para oferecer as mercadorias, ou para discutir o preço com os clientes. Sempre havia algo para se ver nas tendas e barracas, e sempre podia ouvir pedaços de conversa que chegavam até ele.

De vez em quando passava por aquela rua uma caravana – ali era a “estrada para o mar”, que levava do Egito à Síria. Algumas vezes apareciam rostos estranhos, sombrios, príncipes mercantes com roupas finas, trazendo as mercadorias caríssimas que existiam além do Nilo. Chegavam cargas pesadas de tapetes da Babilônia, pérolas do Ceilão e peles ricas para a corte da perversa Herodias, que ficava na próxima cidade. Pescadores, marinheiros, rabinos e operários formavam uma procissão que não tinha fim.

Em outros momentos aparecia um soldado romano com as sandálias rangendo e a espada batendo no suporte. Nessas horas, Joel despertava para olhar a figura ereta, e demonstrava mais com os olhos do que com palavras a admiração que sentia pela força e simetria do soldado.

Naquela manhã, porém, a multidão provocou nele um sentimento estranho de solidão, a vontade de ter companhia.

Dois garotos mais velhos passaram no caminho de lado, com redes jogadas nos ombros. Joel conhecia o maior, um menino forte, de bom coração, que uma vez o levara para passear de barco pelo lago. Acenou para Joel, que estava distraído. Pouco depois sentiu um puxão na rede e, ao olhar para trás, viu o rosto suplicante do pequeno deficiente, que pediu ansioso:

– Dan, você vai para o lago? Dá para me levar também?

Dan hesitou. Qualquer resposta bondosa que ele poderia dar foi cortada por seu companheiro, que Joel nunca tinha visto:

– De jeito nenhum! – disse o menino rudemente – Não queremos ninguém mancando por aí conosco. Você não pode vir, Jonas. Traria má sorte para nós.

– Meu nome não é Jonas! – gritou ele, com raiva, fechando os punhos. – É Joel!

– É tudo a mesma coisa – gritou o garoto malvado, rindo. – De qualquer forma, você é um Jonas.

Desta vez, Joel voltou para o degrau com lágrimas nos olhos.

– Odeio todas as pessoas do mundo! – disse ele, baixinho, com tanta raiva que as palavras saíram como um assobio. – Odeio! Odeio!

Um estranho que passava voltou-se para olhar o rosto de ar refinado e sensível do pequeno deficiente. Teria uma beleza quase feminina, se não fosse o ar zangado que o obscurecia.

Joel puxou as pontas do turbante para esconder as costas arqueadas e arrumou a veste para esconder a perna torta. A vida lhe parecia muito amarga, e ele trocava de lugar, sem pensar duas vezes, com o jumento que passava sob uma grande carga.

– Eu preferia estar morto – pensou, com tristeza. – Aí não ia mais sentir dor, nem ouvir as pessoas zombando de mim!

Ao lado da porta onde ele se encontrava uma barraca que vendia ferragens. Um

homem, que estava ali há algum tempo escolhendo pregos, tinha ouvido tudo e falou com Joel:

– Joel, meu rapaz, você pode me ajudar? – O tom amigável pareceu transformar tudo em um instante.

Joel passou a mão nos olhos para enxugar as lágrimas. Era muito orgulhoso, não ia deixar ninguém ver que estava quase chorando. Depois, ficou em pé, em atitude de respeito.

– Sim, rabino Fineias. O que quer que eu faça?

O carpinteiro segurou algumas ripas de madeira com uma das mãos e o martelo e serrote com a outra.

– Estou com as mãos ocupadas, não posso carregar os pregos – respondeu ele. – Se você puder levar para mim, vai me ajudar muito.

Se o homem tivesse demonstrado piedade, Joel teria ficado indignado. A natureza sensível de Joel percebeu a forma agradável, mesmo sem palavras, o tato que aplacou seu orgulho pedindo-lhe ajuda, em vez de se oferecer para ajudar. Ele não sabia

definir o sentimento, mas, agradecido, pegou o saco com os pregos e mancou ao lado do amigo até a casa dele, que ficava nos limites da cidade. Nunca tinha ido lá, apesar de encontrar o homem todo dia, na feira. Ficava sempre ansioso para receber a saudação agradável, diferente da feita pela maioria das pessoas. Não entendia o porquê, mas a manhã sempre parecia mais iluminada depois daquelas palavras.

A pequena casa branca ficava à sombra de duas figueiras, perto da praia. A brisa fresca da Galileia balançava as folhas e as videiras que cresciam perto da porta. Joel, cansado da caminhada longa, jogou-se no capim que crescia à sombra. Percebeu a calma e o silêncio, diferentes do barulho da rua que havia deixado para trás.

Uma velha galinha cacarejava, perto da porta, para a ninhada de pintinhos amarelos e fofos. Pombas arrulhavam baixinho, em algum lugar fora da vista. A bancada do carpinteiro ficava sob uma das árvores, e havia pedaços pequenos de madeira espalhados pelo chão ao redor. Duas crianças, que brincavam perto da bancada, construía casas com blocos de madeira. Uma delas era um menino forte

de cinco anos de idade, com olhos pretos. A outra era uma menina que ainda nem tinha três anos completos. Assim que viu o pai, levantou-se e foi atrás dele para a casa. Seus cabelos cacheados brilhavam como ouro, enquanto ela corria ao sol. Com seus olhos azuis bem semelhantes aos do pai, olhou para o desconhecido. Joel estendeu a mão para ela, tentando convencê-la a se aproximar.

– Venha cá e me diga o seu nome.

Desconfiada, ela balançou os cachos, que bateram nas covinhas da face, e correu para casa.

– O nome dela é Rute – disse o menino, fazendo o favor de olhar para Joel. – Sou Jessé, minha mãe é Abigail, meu pai é Fineias, meu avô é . . .

Joel nem imaginava até onde o menino seria capaz de recitar sua genealogia, porém o pai chegou com um melão frio e suculento. Jessé se aproximou para pegar um pedaço.

– Que delícia! – exclamou Joel, assim que o primeiro pedaço escorregou

por sua garganta ressecada. – Aqui é tão gostoso, bem fresquinho. Não sabia que havia um lugar tão tranquilo assim em Cafarnaum.

– Você nem sempre morou aqui? – perguntou o curioso Jessé.

– Não, eu nasci em Jerusalém. Eu ia ser sacerdote – disse, com tristeza.

– E por que não vai ser? – continuou o menino, com a boca cheia de melão.

Sem responder, Joel olhou para a perna torta.

– Por que? – insistiu o garoto.

Fineias, que tinha ido trabalhar na bancada, olhou os dois com bondade.

– Filho, você faz perguntas demais. Ninguém que tem defeito físico ou manchas em qualquer parte do corpo pode ser sacerdote. Algum acidente trágico deve ter acontecido com nosso amiguinho, e deve ser difícil para ele falar nisso.

Jessé parou de falar, mas os olhos pretos espertos se fixaram em Joel, como dois pontos de interrogação.

– Não me importo de contar – falou Joel, endireitando as costas. – Eu era pouco mais velho que você, minha mãe tinha morrido pouco tempo antes. Meu pai me trouxe de Jerusalém para cá, para visitar minha tia Leia. Eu ficava brincando com meus primos aqui perto do lago, nos barcos dos pescadores. Um garoto, um maldito samaritano, vinha brincar conosco às vezes. Ele era muito maior que eu. Puxava meu cabelo e jogava areia nos meus olhos. Era muito mais forte do que eu, e eu só podia xingá-lo. Certa manhã, bem cedo, ele estava nadando e escondi as roupas dele nos arbustos na beira do lago. Ah, mas ele ficou muito bravo! Era isso que eu queria. Depois desse dia eu precisei ficar longe do lago. O nome do menino é Reum. Um dia, alguns meninos me chamaram para colher amêndoas nas colinas

atrás da cidade. Reum nos seguiu. Afastei-me um pouco dos outros, e estava inclinado para colocar as amêndoas na cesta, quando ele apareceu por trás de mim. Ele me bateu demais! Gritei e os outros meninos vieram correndo me ajudar. Ele viu meus amigos chegando quando me empurrou com força. Rolei pela colina rochosa. Não era muito alta, mas tinha pedras com pontas afiadas. Meus amigos pensaram que eu estava morto quando chegaram para me pegar. Levei meses para conseguir andar de novo, e vou ficar para sempre deste jeito aqui. Meu pai ia me levar de volta para Jerusalém quando pegou uma febre e morreu. Por isso virei um pobre peso desamparado para minha tia cuidar. Isso tudo aconteceu há seis anos.

Joel deitou no capim e olhou bravo para o céu.

– E onde está o menino que te machucou? – perguntou Jessé.

– Reum? Queria saber – respondeu Joel, com raiva. – Ah, eu o odeio muito! Nunca poderei ser sacerdote, como meu pai queria. Nunca vou poder servir no lindo templo de colunas brancas e portões de ouro. Nunca vou ser como as outras pessoas, mas preciso me arrastar, deformado e sentindo dor, enquanto eu viver. E tudo é culpa dele.

Um brilho iluminou subitamente os olhos do menino, como relâmpagos em nuvens de tempestade.

– Mas eu vou me vingar! – prosseguiu, fechando os punhos. – Só posso morrer depois que ele sentir pelo menos um décimo do que sofri. “Olho por olho, dente por dente!”⁶ Isso é o mínimo que desejo. Ah, vocês nem imaginam como espero esse dia! Muitas vezes, fico acordado à noite, planejando minha vingança. Aí eu esqueço que minhas costas e minhas pernas

6 Levítico 24.20.

doem. Esqueço os apelidos que me dão e fazem piadas que tornam minha vida um peso. Mas tudo volta quando o dia amanhece. Guardo tudo e anoto na conta dele. Juro que ele vai pagar quatro vezes mais por tudo que me faz sofrer!

Rute correu para longe, assustada com o garoto bravo, intenso, que olhava para frente irado, cujos olhos não viam o mundo belo, coberto de verde, que o cercava. A face de seu inimigo escondia a paisagem ensolarada. Apenas o propósito assassino ocupava sua mente e alma.

Ninguém falou nada durante algum tempo. As pombas continuavam a arrulhar e Fineias começou a bater o martelo ritmadamente.

Do caminho que levava ao poço da cidade surgiu uma mulher de rosto bonito, equilibrando um jarro de água na cabeça. Ao passar por Joel, acenou com simpatia.

Rute correu atrás dela e falou:

– Espere, mamãe!

A mulher se virou, sorriu para a garotinha e segurou a mão dela. Vestia uma roupa de algodão macio, que formava

longas pregas. Era azul, presa na cintura com um cinto branco. O turbante, que envolvia o cabelo escuro, também era branco, assim como o véu, que ela puxou para o lado e mostrou um pouquinho os olhos castanhos e as bochechas coradas. No braço erguido para segurar o jarro, tinha um largo bracelete de prata. As argolas nas orelhas e os talismãs no pescoço eram também obras de prata.

– Não percebi que já era tão tarde – disse Joel, levantando-se. – Aqui, o tempo passa rápido.

– Não vá embora ainda – disse Fineias. – Precisa andar muito até sua casa e está muito quente. Fique aqui e jante conosco.

Joel hesitou, mas o convite foi repetido com muita cordialidade levando Jessé a fazê-lo deitar na grama de novo.

– Vou passar esta plantinha na sua boca – disse o garoto. – Quero ver quanto tempo você aguenta sem rir.

Quando Abigail voltou com a água, os dois meninos riam tanto que parecia não

haver dor nem sofrimento no mundo. Ela sorriu também e entrou em casa.

Joel, curioso, olhou em volta. A casa era muito parecida com a maioria das outras da cidade. Tinha apenas uma grande sala quadrada, onde a família cozinhava, comia e dormia. Por toda parte, porém, Fineias havia deixado marcas de seu talento.

Havia uma janela pequena em uma das paredes. A maioria das outras casas não tinha janela, e dependiam da porta para obter luz e ar. Várias prateleiras presas nas paredes sustentavam a lâmpada e pratos de cerâmica. O baú, para guardar os tapetes e as almofadas que colocavam no chão à noite para dormir, era muito grande – e enfeitado. Num canto, havia uma vassoura, um pilão e um vaso para cereais.

Perto da porta, a mesa feita por Fineias estava pronta para o almoço. Um dos pratos tinha peixe cozido. Havia ainda feijão e pão de cevada, um prato com mel e um cântaro com leite. A refeição era exatamente igual à que Joel costumava comer na casa do tio, mas algo nela a tornava parecida com um banquete. Talvez a caminhada tivesse feito Joel sentir mais fome do que de costume, mas talvez fosse

por ser tratado como convidado de honra e não como criança acolhida por caridade.

Olhou atentamente para o anfitrião, enquanto ele derramava água sobre as mãos antes de comer e suplicava bênção sobre o alimento.

– Ele não segue tanto a lei quanto tio Labão – foi o pensamento de Joel. – Pediu apenas uma bênção, e meu tio abençoa cada alimento. Mas deve ser um homem bom, mesmo não sendo fariseu tão dedicado quanto meu tio. Fineias é mais bondoso do que todo mundo que conheço.

Era espantoso ver quanto conhecimento da lei Joel tinha adquirido em apenas onze anos de vida. O marido da tia dele crescera em Jerusalém e, ao contrário dos galileus simples da região onde vivia, procurava seguir todos os detalhes das instruções da lei.

Joel ouvia as conversas, que eram tão comuns que ele chegou a pensar que não podia comer, beber, nem se vestir se não seguisse as regras estabelecidas. Não se envolvia em brincadeiras, como as

outras crianças, mas, como estava sempre junto de gente mais velha, tornou-se pensativo e observador. Ainda era bem pequeno quando aprendeu a ler, e passava horas e mais horas na casa do rabino Amós, o mais erudito da cidade, examinando os rolos que continham as Escrituras. Imagine: a infância sem um desenho, nem livros de história! A única coisa que havia para ler eram esses registros da história dos judeus.

O rabino idoso simpatizou com Joel, ao ver que ele era ouvinte e aluno atento. Por isso, o menino tinha permissão para ir à casa do rabino a qualquer hora, e podia tirar os pergaminhos amarelados do estojo de veludo.

Ele só se sentia totalmente feliz nesses momentos, quando lia as histórias antigas da grandeza de seu país. Como gostava de perseguir os exércitos filisteus, de lutar de novo as batalhas dos reis de Israel! Guardava na mente ocupada muitas histórias, para contar para as crianças que se reuniam em volta da fonte pública no final da tarde, quando a temperatura ficava mais amena.

Não importava qual era o personagem sobre quem ele falava, sacerdote ou profeta, juiz ou rei, pintava a imagem com cores

avivadas pelo patriotismo desse adorador de heróis.

Ali, como em casa, ouvia tantas discussões sobre o que estava na Lei e o que não estava, que temia constantemente quebrar uma das muitas regras, até em uma tarefa simples como lavar um copo.

Por isso, observou atentamente seu anfitrião, até o fim da refeição, e descobriu que ele não seguia muitas regras que faziam parte do padrão rígido de seu tio.

Depois da refeição, Fineias voltou ao trabalho. Demonstrava muito interesse por Joel, e, enquanto serrava e martelava, observava o menino com atenção. Ficou surpreso com o nível elevado de conhecimento de Joel. Mais de uma vez se pegou parado com a ferramenta na mão, ouvindo a história que ele contava para Jessé.

Pouco depois, parou de trabalhar e apoiou-se na bancada. Perguntou, de súbito:

– O que você faz o dia inteiro, amigo?

– Nada – respondeu Joel. – Depois que apresento minha lição ao rabino Amós, não tenho mais nada para fazer.

– Sua tia nunca manda você fazer nada em casa?

– Não. Acho que ela prefere não me ver quando não é obrigada. É sempre boa para mim, mas não me ama. Só tem pena de mim. Odeio quando alguém tem dó de mim. Não há uma única pessoa no mundo que me ame de verdade.

Os lábios dele tremeram, mas ele lutou para conter as lágrimas. Fineias parecia perdido em seus pensamentos durante alguns minutos. Depois, olhos para Joel e falou devagar:

– Você é levita, então é claro que poderia ser sustentado sem precisar aprender uma profissão. Mas, em minha opinião, você seria muito mais feliz se tivesse alguma coisa para se ocupar. Se quiser, posso ensinar você a ser carpinteiro. Há muitas coisas que você pode aprender a fazer bem e, de toda forma, teria uma fonte de renda. Não existe pão mais amargo do que o pão da dependência, e você

pode aprender isso quando for mais velho.

– Ah, rabino Fineias! – exclamou Joel. – Quer dizer que eu posso vir aqui todo dia? É bom demais para ser verdade!

– Pode, se prometer continuar até aprender a profissão. Se você for tão rápido para aprender com as mãos quanto foi para aprender com a mente, terei motivos para me orgulhar de meu aluno.

O rosto de Joel ficou vermelho de tanta alegria. Ele se levantou rapidamente, e falou:

– Posso começar agora? Ah, vou me esforçar muito para agradar o senhor!

Fineias colocou sobre a bancada uma tábua de pinho, e começou a marcar nela uma linha, com giz vermelho.

– Bem, veja se você consegue fazer um corte reto nesta tábua.

Pegou um serrote, passou os dedos de leve pelos dentes afiados. Mas fez

uma pausa quando ia entregar para Joel e perguntou:

– Você tem certeza de que seus tios vão concordar com nosso acordo?

– Tenho certeza – foi a resposta enfática. – Vão ficar bem satisfeitos de me ver fora do caminho deles, e aprendendo uma coisa útil.

A serra cortou a madeira devagar, porque a pequena mão era fraca e cuidadosa e o menino estava determinado a não se afastar nem uma vez da linha traçada. Sorria, satisfeito, quando as peças se separavam, deixando à vista o corte limpo e reto.

– Muito bem! – disse Fineias, com bondade. – Agora vamos ver como você se sai com um prego.

Cheio de coragem devido ao primeiro sucesso, Joel bateu com vigor, mas o martelo escorregou mais de uma vez, e os dedos sem prática sofreram com os golpes que tinham sido dirigidos à cabeça dos pregos.

– Você vai aprender logo – disse Fineias, dando um tapinha de



“Agora você tem um amigo de verdade, Joel.”

incentivo no ombro de Joel. – Pegue esses pedaços de madeira que estão embaixo da bancada. Serre para ficarem todos do mesmo tamanho. Vou ensinar você a fazer uma caixa.

Joel se curvou sobre o trabalho, tão dedicado que quase sentia dor. Prendeu a respiração enquanto media. Agarrou o serrote como se sua vida dependesse da força com que o segurava. Fineias sorria diante de tanta seriedade.

– Cuidado, amigo – falou, – assim você vai se cansar muito rápido.

Para Joel, parecia que nunca tinha visto uma tarde passar tão rápido. Tinha parado algumas vezes para descansar, mas só quando Fineias insistia com ele. Mas o trabalho que tinha acabado de aprender o fascinava, como um enigma desconhecido. As árvores lançavam longas sombras sobre a grama quando ele finalmente largou as ferramentas. As costas doíam por causa de tanto exercício. Não estava acostumado com aquilo. E estava muito cansado.

– Rabino Fineias, – perguntou baixinho, após uma longa pausa – por que o senhor é tão diferente das outras pessoas? Quando estou aqui, quero ser um bom menino. Parece que os outros me criticam do jeito errado, e fico bravo, cheio de ódio. E parece que eu prefiro ser mau. Nesta tarde, quase não pensei em Reum. Em alguns momentos, esqueci que sou aleijado.

Quando o senhor fala comigo, eu me sinto como no dia em que Dan me levou ao lago. O mundo parecia diferente, feito apenas de céu azul e água gostosa. Eu pensava que, se pudesse ficar para sempre lá, onde era tão calmo e aconchegante, não conseguiria nem odiar tanto o Reum.

Uma expressão de surpresa e alegria passou pelo rosto do homem:

– Eu faço você sentir tudo isso, pequeno? Então fico muito feliz. Quando eu era pequeno e morava em Nazaré, tinha um amigo que

influenciou a mim e a todos os meninos com quem ele brincava. Nunca consegui ser egoísta nem impaciente com ele por perto. A presença dele acabava com esses pensamentos, quando éramos crianças e brincávamos juntos, como meus dois pequeninos ali, e depois, quando crescemos e passamos a trabalhar na mesma bancada. Saí de Nazaré há muito tempo, mas penso nele todos os dias. Até hoje, depois de nossa longa separação, pensar na vida correta dele me inspira a ser uma pessoa melhor. É, – prosseguiu, falando mais para ele mesmo do que para o menino – parecia música. Com certeza nenhum sacerdote de vestes brancas no santo templo ofereceu louvor mais aceitável do que a vida comum dele.

Os lábios de Joel tremeram:

– Se quando meu pai morreu, eu tivesse um amigo de verdade para cuidar de mim, e não apenas sentir

pena, talvez eu fosse diferente. Mas nunca tive nenhum amigo, desde que meu pai morreu.

Fineias sorriu, e estendeu a mão:

– Agora você tem, meu rapaz. Nunca esqueça disso.

A mão escura e forte fechou-se em um aperto caloroso, e Joel a segurou e, num impulso de gratidão, levou-a aos lábios. Rute aproximou-se, com olhar curioso. Não tinha como adivinhar o que acontecera, mas, os olhos de Joel estavam cheios de lágrimas e ela havia percebido que ele precisava de consolo. Trazia nas mãos um pombo, seu animal de estimação, que ia com ela por toda parte.

– Olhe, – disse ela baixinho, segurando o pássaro branco – Pegue, menino! É para você!

Joel lançou um olhar indagador a Fineias.

– Pode pegar – disse o homem em voz grave. – Que ele seja o sinal do início de uma vida mais feliz para você.

– Nunca tive um animal de estimação! – disse Joel, maravilhado, alisando as asas brancas aninhadas em seu peito. – Mas ela ama tanto o pombo, fico triste de separar os dois. Ele é muito lindo!

– Minha Rutinha é uma consoladora nata – falou Fineias, pegando-a no colo. – Você quer que Joel leve o pombo para casa com ele, filhinha?

– Quero – respondeu ela, balançando a cabeça. – O menino chorou.

– Vou chamá-lo de Amiguinho – disse Joel, levantando-se com o pássaro nos braços. – Vou levá-lo para casa e ficar com ele até depois do Shabath,⁷ para ter certeza que o dia de hoje não foi um sonho. Mas, quando vier aqui de novo, vou trazê-lo de volta. Vou poder vê-lo todo dia, e ele vai ser mais feliz aqui. Ah, rabino Fineias, por mais que eu agradeça pelo dia de hoje, nunca vai ser demais!

⁷ O termo se refere ao Sábado, dia do descanso, guardado pelos judeus, principalmente os da seita farisaica, de forma rigorosa.

A pequena figura que mancava, indo para casa sob a luz do sol que se punha, com o pombo branco nos braços, causava pena. Joel olhou ansioso para o céu, e viu uma estrela começar a piscar. O Shabath já ia começar e ele não poderia carregar nem mesmo aquele pobre pombinho. Até a carga mais leve era proibida pela lei.

Ele se apressou, e ouviu uma trombeta tocar. O som vinha do telhado da sinagoga e avisava os trabalhadores no campo que estava na hora de parar de trabalhar. Joel sabia que logo as trombetas soariam de novo, para avisar o povo da cidade para abandonar as tarefas. Com o terceiro toque, a lâmpada do Shabath estaria acesa em todas as casas.

Com medo da braveza do tio por ele chegar tarde, Joel foi o mais rápido que conseguia, para arrumar alimento e uma caminha para seu “amiguinho” antes do segundo toque da trombeta.

CAPÍTULO II

Bem cedo, na manhã seguinte ao Shabath, Joel já se encontrava em seu lugar costumeiro no mercado, à espera de seu amigo Fineias. O tio concordara, embora resmungando, quando Joel pediu, com timidez, para seguir naquele plano.

O bom rabino Amós ficou muito satisfeito quando ouviu sobre o combinado.

– Você sempre foi aluno fiel – falou, com bondade. – Já conhece mais a lei do que muitos adultos. Vai ser bom aprender uma profissão com Fineias. Lembre-se, meu filho, de que Deus criou primeiro o bálsamo e depois a ferida. O trabalho é tão antigo quanto o Éden, e o recebemos para esquecermos as aflições da vida neste mundo, que nos seguem como sombra. Que o Deus de seus pais lhe dê a paz!

Repetindo essa bênção em sua mente como um refrão solene, Joel esperou Fineias concluir as compras do dia, sempre acariciando o pombo em seus braços.

Em seguida, os dois caminharam, na manhã fresca, até a casa branca sob as figueiras. Fineias se surpreendeu com o progresso de seu aluno. Com certeza, aqueles braços fracos não conseguiam levantar objetos pesados, e as mãos pequenas não realizavam tarefas grandes. Todavia, a dedicação com que Joel se lançava ao trabalho resultava em obra bem acabada. Parecia que seus dedos hábeis eram adequados exatamente para dar os toques finais no polimento da madeira, e para unir peças delicadas.

Antes do final do inverno ele já havia feito vários objetos pequenos para Abigail usar.

– Posso ficar com esses pedaços pequenos de madeira para fazer o que eu quiser? – pediu ele a Fineias um dia.

– Só preciso dessa tábua maior. O que você vai fazer?

– Alguma coisa para dar de presente de aniversário para Rute. Jessé me disse que ela vai fazer três anos daqui a poucas semanas, e quero fazer um brinquedo para ela.

– O que você vai fazer? – perguntou Jessé, que estava embaixo da bancada. – Também quero ver.

– Ih, não sabia que você estava aqui perto! – exclamou Joel, meio preocupado.

– Conta para mim! – implorou Jessé.

– Só se você prometer que vai me ajudar a ficar longe dela enquanto trabalho e não vai lhe dizer nem uma palavra sobre isso.

– Prometo – disse o menino, sério.

Nas semanas seguintes, precisou colocar a mão na boca muitas vezes para impedir que o segredo escapasse, e observava, admirado, enquanto Joel esculpia, polia e cortava.

Uma vizinha conversava com Abigail no dia em que Joel terminou de confeccionar o presente e, como as crianças brincavam na areia da praia, ele entrou em casa para

mostrar para as mulheres. Era um conjunto de jantar de brinquedo que ele esculpira na madeira – completo, com pratos, copos e travessas.

A visitante estendeu as mãos, com uma exclamação de prazer. Pegou cada pratinho brilhante e admirou. Depois disse:

– Você poderia vender uma coisa assim por um preço bem alto. Perto do forte mora um romano rico que gasta muito dinheiro. Nunca acha caro demais o preço de uma coisa de que gosta. Por que você não leva uns até lá e vende para ele?

– Acho que vou lá – respondeu Joel, depois de pensar um pouco. – Vou assim que conseguir terminar.

Rute organizou muitas festinhas embaixo da figueira, mas depois do primeiro banquete de aniversário, o único convidado passou a ser Jessé. Joel estava ocupado demais, fazendo mais pratos e outra mesinha e não podia participar.

Todos, na família, queriam o sucesso dele. No dia em que ele se dirigiu à casa

grande perto do forte, para tentar vender, esperaram ansiosos a volta dele.

– Vendeu! Vendeu! – gritou Jessé, pulando de um pé para outro, ao ver Joel descer a rua de mãos vazias. Ele mancava o mais rápido que conseguia e seu rosto brilhava.

– Olha quanto dinheiro! – exclamou, abrindo a mão para mostrar a moeda brilhante com a figura de César. – E me encomendaram mais dois conjuntos. Acho que vou ficar rico! As crianças gostaram tanto dos pratos... e elas têm os brinquedos mais bonitos que eu já vi. Têm umas imagens que chamam de boneca. Umas têm o rosto bem branco, e os vestidos delas parecem de rainhas. Queria que Rute tivesse uma boneca.

– A lei proíbe! – alertou Fineias. – Esqueceu que está escrito para não fazermos nada semelhante ao que existe nos céus, na terra nem na água?⁸ Rute é feliz com o

8 Êxodo 20.4.

que ela tem. Não precisa de ídolos estranhos dos pagãos.

Joel não respondeu, mas lembrou do grupo alegre de crianças romanas sentadas em volta da mesinha que ele construiu, e desejou, de novo, que Rute pudesse ter uma daquelas bonecas de roupa chique.

Com o trabalho do inverno, Joel adquiriu força e habilidade, mas isso não foi tudo. O verão contínuo que habitava no coração de Fineias penetrou em sua natureza amarga. Perdeu um pouco da desconfiança dos outros e os sorrisos se tornaram mais frequentes em seu rosto do que a expressão zangada.

Apesar de tudo isso, não abandonou, por um segundo sequer, seu maior objetivo. Poderia ser amigo de todas as pessoas do mundo, mas continuaria sempre inimigo implacável de Reum. Ao receber o pagamento do romano rico, o pensamento que lhe veio à mente não foi que o trabalho iria lhe render bastante dinheiro, mas que lhe proporcionaria condições para cumprir a sua vingança.

À medida que os dias passavam, esse pensamento, sempre presente como

uma sombra tenebrosa, ganhou força e profundidade, pois ele via que era capaz de fazer muitas coisas, apesar da deficiência física. Ao ver tudo que conseguia fazer, pensava no quanto poderia realizar, caso fosse como os outros garotos. Esse pensamento alimentava o desejo de se vingar.

Certo dia, Fineias largou as ferramentas muito mais cedo do que de costume e, sem qualquer explicação para o aluno curioso, foi para a cidade. Ao voltar, acenou para a esposa, que fiava à porta da casa, e que olhou para ele, como quem perguntasse alguma coisa.

– Está tudo combinado – disse para ela.

Voltando-se para Joel, perguntou:

– Você já andou de camelo alguma vez, meu garoto?

– Nunca, rabi – respondeu o garoto, surpreso, sem saber o que viria a seguir.

– Bem, vou viajar para as colinas da Galileia. Levarei um dia. Uma caravana de camelos vai passar perto do lugar onde estarei; eles seguem

para Damasco. Vou com a caravana, para não correr o risco de viajar sozinho. Vou a pé, mas consegui que você monte um dos camelos.

– É verdade que eu vou também? – indagou Joel, maravilhado e atônito.

– Ah, rabi Fineias, o que levou o senhor a pensar em me levar?

– Você não parece estar muito bem nos últimos tempos – foi a resposta. – Achei que a mudança seria boa para você. Não falei nada antes porque só pude me encontrar com seu tio hoje, e não queria que você ficasse decepcionado se ele não deixasse você ir comigo.

– E ele deixou mesmo? – perguntou o menino, ansioso.

– Deixou. A caravana parte amanhã pela manhã, e vamos com ela.

Joel trabalhou muito pouco no resto do dia. Empolgado com a viagem, mal reparava no que fazia. Fineias preparava tudo para sua pequena família ficar bem durante sua ausência e precisou ir à cidade de novo.

Voltou mais entusiasmado do que o normal. Abigail o observava com atenção, certa de que ele não contara alguma coisa, mas não perguntou nada. Fineias pegou um pedaço de madeira de lei que guardara para usar em objetos especiais e começou a serrar em pedaços pequenos.

– Rabi Fineias – arriscou Joel, em tom respeitoso, – esta não é a madeira que o senhor me mandou guardar bem guardada?

Fineias levou um susto ao ver o que tinha feito, e largou o serrote.

– É mesmo – disse, com um sorriso. – Estou atordoado com a notícia que recebi. Pensei tanto que passei dez cúbitos⁹ de nossa casa. Lembra, Abigail, que aquele meu amigo de Nazaré fala sempre do filho de José, o carpinteiro? Na semana passada, ele foi a um casamento em Caná. Durante a festa, acabou o vinho, e o anfitrião ficou muito aflito, sem saber o que

⁹ Cúbito ou côvado é antiga unidade de medida de comprimento equivalente a três palmos, ou seja, 66 centímetros.

fazer. Havia seis vasos de pedra, bem grandes, para colocar água para os convidados se lavarem. O filho do carpinteiro transformou toda a água em vinho!¹⁰

– Não acredito! – foi a única resposta de Abigail.

– Mas Esdras ben Jared me contou. Ele estava lá, e bebeu do vinho – insistiu Fineias.

– Ele só pode ter feito isso – comentou Abigail – com ajuda do Maligno ou se for profeta. Ele é muito bom, e não vai pedir ajuda às forças das trevas, e não dá para acreditar que o filho de José é um grande profeta.

Fineias não tinha resposta para isso. Seus pensamentos tranquilos foram abalados em sua costureira calma, com tanta violência quanto um grande terremoto abala o solo.

Joel pensava mais na viagem do que no milagre. Para o garoto impaciente,

¹⁰ João 2.1-10.

parecia que o dia seguinte não chegaria jamais. Acordou muitas vezes durante a noite, para ouvir se os galos já cantavam à distância. Finalmente, conseguiu forçar os olhos a distinguirem as folhas verdes da trepadeira no emaranhado dos pequenos botões de flor azuis, meio desabrochados. Com isso, percebeu que a manhã já estava próxima e ele podia começar a fazer suas primeiras orações.

Vestiu-se sem fazer barulho, para não acordar a família adormecida. Saiu de casa, dirigiu-se ao poço que ficava fora dos portões da cidade. Lavou-se e comeu o pequeno lanche que preparara na noite anterior. Café da manhã frugal, apenas um ovo cozido, um pedaço de peixe e um de pão preto. Mas era cedo, e a empolgação continuava tão grande que quase não sentia fome.

Logo começou a agitação em volta do poço. Os homens faziam barulho, pegando água para os camelos e se aprontando para partir.

Joel, tímido, se afastou da multidão, temendo que seu amigo Fineias tivesse dormido demais. Porém, logo o avistou. Vinha com uma vara na mão, e segurava um pacote com a outra mão.

O garoto prendeu a respiração quando o ajudaram a montar no camelo ajoelhado. Agarrou-se com todas as forças à sela quando o animal imenso se curvou e se levantou. Olhou para Fineias e sorriu, feliz.

Que movimento delicioso! Lento, tranquilo. Que alegria ser levado, sem dor nem esforço. Ninguém poderia captar a importância disso para o pequeno garoto, que por tanto tempo tinha seus passos eram acompanhados de cansaço e sofrimento.

Balançando no ar fresco, tão acima dos passageiros que seguiam a pé, Joel parecia ver, de cima para baixo, uma nova terra. Assustados pela passagem da caravana, melros revoavam à margem da estrada. No alto, uma cotovia terminava sua canção matinal. Ovelhas baliavam nos pastos, e, das encostas das colinas, soava o mugido do gado.

Nada escapava ao garoto: nem um som ou uma visão sequer. Passou a manhã toda sem falar nada, sem abrigar qualquer preocupação no coração, sem ver nuvem no horizonte.

Ao meio-dia, pararam em um pequeno bosque de oliveiras, onde água fria jorrava da rocha. Fineias abriu o lanche deles

a certa distância dos outros. Comeram rapidamente, o apetite aumentado por causa da viagem matutina. Depois, Joel se esticou no chão para descansar, e dormiu assim que suas pálpebras impediram a luz do sol de chegar a seus olhos cansados.

Acordou cerca de uma hora mais tarde, e ouviu vozes acaloradas. Apoiou-se no cotovelo e viu Fineias, perto dali, conversando com um homem idoso, que viajara no primeiro camelo. Com certeza comentavam o milagre, porque o homem tocou a barba branca longa e disse:

– Mas os homens tendem mais a se maravilhar com o eclipse do sol do que com a alvorada de todos os dias. Olhe, meu amigo!

O homem apontou para uma videira selvagem que subia por uma árvore próxima:

– Está vendo as uvas ainda verdes? Isso é um milagre constante. Acontece todos os dias: a água do orvalho e da chuva se transforma no vinho da uva. O solo e a luz do sol se tornam sucos perfumados. Você não se maravilha com isso!

– Não – concordou Fineias – pois isso acontece por causa da mão de Deus.

– E por que não seria assim? – perguntou o homem. – E digo o mesmo sobre esse milagre na festa de casamento em Caná.

Fineias deu um salto:

– O quê? – gritou. – Você acha possível que esse meu amigo seja Aquele que Deus vai enviar?

– Não estamos no tempo aceitável para a vinda do Messias de Israel? – foi a resposta solene do homem. – Não foi escrito que reconheceremos a presença dele por milagres, sinais e maravilhas?

Joel deitou-se de novo, para pensar no que acabara de ouvir. Como todos os outros israelitas, inclusive os que estavam em outras partes do mundo, conhecia a promessa de um redentor para seu povo. Lera muitas vezes as profecias que falavam da vinda de um rei, através da linhagem real de Davi. Inúmeras vezes imaginara as batalhas ferozes que aconteceriam entre a



Ah, que alegria ser carregado sem sentir dor nem fazer esforço!

raça oprimida e os exércitos arrogantes de César. Em algum tempo e lugar, o domínio universal os aguardava. Joel acreditava piamente que o dia estava próximo, mas nunca, nem nos sonhos mais loucos, ousara pensar que aconteceria enquanto andasse por este mundo. Voltou a apoiar-se no cotovelo, porque o homem ainda falava:

– Há cerca de 30 anos – disse, devagar, – fui a Jerusalém, para me registrar a fim de pagar os impostos, por causa do decreto do imperador. Ninguém podia ficar de fora. Você era muito pequeno e não se lembra do censo, meu amigo, mas, com certeza, já ouviu falar sobre ele.

– Já – confirmou Fineias, com respeito.

– Pois bem, eu estava no portão de Jafa, barganhando com um homem que vendia uma gaiola com tentilhões¹¹ que eu queria comprar para minha filha. Alguém falou conosco. Eram

11 Pássaros de pequeno porte.

vários homens estrangeiros, montados em camelo, que pediam orientação para encontrar o lugar que procuravam. As vestes deles eram luxuosas. Os arreios, os sinos de prata nos camelos e as roupas deles demonstravam riqueza. Via-se, no rosto deles, que eram sábios, homens letrados de países distantes. Nós o saudamos, mas perdemos a fala quando ouvimos a pergunta deles. Queriam saber onde estava o recém-nascido rei dos judeus, porque tinha visto a estrela dele no Oriente e tinham vindo adorá-lo. Eu e o vendedor de pássaros nos olhamos, boquiabertos e maravilhados. Os homens foram embora antes de encontrarmos palavras para responder. Rumores de todo tipo correram pela cidade e, no dia seguinte, grupos de pessoas por toda Jerusalém falavam dos homens misteriosos e da pergunta estranha. Até o rei se interessou, e marcou uma audiência com eles.¹²

12 Mateus 2.1-8.

– Alguém soube responder? –
perguntou Fineias.

– Não, mas fiquei com a firme
impressão de que Cristo tinha
nascido, e passei os últimos 30
anos perguntando a mim mesmo
onde nasceu o rei dos judeus. Eu
gostaria de encontrá-lo e adorá-lo.
Assim que voltar de Damasco, irei
a Caná, em busca do milagreiro.

O tom sério do homem impressionou
Joel profundamente. Durante a tarde,
passando pelas colinas nas alturas, o
pensamento ganhou força em seu íntimo.
Embora indefeso e deficiente, viveria para
ver a libertação de Israel e o filho de Davi
assentado mais uma vez no trono.

Prossiga, pequeno peregrino, feliz em
seus sonhos! O tempo está chegando,
contudo, caminhos cansativos e
sofrimento desesperançado estão entre
você e o amanhã. O rei está a caminho para
a coroação, mas a coroa será de espinhos!

Prossiga, pequeno peregrino, seja feliz
enquanto pode!

CAPÍTULO III

Já era quase noite quando a longa caravana parou, e foram montadas as tendas para a noite, perto de um riacho que nascia em uma fonte na montanha.

Joel, exausto da longa viagem, repleto de novas experiências, ficou feliz ao esticar seus membros com câimbras na manta que Fineias tirou das costas do camelo. Apesar dos olhos quase fechados, acompanhou a montagem da fogueira para o acampamento e os preparativos do jantar.

– Queria saber o que tio Labão faria, se estivesse aqui! – comentou com Fineias, dando um sorriso maroto. – Veja os homens sujos, a comida não foi abençoada e eles não lavaram as mãos. Nem ligam para a Lei. Tio Labão passaria a vida toda em jejum, mas não

provaria nada que passasse pelo fogo que acenderam. Posso até vê-lo na minha mente, segurando a veste e andando na ponta da sandália, com medo de ser tocado por alguma coisa impura.

– Seu tio é um homem bom – foi a resposta de Fineias. – Não quer transgredir a Lei.

– Sei disso. Mas prefiro seu jeito. O senhor jejua, faz as orações e ama a Deus e a seus próximos. Tio Labão dá muita atenção às duas primeiras práticas, porém não às outras duas. A vida é curta demais para passarmos o tempo todo lavando as mãos.

Fineias lançou um olhar penetrante ao rapazinho. Parecia tão perspicaz e envelhecido para a idade que tinha! O pensamento independente era raro em crianças que recebiam a mesma instrução que ele. Fineias não sabia bem o que responder, de modo que voltou a atenção para as frutas e o pão que trouxera para o jantar.

Na manhã seguinte, a caravana partiu sem eles, e os dois tomaram uma trilha estreita que levava a pastos nas encostas da colina, onde ovelhas e cabras se alimentavam.

O orvalho ainda cobria o capim, e o ar era tão fresco e suave naquela altitude mais elevada, que Joel seguia com força e vigor antes desconhecidos por ele próprio.

– Olhe! – exclamou, unindo as mãos maravilhado, quando uma curva fechada os levou perto do riacho que, muito mais abaixo, os refrescara na noite anterior.

A poesia dos Salmos subia aos lábios do pequeno israelita apaixonado pela natureza, com tanta facilidade quanto a respiração captava o ar úmido da manhã. Ele repetia, em voz baixa e reverente:

– O Senhor é meu pastor, nada me faltará.¹³ Ó, Rabi Fineias, o senhor sabia que existiam pastos tão verdes e águas tão calmas assim?

13 Salmos 23.1.

O homem sorriu diante da expressão radiante no rosto que o menino demonstrava para ele e murmurou:

– Sim, a terra e tudo que nela há pertencem ao Senhor.¹⁴ Temos, mesmo, uma herança maravilhosa.

Silenciados pelas vozes das colinas e pela beleza que os cercava, caminharam até outra curva na estrada. Bem à frente deles surgiu uma casa bem maior do que as outras nos campos. Tudo nela transmitia riqueza e conforto.

– Chegamos ao fim de nossa jornada – informou Fineias. – Lá está a casa de Natã ben Obede. Todos os rebanhos que vimos no caminho, na última meia hora, pertencem a ele, e é com ele que preciso negociar. Ficaremos aqui até depois do Shabath.

Ficou claro que os dois eram esperados, pois um servo correu para se encontrar com eles. Abriu o portão e conduziu-os até um pátio sombreado. Outro servo tirou

14 Salmos 24.1.

as sandálias deles e lhes deu água para lavarem os pés.

Nem bem tinham acabado, quando um homem idoso surgiu na porta. Sua longa barba e seu cabelo eram tão brancos quanto sua veste. Fineias fez menção de se curvar até o chão diante dele, mas o homem o impediu, pegando-lhe as duas mãos entre as suas e dando-lhe um beijo em cada lado do rosto.

– Paz seja contigo, filho de meu bom amigo Jessé! – falou. – Você é muito bem-vindo.

Joel ficou-se mais atrás. Sempre temia os estranhos, mas a acolhida cordial do homem logo o deixou à vontade. Nos poucos dias seguintes, passou muito tempo sozinho, porque o negócio que o senhor idoso tinha com Fineias exigia longas conversas.

Certo dia, os dois adultos foram a uns pastos distantes, e só voltaram ao cair da tarde. Joel não sentiu falta deles. Passava muitas horas aproveitando o sol do campo. Distraiu-se um pouco sentado à porta, lendo um pergaminho que Sara, a esposa de Natã ben Obede, lhe emprestara.

Sara era idosa, mas nem parecia, devido à energia com que realizava suas tarefas domésticas.

Joel leu um pouco, então notou que alguém cantava fora da casa, um canto de lamento monótono. Deixou a leitura e prestou atenção. O cântico não era alto, mas tão penetrante que não havia como ignorar e fixar a mente na história que lia, de modo que enrolou o pergaminho e devolveu-o ao baú de onde Sara o tirara. Enrolou o lenço em torno da cabeça, improvisando um turbante, e mancou na direção da voz.

Bem no canto da casa, sob um carvalho enorme, uma mulher batia manteiga. Três varas lisas, presas na ponta superior para formar um tripé, sustentavam uma bolsa de pele de cabra pendurada por longas tiras de couro. A bolsa estava cheia de creme. A mulher batia nela com violência, seguindo o ritmo da música estranha. Descalça, vestia apenas uma veste de algodão rústico. No entanto, um lenço vermelho alegre cobria-lhe o cabelo escuro, e anéis pesados, de cobre, enfeitavam-lhe o nariz e as orelhas.

A música cessou assim que ela viu Joel. Reconhecendo o hóspede de seu amo,

dirigiu-lhe um sorriso tão amplo que ele viu todos os dentes brancos e bonitos dela.

Joel não sabia muito bem como se comportar nesse encontro inesperado, mas teve a ideia de perguntar onde ficavam os abrigos das ovelhas e a torre de vigia.

– É longe – informou ela, em tom de dúvida.

Joel corou ao perceber que os olhos negros dela examinavam seu corpo deformado. Nesse instante, Sara surgiu à porta, e a serva repetiu a pergunta para sua senhora.

– Com toda certeza – falou Sara,
– você deve ir ver nossos pastores com os rebanhos. Temos muitos empregados agora, espalhados por todas as colinas à nossa volta. Rode, chame seu filho, diga para trazer aquele jumento que ele sempre leva para o mercado.

A mulher abandonou a manteiga e logo voltou com um garoto, quase da mesma idade de Joel, que puxava um jumento de uma orelha só. Joel sabia o que isso significava. O pobre animal

fugira para alguma propriedade vizinha, e o dono tinha o direito de cortar-lhe uma orelha, como castigo.

O garoto que puxava o jumento usava uma veste longa, de tecido de crina. Seus pés e pernas eram escuros, bronzeados do sol. A única cobertura em sua cabeça era uma cabeleira avermelhada, queimada de sol. Um dos olhos era um pouco estrábico, e o rosto, coberto de sardas. Fez uma reverência desajeitada para sua senhora.

– Buz – disse ela, – este rapaz é hóspede de seu senhor. Leve-o para ver os rebanhos e o abrigo dos animais. Ele não conhece nada da vida dos pastores, então preste atenção para agradá-lo. Espere! – prosseguiu, dirigindo-se a Joel – não vai dar para vocês voltarem antes do almoço, então vou lhe dar um lanche. Assim, vocês podem aproveitar o dia todo nos campos.

Assim que os dois meninos começaram a descer a colina, Joel deu uma olhada rápida em seu companheiro.

– Esse rapaz parece muito burro!
– pensou. – Duvido que ele tenha mais conhecimento do que esse animal sonolento em que estou montado. Acho que nem aprecia a beleza em volta dele. Fico feliz por não estar no lugar dele.

Buz marchava na poeira, ao lado, e olhou de soslaio para o pequeno deficiente montado no jumento e sentiu um arrepio em seu íntimo.

– Isso deve ser terrível – pensou. – Fico feliz por não estar no lugar dele.

Não passou muito tempo, e a timidez começou a desaparecer. Joel descobriu que o pastor de aparência estúpida possuía, sob sua moita de cabelos embaraçados, um cérebro muito ágil. Os olhos podiam ser meio tortos, mas sabiam exatamente onde encontrar, no meio dos arbustos, os ninhos dos pequenos pardais. E também tinham mira certa quando ele lançava pedras lisas que partiam de sua funda com um assobio.

– Qual a máxima distância que você alcança com a funda? – perguntou Joel.

Como resposta, Buz olhou em volta, à procura de um objeto para demonstrar sua habilidade. Apontou para um falcão que voava em círculos acima deles. Joel observou-o ajeitar a pequena pedra na funda. Pensava que o menino jamais acertaria uma ave tão distante. A pedra zuniu pelo ar como uma bala e o pássaro caiu alguns metros à frente deles.

– Viu? – perguntou Buz, antes de correr para pegar o falcão e exibi-lo com orgulho. – Acertei bem na cabeça.

Joel olhou para ele com respeito crescente.

– Deve ter sido uma funda assim que o rei Davi usou para matar o gigante¹⁵ – falou, após examinar o objeto com cuidado.

– Rei Davi – repetiu Buz, estupidamente. – Já ouvi falar nele, mas não sei nada sobre um gigante.

– Como assim? – perguntou Joel, espantado. – Onde você vive?

15 I Samuel 17.41-51.

Achei que todo mundo soubesse essa história. Você nunca foi à sinagoga?

Buz sacudiu a cabeça.

– Aqui não existem sinagogas. O senhor nos chama no Shabath e lê para nós, mas sempre cochilo quando fico muito tempo quieto, então sempre me escondo atrás de alguém e durmo. Os pastores sempre conversam sobre essas coisas, mas eu não fico muito com eles. Tenho sempre tarefas para fazer.

Chocado diante de tal ignorância, Joel começou a contar a história do rei pastor com tanta eloquência que Buz parou para ouvir. Diante disso, o jumento também parou, abanou sua única orelha e dormiu. Buz, porém, ouvia, mais acordado do que em qualquer outra ocasião em sua vida. Como era uma das histórias prediletas de Joel, ele contou de toda sua alma.

– Quem te contou tudo isso? – indagou Buz, respirando fundo depois que a história interessante acabou.

– Eu mesmo li!

– Você sabe ler? – perguntou Buz, fitando Joel com a mesma expressão que Joel olhara para ele, quando ele matara o falcão. – Não entendo como alguém consegue ler. Como você olha aquelas marquinhas esquisitas e as chama de rios, rebanhos e outras coisas? Uma vez eu olhei, quando o amo lia sobre uma grande batalha. Não vi nada parecido com guerreiro, espada, alabarda.¹⁶ Mas ele chamava tudo pelo nome. Umhas marcas poderiam ser pedras de fundas, mas não entendi como alguém podia encontrar sentido naquilo.

Joel se inclinou para trás e riu tanto que as colinas ecoaram com sua gargalhada. Até lágrimas corriam de seus olhos, e o jumento acordou e voltou a andar.

Buz não parecia nem um pouco abalado com a risada, mas ficou intrigado

¹⁶ Arma antiga, constituída de uma longa haste de madeira rematada em ferro largo e pontiagudo, atravessado por outro em forma de meia-lua.

com os motivos. Limitou-se a fazer uma parada e pegar mais pedras para a funda.

Logo adiante, encontraram alguns homens morenos, vestidos com peles, de cabelo grosso e rosto queimado de sol. Nem tinham ideia do que acontecia no mundo agitado fora daqueles campos! Conversando com eles, Joel descobriu que as conquistas de César e os assassinatos de Herodes chegavam a eles apenas como rumores vagos. Desconheciam as guerras e os tumultos políticos. Só sabiam falar sobre os rebanhos e a fé que possuíam, tão simples como a vida deles.

Joel, em sua sabedoria aprendida com os rabis, sentia-se muito superior àqueles homens, embora fosse criança. Todavia, aproveitou bem o dia na companhia deles. Almoçou com Buz, beberam água do riacho em copos feitos com folhas de carvalho e, por fim, dormiram ao som da música monótona das flautas dos pastores, que vinha dos terrenos mais elevados.

Acordaram no fim da tarde, com um trovão ressoando ao longe. Os pastores reuniam os rebanhos, e os cães pastores magros corriam de um lado para o outro, buscando as cabras que se afastavam.

Usando fundas e com a mira certa, os homens colocavam as ovelhas em fila, atirando dos dois lados. Guiavam os bois com toques dos cajados.

Joel olhou para o céu escuro, assustado:

– Ninguém esperava uma tempestade num dia lindo como hoje!

Buz fitou o horizonte:

– Eu pensei nessa possibilidade, porque hoje de manhã, no caminho, não vi teias de aranha no capim e as formigas não abriram a entrada do formigueiro. Todos os sinais indicavam chuva. Mas eu pensei que as últimas chuvas tivessem caído semanas atrás. Sempre fico feliz quando acaba a estação das tempestades. E a de hoje vai ser bem forte!

Buz coçou a cabeça e olhou para Joel:

– Aquele jumento lerdo não vai conseguir chegar em casa com você antes da chuva. Todo mundo vai ficar preocupado. É melhor eu te acompanhar até o abrigo

das ovelhas. Você pode passar a noite lá, com bastante conforto. Eu volto para casa correndo e digo onde você está. Amanhã eu volto para te buscar.

Joel hesitou, pois não queria passar a noite perto dos homens imundos. Entretanto, os trovões cada vez mais próximos calaram suas objeções. Enquanto o jumento subia com ele a encosta da colina, até o abrigo de paredes de pedra em volta da torre de vigia, os pastores chegavam aos portões com os rebanhos.

Joel observou as ovelhas passarem, uma a uma, na estrada estreita. Cada homem contava os animais sob sua responsabilidade, levava-os até o abrigo rústico e os deixava protegidos.

Uma choupana de bom tamanho se apoiava na encosta das colinas, para abrigar os pastores. Buz acompanhou Joel até lá, depois levou o jumento até um dos abrigos e correu na direção da casa.

Joel tremeu quando um clarão o cegou e, em seguida, um trovão sacudiu a cabana. O vento passava pelas árvores como espírito selvagem, assobiando e gemendo

em seu caminho. Joel ouviu um grito e olhou para a outra colina. Buz apostava uma corrida arriscada com a tempestade. Se mantivesse o ritmo, logo estaria em casa. Como parecia gostar da corrida, seus membros fortes o carregavam com facilidade. Parecia um pássaro voando!

Ao chegar ao topo, virou-se, olhou para trás, riu e abanou os braços, uma pequena figura cheia de energia colocada em alto relevo sobre o céu bronzeado. Joel o acompanhou com o olhar enquanto foi possível. Aí, o vento despencou das montanhas e imensas gotas de chuva começaram a molhar as folhas das árvores.

Os homens se reuniram na choupana. Um deles avançou para fechar a porta, mas parou subitamente, com a mão escura e cabeluda levantada.

– Ouçam! – exclamou.

Joel não ouviu nada além do assobio do vento nas copas das árvores, mas os ouvidos treinados do homem captaram o balido de uma ovelha desgarrada, muito ao longe, bem fraco.

– Bem que eu estava com medo de ter contado errado. Elas se empurraram e passaram rápido demais pelo portão, eu não tinha certeza da conta.

Dito isso, avançou até os ganchos na parede, pegou uma lanterna que estava pendurada e acendeu-a. Em seguida, amarrou bem o casaco de pele em volta do corpo, chamou um dos cães e se preparou para enfrentar a escuridão.

Joel viu o brilho vacilante da lanterna, que piscava tão incerta quanto um fogo-fátuo. Um momento depois, ouviu a voz grave do homem chamando com carinho a ovelha perdida. Aí, a tempestade desabou com tanta fúria que foram obrigados a se encostar na porta para mantê-la fechada.

Um após outro, os relâmpagos os cegavam. O vento rugia ao descer a montanha e batia com tanta força na casa que Joel prendeu a respiração, apavorado. A tempestade só diminuiu depois de meia-noite. Joel pensou no pobre pastor nas colinas, e estremeceu. Até os outros pastores pareciam preocupados, já que as horas passavam e o pastor não voltava.

Por fim, Joel adormeceu em um canto, em cima de uma pilha de peles com lã. Um brado o despertou, quando o céu clareava, ainda cinzento. Levantou-se e foi até a porta. Lá estava o pastor. Os braços, despidos, cortados por pedras e arranhados por espinhos. Escorria sangue de sua testa, havia se ferido em um galho caído. A lama que cobria a veste rústica mostrava que escorregara e caíra nas trilhas íngremes. Joel notou, e sentiu por ele, que o homem mancava como quem sente dor. Contudo, sobre seus ombros curvados, trazia a ovelha que tinha ido buscar tão longe. Assim que os gritos de boas-vindas voltaram a ressoar, a voz fraca de Joel também se levantou.

– Como ele é corajoso e forte! – pensou. – Arriscou a vida para buscar uma ovelhinha desprezível.

O coração do menino se apegou de forma estranha ao homem endurecido que segurava o animal trêmulo. Aquele homem não se dava conta de que fora além de suas meras obrigações.

Faminto, por não ter comido na noite anterior, Joel pensou em montar no jumento e voltar para casa sozinho.

Porém, quando se preparava para partir, uma cabeça despenteada bem familiar apareceu à porta do abrigo. Buz trouxera bolos de trigo e queijo para Joel comer no caminho.

Não falou muito, ocupado que estava em comer seu lanche. Buz olhava-o em silêncio, como se quisesse fazer uma pergunta. Só encontrou coragem quando o queijo desapareceu por completo.

– Você sempre foi assim? – perguntou abruptamente, mostrando as costas e a perna de Joel. Por algum motivo desconhecido, a referência não o magoou como de costume. Falou sobre o menino samaritano que o deixara aleijado. Como sempre, foi incapaz de contar a história sem se inflamar de ira. Ao chegar ao fim, a raiva o dominava.

– Eu me vingaria dele – falou Buz, empolgado, com um brilho de maldade nos olhos.

– Como? Faria ele ficar aleijado também?

– Faria coisa muito pior! – exclamou Buz, parando para mirar uma folha, e dando um tiro certo bem no centro com a funda. – Deixaria ele cego, bem assim! É muito pior ser cego do que manco.

Joel fechou os olhos e prosseguiu um pouco na escuridão. Depois, os abriu e deu uma olhada na paisagem à sua volta.

– Puxa vida! Seria horrível se eu não pudesse mais abrir os olhos – pensou. – É, Buz, você tem razão – disse, em voz alta. – É muito pior ser cego; então vou tirar a visão do Reum algum dia. Queria que fosse hoje!

Embora o milagre de Caná permanecesse o tempo todo na mente de Fineias, e muitas vezes bem perto de seus lábios, só mencionou o assunto a seu anfitrião na noite anterior à sua partida. A refeição estava quase no fim, e Natã ben Obede fez menção de se levantar, atônito, depois se largou no assento.

– Qual a idade desse seu amigo? – indagou.

– Uns 30 anos – respondeu Fineias. –
É um pouco mais jovem do que eu.

– Onde ele nasceu?

– Ouvi dizer que foi em Belém, mas
ele sempre morou em Nazaré.

– Estranho, muito estranho! –
resmungou o homem, acariciando,
pensativo, sua longa barba branca.

Joel estendeu a mão e tocou no braço
de Fineias:

– O senhor não vai contar para o rabi
Natã sobre a estrela maravilhosa
que foi vista na mesma época? –
perguntou, em voz baixa.

– O que foi? – perguntou o homem,
despertando de seu sonho.

Fineias repetiu sua conversa com o
estranho durante a viagem e, quando
terminou, Natã ben Obede trocou olhares
de entendimento com sua esposa.

– Mandem chamar Éber, o pastor
idoso – falou. – Preciso falar com ele.

Rode entrou para acender as lâmpadas.
Ele pediu que ela trouxesse para o centro

da sala um assento acolchoado que estava num canto.

– Éber, esse pastor idoso nasceu em Belém, mas, como os filhos e netos dele trabalham para mim, ele veio morar aqui no Norte. Antes, ajudava a cuidar do rebanho que pertence ao Templo, os animais usados para os sacrifícios. Sempre viveu com pureza, e nunca vi fé tão grande quanto a dele. Hoje, já tem mais de 100 anos, então, já devia ter certa idade na época em que aconteceram os fatos que ele vai contar para nós.

Logo um homem muito velho cambaleou pela sala, apoiado em dois netos fortes, que o levaram com carinho até o assento acolchoado, e depois foram esperar no pátio para acompanhá-lo de volta para casa. Como os homens que Joel vira na véspera, também vestiam peles e pareciam selvagens e grosseiros. Mas o patriarca envelhecido, de olhos enevoados e mãos trêmulas enrugadas, assentou-se diante deles como senhor respeitável, em um manto de linho fino. Saudou seus

novos ouvintes, feliz como criança, e começou a contar sua história.

À medida que os anos passavam, as lâmpadas de suas lembranças foram se apagando, uma a uma. Cenas bem conhecidas se tornaram obscuras, rostos antigos foram esquecidos. Já não lembrava nomes que antes conhecia como o dele mesmo, no entanto, esta única história continuava tão nova e real quanto tinha sido na noite em que acontecera.

As palavras eram simples, e a voz, trêmula de fraqueza, mas ele falava com um fervor dramático que levou Joel a se aproximar cada vez mais, até ficar ajoelhado aos pés do idoso, sem nem se dar conta disso, tão envolvido pela história maravilhosa.

– Tomávamos conta dos campos,
à noite – começou o velho pastor
– eu, meus filhos e meus irmãos.
Estava tudo silencioso, fazia frio,
e quase não conversávamos. De
repente, brilhou uma luz muito
forte sobre as colinas e planícies,
luz mais brilhante do que a da lua,
das estrelas, e do sol. Era um branco

tão celestial que soubemos que só podia ser a glória do Senhor, pelo que escondemos a face, de tanto medo. Caímos de rosto no chão. E, ó, um anjo, acima de nossas cabeças, falou conosco, do meio da glória, e disse: “Não tenham medo, porque eu trago boas notícias, da maior alegria, para todas as pessoas. Porque hoje nasceu, para vocês, na cidade de Davi, um Salvador, que é Cristo, o Senhor. E eis um sinal para vocês: encontrarão o bebê enrolado em faixas, deitado em uma manjedoura.” E, de repente, apareceu com o anjo o exército celestial, louvando a Deus, e dizendo: “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade entre os homens!”¹⁷ Ah, o som de regozijo que tomou todo o ar! Desde aquele dia, guardo essa antevisão do Céu!

O velho pastor fez uma pausa. Seu rosto, voltado para o alto, brilhava de um modo que os ouvintes, admirados,

17 Lucas 2.8-14.

pensaram que ele ouvia de novo o coral de anjos, que descera das torres de vigia do Céu, rumo ao lugar humilde onde os homens cuidavam das ovelhas naquela primeira noite de Natal. Após um silêncio solene, ele prosseguiu:

– E, quando a luz e a música nos deixaram, conversamos e nos levantamos apressados para ir a Belém. Encontramos o bebê em uma manjedoura, com Maria, a mãe dele. Caímos no chão e o adoramos.¹⁸ Já faz 30 anos que o Messias de Israel nasceu e ainda penso nisso todo dia. Gostaria de saber quando ele vai aparecer de novo para o povo dele. Com certeza, já está bem perto o dia em que ele virá retomar seu reinado. Senhor, não permita que teu servo parta sem que os olhos que contemplaram a criança vejam o Rei em sua beleza!

Joel permanecia ajoelhado perto do idoso Éber, sem fazer qualquer movimento. Fazia a ligação entre os fatos de que ouvira

18 Lucas 2.15-20.

falar nos últimos dias. Um bebê, aclamado por anjos, proclamado por uma estrela, adorado pelos magos! Um homem que, com uma só palavra, transformou a água em vinho.

– Eu ainda o verei! – levantou-se a voz do velho Éber, com tanta segurança sublime de fé que suas palavras ressoaram em cada coração presente.

Caiu sobre eles outro silêncio solene, tão profundo que se assustaram com o barulho de uma mariposa em volta da lâmpada. Então, soou a voz do menino, aguda com a ansiedade, mas em triunfo, como se inspirada:

– Rabi Fineias, foi ele que transformou a água em vinho! Seu amigo de Nazaré é o bebê de Belém!

O carpinteiro sentia um abalo estranho no coração, mas estava em dúvida. Não duvidava do nascimento de Cristo, o que aprendera durante toda a vida o levava a esperar isso. Mas, o Escolhido poderia ser amigo dele? Esse pensamento era demais para ele.

O pastor idoso recostou-se no assento, torcendo os dedos trêmulos, falando consigo mesmo. Repetia trechos da história que acabara de contar:

– E, ah, um anjo nas alturas! – murmurou. Depois, olhou para cima e falou baixinho – Glória a Deus nas alturas e paz, sim, paz na Terra!

– Parece que ele esqueceu tudo mais – falou Natã, com um sinal para que os homens que esperavam levassem o idoso para casa. – A mente dele se apagou, para guardar o registro exato da revelação daquela noite. Ele repete o tempo todo, quer tenha alguém para ouvir, quer não.

Os homens conduziram, com todo carinho, o velho pastor Éber, de cabeça e alma brancas. Joel achou que o rosto enrugado se iluminava com uma luz interior, não deste mundo, e que ele continuava entre os homens apenas para repetir incansavelmente sua única história. A história doce e estranha do primeiro Natal em Belém.

CAPÍTULO IV

Na manhã seguinte, uma caravana vistosa atravessou os portões da propriedade de Natã ben Obede. Já era quase a festa da Páscoa e ele, com muitos de sua casa, ia para Jerusalém.

Família e convidados seguiam na frente, em mulas e jumentos. Depois, vinham os servos, conduzindo cordeiros, cabras e bois para o sacrifício no templo, ou para serem vendidos a outros peregrinos em Jerusalém.

Por todo o caminho se viam homens consertando pontes, limpando fontes e poços, que logo seriam usados pelas multidões de viajantes. Todos os túmulos próximos às vias públicas seriam caiados. Os que estavam prontos reluziam através das árvores verdes, com o intuito de alertar os que passavam para a impureza que havia dentro deles. Se alguém, a caminho da festa, se aproximasse das tumbas, mesmo sem querer, ficaria impuro

e não poderia participar da Páscoa. Nada escapava aos olhos atentos de Joel, nem as tulipas e cravos nos campos, nem a pequena serpente que se arrastava pelo muro de pedra. Ainda assim, ele não perdia uma só palavra da conversa entre Fineias e seu anfitrião. O orgulho ancestral por sua nação tomou conta dele ao ouvir as profecias que os dois citavam.

Toda pessoa que encontravam no caminho, que voltava de Cafarnaum, tinha alguma coisa nova a contar sobre o profeta que surgira na Galileia. Uma grande decepção, porém, esperava por eles ao chegarem ao portão da cidade. Ele estivera lá, mas já partira.

Natã ben Obede e sua comitiva permaneceram ali apenas uma noite, depois voltaram a se apressar rumo a Jerusalém. Fineias os acompanhou.

– No próximo ano você irá conosco
– disse ele a Joel. – Você terá mais de 12 anos. Vou levar meus filhos e a mãe deles também.

– Só mais um ano! – exclamou Joel, alegre. – Se passar tão rápido quanto este, vai chegar logo.

- Cuide da minha família – pediu o carpinteiro, ao se separarem.
- Pode ir trabalhar todo dia, se quiser, como se eu estivesse lá. E, rapaz, não esqueça que você é quase um homem.

Quase um homem! As palavras ressoavam nos pensamentos do menino o dia inteiro, enquanto ele media, cortava, marcava o ritmo da batida do martelo e da serra. Quase um homem! Mas que tipo de homem? Aleijado, defeituoso, privado da força que deveria ser seu orgulho, roubado de seu direito sacerdotal de nascença. Jamais poderia atingir a estatura orgulhosa de um homem perfeito.

Ódio ainda mais ardente pelo inimigo que o transformara no que era brotou dentro dele. Queimava pela vingança, de tal forma que não conseguia trabalhar. Largou as ferramentas e subiu a estreita escada externa que levava ao telhado plano da casa do carpinteiro. Chamavam o lugar de “cenáculo”. Um cercado de treliça,¹⁹ entremeado com videiras, formava um

19 Sistema de vigas de madeira cruzadas.

refúgio verde fresco, onde poderia descansar e pensar, sem ser perturbado. Dali, enxergava as velas brancas no lago azul e as nuvens aveludadas no céu. Elas o fizeram lembrar dos pastos de Natã ben Obede e depois, naturalmente, pensou em Buz. Parecia ver os pequenos olhos tortos fazerem as folhas de alvo. Ouviu a pedra assobiar e atravessar a folha, enquanto Buz falava:

– Eu o deixaria cego!

Planos impossíveis de se realizar se esgueiraram pelos sonhos de Joel. Imaginou-se sentado em um trono, com vestes de governante. À sua volta, soldados aguardavam para realizar seus mínimos desejos. A porta se abriria e Reum seria trazido, em cadeias.

– Qual é seu desejo com relação a este prisioneiro, altíssimo soberano? – perguntaria o carcereiro.

Joel fechou os olhos e abanou a mão perante ouvintes imaginários:

– Levem-no para a tortura! Puxem os membros dele na roda! Marquem suas pálpebras com ferro quente! Que ele sofra tudo que um homem

pode sofrer e continuar vivo. Assim será feito a todo homem de quem o rei quiser se vingar!

Joel era criança o suficiente para sentir satisfação verdadeira na cena que imaginava. Porém, assim que ela desaparecia, era adulto o suficiente para saber que aquilo só aconteceria em sua imaginação. Jamais ocuparia posição que lhe permitisse tal vingança, a não ser que...

Naquele momento, pareceu-lhe que havia uma possibilidade. Fineias provavelmente encontraria o amigo de Nazaré na Páscoa. Nada mais natural do que renovarem a amizade. Aquele cujas mãos transformaram a água em vinho expulsaria o rei estrangeiro que usurpara o trono de Israel, que voltaria a ser ocupado por aquele em cujas veias corria o sangue real de Davi. Ninguém esperaria dele menos do que isso. O Messias viria para seu reino, e o pensamento levou Joel ao limite mais ousado.

Fineias fora amigo e companheiro de brincadeiras do menino. Com certeza ocuparia alta posição de poder. Através dele, então, surgia a grande estrada para a vingança.

Sem nem perceber, Joel ficou em pé com esse pensamento. Como jovem profeta, estendeu os braços na direção do templo distante. O grito de triunfo de Davi chegou-lhe aos lábios:

– Tu me vestiste com força para a batalha – murmurou. – Também me entregaste o pescoço de meus inimigos, para que eu destruía os que me odeiam!

Uma voz infantil suave ao pé da escada o despertou de seus sentimentos intensos.

– Joel! Joel! – chamava Rute. – Onde você está?

Em seguida, a voz de Jessé acrescentou:

– Queremos que você nos conte uma história!

Os filhos do carpinteiro e mais meia dúzia de amiguinhos deles correram escada acima. Joel, com a cabeça ainda nas nuvens, contou-lhes a história de um rei poderoso que chegaria para destruir todos os outros reis, e para transformar todas as águas de lágrimas de aflição em vinho vermelho de alegria.

– Acho que não gostei muito dessa história – foi o comentário sincero de Jessé. – Prefiro a de Golias, ou a dos ursos que comeram 40 crianças.²⁰

Joel, todavia, não se sentia inclinado a tais histórias. Usou um pretexto para fugir de seus ouvintes exigentes e foi até a praia. Ali, enquanto atirava pedras na água, ou escrevia na areia, estava livre para continuar com os sonhos fascinantes.

Não conseguiu trabalhar nada nas duas semanas seguintes. Observava os portões da cidade e as ruas, na esperança de ouvir notícias estarrecedoras de Jerusalém. Seus pensamentos eram tão vivos que não entendia como as pessoas permaneciam indiferentes. Abrasado pela confiança de que o homem de Nazaré era aquele em quem repousava a confiança da nação, ansiava saber mais sobre ele.

Fineias, contudo, pouco tinha a contar ao voltar. Havia encontrado o amigo duas vezes em Jerusalém. Continuava como sempre fora, tranquilo, sem chamar

20 II Reis 2.23-24.

atenção, sem realizar qualquer maravilha. Contaram a Fineias que ele expulsara cambistas do templo, e também os que vendiam pombos no pátio sagrado, mas Fineias não vira nada disso. Na verdade, ficara surpreso por ele causar distúrbios em público.

– Rabi Fineias – perguntou Joel, com voz trêmula – o senhor acha que seu amigo é o profeta que esperamos?

Fineias balançou a cabeça:

– Não, meu camarada, tenho certeza que não é.

– Mas, e os anjos, e a estrela? – insistiu o rapaz.

– Devem ter anunciado outra pessoa. Ele é o melhor homem que conheço, mas é tão rei quanto eu.

A resposta incisiva do homem despedaçou a última esperança de Joel. Decepcionado e abatido, voltou a trabalhar. Apenas com dinheiro conseguiria atingir seu objetivo de vida. E só com trabalho incessante juntaria as moedas que precisava.

Às vezes, Fineias se admirava com a persistência inabalável com que a criança se dedicava a suas tarefas, a despeito do corpo cansado e dolorido. Joel aprendeu a fazer caixas de joias de sândalo e recipientes bem enfeitados para guardar tinturas e cosméticos, que as damas da corte usavam.

Nos meses seguintes, pediu carona várias vezes nos barcos pesqueiros que aportavam em Tiberíades. Conquistou o favor do guardião dos portões com pequenos presentes que ele mesmo fizera, e sempre tinha permissão para entrar no palácio. Para as damas da corte, o que pagavam pelos belos objetos não passava de ninharia, mas, para Joel, o barulho das moedas escondidas nas dobras de suas vestes era uma pequena fortuna que crescia a cada dia.

CAPÍTULO V

Era manhã de sábado na casa de Labão, o fariseu. Joel, sentado sozinho no pátio, escutava sua tia falar com as crianças menores, enquanto as aprontava para irem à sinagoga.

Também vinham vozes do cenáculo, no andar de cima. Dois hóspedes haviam chegado na véspera, e agora conversavam animadamente com o anfitrião. Joel já sabia qual era o motivo da visita. Já tinham vindo uma vez, quando o pregador João Batista atraía multidões enormes de todas as cidades às margens do Jordão. As autoridades de Jerusalém os tinham enviado para averiguarem quem era aquele que, vestido com peles e vivendo no deserto, conseguia atrair tanta gente e suscitar tanta empolgação. Agora, a visita era semelhante, mas vieram por conta própria.

Surgira outro profeta, e o tal João Batista declarara que era maior do que ele.

Os homens o tinham visto expulsar os cambistas do templo, e ouviram muitos rumores alucinados sobre ele. Por isso, foram até o local onde ele morava, a pequena cidade de Nazaré, onde o ouviram falar na sinagoga.

Notaram o espanto crescente da multidão diante da eloquência do ensino dele, e viram a indignação pelo fato do simples filho do carpinteiro alegar ser o cumprimento das profecias de Isaías. Acompanharam quando o expulsaram da cidade, onde passara a infância, e estavam em Cafarnaum para poderem testemunhar, caso o impostor tentasse levar as pessoas pelo caminho errado com a repetição de suas alegações.

Joel ouviu tudo isso e muito mais, pois as vozes sérias chegavam até ele com clareza no silêncio profundo do Shabath. De certa forma, teve a fé abalada, mesmo reconhecendo a bondade de seu amigo Fineias, já que os dois doutores da Lei, eruditos, consideravam o homem um impostor.

Ficou de lado, em atitude de respeito, quando eles desceram a escada e cruzaram o pátio, a caminho do culto matutino.

A atitude digna, com as vestes longas balançando e os filactérios largos,²¹ impressionaram o garoto. Sabia que eram sábios e bondosos, cujo único objetivo na vida era observar até os menores detalhes da Lei. Ele os seguiu pelas ruas até a sinagoga. Não saudaram uma pessoa sequer, caminhavam com a cabeça curvada, em reverência para não permitir que o mundo exterior interferisse em sua meditação piedosa. A tia de Joel fora pelas ruas secundárias, como era costume das mulheres. Iam todas com o rosto oculto por véu.

A sinagoga, de pedra com entalhes lindos e duas filas de colunas de mármore, se destacava, em seu esplendor branco, como orgulho da cidade. Fora construída pelo comandante do batalhão que, embora fosse centurião romano, cria no Deus dos hebreus e era muito amado pelo povo.

Joel ergueu os olhos para a verga²² da porta, onde a vara de Arão e o pote de maná, esculpidos em pedra, lembravam constantemente aos adoradores a Mão

21 Mateus 23.5.

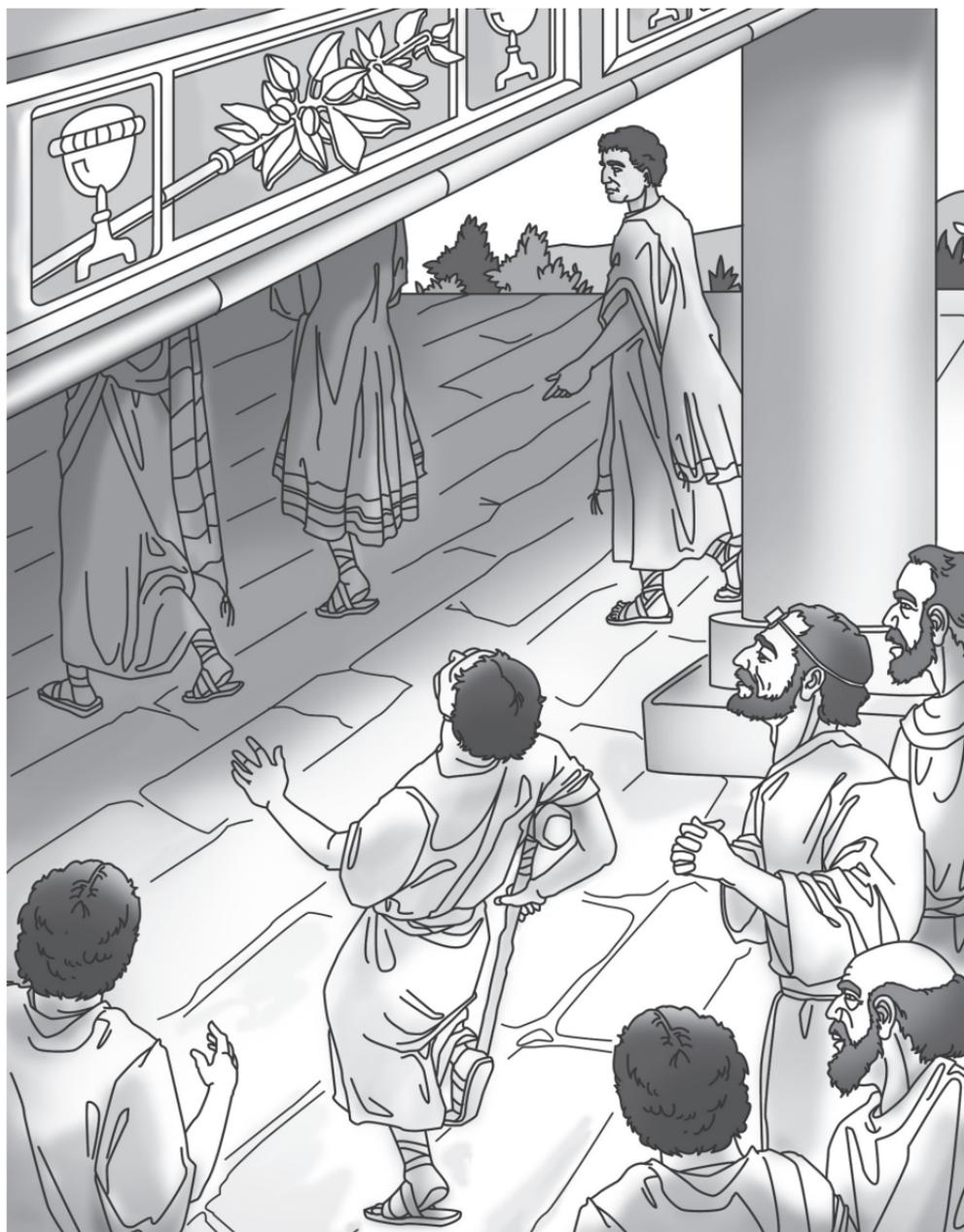
22 Barra delgada de metal.

que os alimentava e guiava de geração em geração. Devagar, Joel mancou até seu lugar na congregação. De frente para ele, nos assentos de honra, estavam seu tio e os hóspedes, entre os líderes da sinagoga.

Por um instante, os olhos de Joel observaram à sua volta, na esperança de encontrar o homem cuja fama começava a se espalhar por toda a Galileia. Havia boatos de que ele estaria lá. Mas só viu rostos conhecidos. Os anciãos assumiram seus lugares.

Os pensamentos de Joel voaram durante a leitura do salmo de costume, da bênção e até da repetição do credo. Quando o leitor pegou o rolo para ler o texto de Deuteronômio, o garoto deu mais uma olhadela em volta. Porém, quando a congregação se levantou e se voltou para o leste, obrigou sua mente a se fixar na obrigação daquele momento.

Cada adorador dedicado repetia em silêncio as 18 bênçãos, ou orações. Depois, o líder as repetia em voz alta e toda a congregação respondia com um “Amém” profundo. Joel sempre gostara dessa parte do culto, bem como do cântico que se seguia.



A inscrição no portal da sinagoga fala do cuidado de Deus.

Trouxeram outro rolo. O menino olhou, interessado. Provavelmente um dos hóspedes de seu tio seria convidado a ler, e depois explicar para o povo. Mas não, pois um estranho, que ele ainda não tinha visto e estava sentado atrás de anciãos mais altos, foi quem recebeu a honra. O coração de Joel bateu tão forte ao ouvir o nome do homem que sentiu o sangue correr. Era o amigo de seu amigo Fineias, o Rabi Jesus.

Joel se inclinou para frente, com a alma nos olhos, quando o estranho desenrolou o livro e começou a ler nos profetas. As palavras eram familiares, até as conhecia de cor. Todavia, jamais as ouvira com tal música, com tanto significado. O homem largou o rolo e começou a falar, e cada fibra de todo o ser do menino se empolgou em resposta à eloquência da voz e dos ensinamentos.

Toda a congregação se quedava fascinada, alheia a tudo, exceto à gravidade do preletor, que os movia e dominava como o vento que ondula o trigo.

Derepente, ouviu-se um grito selvagem, urro demoníaco que os paralisou de horror. Todos se viraram para identificar a fonte do som assustador. Bem ali, perto da porta, estava um homem que todos conheciam,

criatura infeliz que se dizia ser possuída por espírito imundo.

– Ah! – gritou, com voz horripilante.

– O que tenho a ver contigo, Jesus de Nazaré? Vieste nos destruir? Eu te conheço, tu és o Santo de Deus!

A agitação foi grande, especialmente na galeria das mulheres. Os mais próximos se afastaram o máximo possível. Todos os rostos demonstravam curiosidade e inquietação diante da interrupção. Apenas um rosto continuava calmo: o do Rabi Jesus.

– Aquiete-se e saia dele! – ordenou.

Ouviu-se mais um grito, pior do que o anterior, e o homem caiu aos pés do Rabi, em convulsão. Porém, em um instante se levantou de novo, calmo e totalmente são.²³ Os olhos não demonstravam mais loucura. Qualquer que fosse a maldição que o prendia antes, agora estava totalmente livre.

Outra vez, ouviu-se grande agitação na galeria das mulheres. Contrariando todas as regras e costumes, uma idosa empurrava as pessoas, para avançar. Desceu as escadas, atravessou a multidão de homens e chegou

23 Lucas 4.31-35.

ao filho que acabara de ser devolvido ao juízo perfeito. Com grande grito de alegria, caiu, desmaiada, nos braços dele, e foi levada para a pequena casa onde morava, não mais perseguida pela sombra da grande aflição.

Foi o assunto predominante daquele dia, até que o rumor de outro milagre cruzou a cidade. Fineias, voltando para casa após o culto da tarde, parou na casa de Labão e confirmou tudo.

Uma de suas vizinhas estava muito doente, com uma febre comum naquela região. Era sogra de Simão bar Jonas. O Rabi Jesus havia sido convidado para jantar lá. Assim que entrou na casa, pediram que ele a curasse. Em pé, ao lado dela, ele repreendeu a febre. Imediatamente, ela se levantou e foi ajudar a filha a preparar o jantar para o hóspede.²⁴

– Abigail foi lá ontem – contou Fineias – levar uma sopa que tinha feito. Pensou que a pobre criatura morreria durante a noite. Eu a vi há algumas horas. Está com a saúde perfeita, bem forte.

24 Marcos 1.30-31.

O sol se punha, o Shabath chegava ao fim. Uma multidão estranha enchia as ruas que levavam à casa de Simão bar Jonas. Homens levados em seu leito, crianças nos braços das mães, pessoas tomadas de febre, vítimas de paralisia, coxos, cegos, moribundos, todos iam cheios de esperança.²⁵ Que espetáculo se via do pequeno pátio, enquanto os últimos raios de sol tocavam os rostos pálidos e sorriam para olhos próximos da morte. Esperança para os desesperançados! Bálsamo para os de corpo e espírito abatidos! Havia celebração em quase todos os lares de Cafarnaum naquela noite, porque ninguém foi mandado embora. Ninguém foi recusado. Está escrito: “Ele impôs a mão em cada um, e os curou.”

Para não ficar atrás de seus hóspedes em termos de zelo pela Lei, o honrado Labão não seguiu a multidão, e declarou:

– Que os outros sejam levados por doutrinas estranhas e profetas falsos, se quiserem. Eu e minha casa nos apegaremos à verdadeira fé expressa por nossos pais.

25 Marcos 1.32-34.

Com isso, os três ficaram no cenáculo, no andar superior, e conversaram sobre o novo Mestre, balançando muitas vezes as cabeças sábias, em reprovação.

– Não é correto curar no sábado
– afirmaram. – Ele transgrediu a Lei abertamente duas vezes hoje. Vai levar toda a Galileia para o caminho errado!

A Galileia, todavia, pouco se importava se o caminho se afastava da fé estreita dos fariseus, desde que levasse à vida e à cura.

No jardim abaixo, as crianças se penduraram na treliça onde ficava a videira e espiavam a multidão através das uvas. Caso Labão não tivesse dado ordem estrita, teriam seguido junto. Viam gente que conheciam passar. Uns levados em liteiras, outros apoiados nos ombros de amigos. Um homem se arrastava com dificuldade, apoiado nas mãos e nos joelhos.

Pouco depois, as mesmas pessoas começaram a voltar.

– Joel, olha rápido! – gritou uma das crianças. – Olha ali o Simão ben Levi. Olha, ele não é mais paralítico! Não treme nem um pouquinho! E olha

ali a Martinha, que mora perto da casa da tia Rebeca! Você viu quando eles passaram aqui com ela no colo? Estava pálida e magra. Agora está correndo sozinha, com tanta saúde quanto a gente!

As crianças mal acreditavam no que viam, pois vizinhos que viviam presos na cama, inválidos, voltavam curados, cantando e louvando a Deus. Jamais esquecerão o que viram naquele dia. Continuaram ali até a noite cair e o último curado de coração jubiloso voltar para sua casa em festa.

Enquanto os pais, no telhado, decidiam que não aceitariam aquele homem, as crianças penduradas na treliça guardavam em seus coraçõezinhos puros as provas do poder e da bondade dele. Aproximaram-se de Joel na soleira da porta, e ele repetiu a história que o velho pastor Éber contara, dos anjos e da estrela, e do bebê que ele adorara naquela noite em Belém.

– Venham, crianças – chamou tia Léa, ao acender a lâmpada que deveriam arder a noite toda. – Venham! Hora de ir para a cama!

A prima Ana ficou mais um pouquinho com Joel e falou:

– Essa história é linda. Por que você não pede ao homem bondoso para consertar suas costas?

Por mais estranho que pareça, Joel ainda não tinha pensado nesse benefício para ele mesmo. Estava tão acostumado a pensar que seria aleijado para sempre, que nem as curas maravilhosas que testemunhara haviam despertado nele a esperança. Diante da pergunta da garotinha, nova vida pareceu se abrir diante dele. Sentado à porta, pensou nisso até tio Labão descer e, com firmeza, ordenar que fosse para a cama. Entrou em casa, dizendo baixinho para si mesmo:

– Amanhã vou me encontrar com ele. É, amanhã, bem cedo.

Foi estranho, mas um antigo provérbio cruzou sua mente: “Não se glorie no amanhã. Não sabes o que o dia pode trazer.”

CAPÍTULO VI

Ao sair de casa, na manhã seguinte, bem cedo, Joel viu uma multidão decepcionada vindo da direção da casa de Simão, à beira do lago.

- De onde vem toda essa gente?
- perguntou ao filho do padeiro, a quem encontrou na primeira esquina.

O menino parou com um assobio, apoiou no joelho a cesta cheia de pão saído do forno e informou:

- Todo mundo foi procurar o Rabi que curou as pessoas ontem à noite. Sabia – acrescentou, rapidamente, como se a notícia fosse boa demais para aguardar – que ele curou minha mãe? Nem dá para você imaginar como minha casa está diferente, com ela andando de um

lado para outro, forte e bem de saúde como antes.

Os olhos de Joel brilharam:

– Você acha que ele fará alguma coisa por mim se eu for encontrá-lo agora? – perguntou, ansioso. – Acha que ele pode endireitar costas tão tortas quanto as minhas? Ah, você acha que ele pode me curar?

O menino examinou Joel, com ar crítico, e respondeu em tom definitivo:

– É, parece que é tão difícil consertar você quanto o velho Jeremias, pai do alfaiate. Você sabe, ele era todo torto. Bem, eu vou dizer uma coisa: olha ele ali!

Joel olhou para o outro lado da rua. O rosto enrugado do velho fabricante de cestos era muito conhecido no mercado, mas Joel mal reconhecia o corpo que tinha sido aleijado. Recuperara sua forma original.

– Vou procurá-lo agora mesmo!
– declarou, correndo em sua empolgação. – Não posso esperar nem um minuto mais!

– Mas ele foi embora – gritou o menino. – É por isso que as pessoas estão voltando.

Joel caiu sentado em uma pedra que se projetava de um muro.

– Foi embora! – repetiu, melancólico. Foi como se estivesse morrendo de fome, alguém aproximasse alimento de seus lábios e depois levasse para longe. Tanto seu coração quanto seus pés pesavam como chumbo quando se levantou, pouco depois, e se arrastou devagar até a casa do carpinteiro. A decepção de chegar tão perto da cura para depois perdê-la era amarga demais.

Não foi saudado pelo alegre som do martelo. As ferramentas jaziam imóveis sobre a bancada de trabalho.

– Mais uma decepção – pensou. Pombos arrulharam, e ele viu o lindo cabelo de Rute no meio dos lírios do jardim.

– Onde está seu pai, pequenina? – perguntou.

– Saiu com o homem que faz todo mundo sarar.

Depois de responder, veio pulando pelo caminho e ficou perto dele, para dizer, em tom confidencial:

– Eu vi o homem bom entrar na casa de Simão. Espiei entre as roseiras e ele olhou bem para mim. Senti muito amor por ele!

Joel contemplou o lindo rosto de bebê e pensou que devia ser uma imagem muito linda, com uma moldura de rosas, sorrindo para Aquele de coração bondoso, que seguia em sua missão de ajudar e curar. Ela estendeu a mãozinha e pegou a de Joel. Com isso, conduziu-o de volta à esperança. Levou-o até sua mãe, que o consolou e assegurou-lhe que Fineias deveria voltar logo e, sem dúvida, traria o amigo com ele.

Assim, veio mais um período de trabalho solitário, e o sonho da hora que, com certeza, se aproximava. Agora, os sonhos tinham sabor mais especial, pois, junto à esperança de se vingar, havia a crença na possibilidade de cura.

Só uma vez tiveram notícia dos ausentes. Ouviram dizer que um leproso

tinha sido curado. Joel ouviu a história pela primeira vez na alfândega. Acostumara-se a caminhar naquela direção depois do trabalho, pois muitos barcos de mercadores paravam ali ao cruzar o lago, e também os que partiam de Cafarnaum, todos pagavam os impostos. Era, também, o lugar onde passava a grande estrada do comércio do Oriente, que levava de Damasco aos portos do Oeste. Dessa forma, sempre havia ali muitos viajantes que traziam as últimas notícias do mundo exterior.

O menino não sabia, enquanto mancava de um lado para outro à margem da água, ansioso por ouvir notícias de seus amigos ausentes, que havia por perto alguém quase tão ansioso quanto ele. Era Levi Mateus, um dos funcionários do Governo, que ocupava um cargo na alfândega. Nascera na mesma tribo sacerdotal que Joel, mas descera muito baixo ao aceitar a função de coletor de impostos. O correto Labão não tocava nele nem com a ponta da sandália.

Um provérbio dizia: “Ursos e leões podem ser os animais mais ferozes da floresta, mas os publicanos e os informantes são os piores nas cidades”. Eles não podiam

testemunhar nos tribunais, e a desgraça se estendia a toda a família. Chegavam a ser colocados em pé de igualdade com ladrões e assassinos. Sem dúvida, havia motivos profundos para esses sentimentos. A classe tendia a ser inescrupulosa e injusta. Talvez houvesse homens bons no meio deles, mas a companhia em que viviam os condenava ao desprezo de ricos e pobres. Quando o judeu odeia ou despreza, o faz por completo. Não há posição intermediária para sua natureza intensa.

Assim, aquele filho de Levi, sentado em seu lugar na alfândega, e o filho de Levi que passava por ele estavam tão separados quanto o leste do oeste, eram completamente diferentes, como se fossem o espinho e a flor que nasceram no mesmo caule tribal.

Mateus conhecia todos os pescadores e donos de barco que se reuniam na praia movimentada em frente a seu gabinete. Os filhos de Jonas e de Zebedeu passavam por ele diariamente, e ele deve ter ficado intrigado quando eles abandonaram as redes e deixaram tudo para seguir um estranho. Também deve ter se admirado diante dos relatos em todas as bocas e

dos milagres que ele mesmo presenciou. Porém, apesar da atração exercida pelo novo mestre de Nazaré, talvez ele não tenha pensado que a mão e a voz se dirigiriam a ele. Era publicano, e ninguém poderia chegar tão baixo.

Uma caravana acabara de chegar. Os animais foram aliviados do peso, fardos e pacotes abertos, cartas privadas eram fiscalizadas. Os funcionários da alfândega, insolentes, jogavam objetos de um lado para o outro, listando os itens sujeitos a impostos. Joel observava sem muito interesse, pois já assistira dezenas de cenas semelhantes. De repente, reparou que um grupo se reunia em torno de um dos recém-chegados. Ele contava o que tinha visto na viagem. Vários companheiros, barulhentos, o interrompiam para confirmar sua história.

– E o homem que um minuto antes era o leproso mais miserável estava ali, na nossa frente, limpo de toda lepra. A pele dele ficou lisa e macia como de uma criança, e o rosto ficou como era antes – contou o viajante.

Joel e Levi Mateus observavam, lado a lado. Em qualquer outro momento, o menino teria segurado a roupa, para evitar se encostar no desprezível coletor de impostos. Todavia, nem notou que estava bem perto dele.

Depois de escutar tudo que havia para ser narrado, afastou-se mancando, a fim de contar a novidade para Abigail. Saber que havia gente sendo curada todos os dias o deixava ainda mais impaciente pela volta de seu amigo Fineias.

O publicano voltou para sua pena e seu caderno de contas. Também esperava a volta do Nazareno com o coração ardendo, sem saber o motivo.

Por fim, Joel ouviu a notícia que ansiava, de forma muito inesperada. Mais uma vez havia hóspedes na casa de Labão. Eram um dos rabis que estiveram lá antes e um escriba de Jerusalém. As conversas no cenáculo eram mais longas, e as cabeças balançavam com mais seriedade por causa do falso profeta, cuja fama se espalhava cada vez mais. O milagre da cura de um paralisado no poço de Betesda,²⁶ quando

26 João 5.1-9.

o profeta fora a Jerusalém para uma das muitas festas, agitara até os locais mais longínquos da Judeia. Os dois homens foram enviados para investigar os acontecimentos.

Na mesma tarde em que chegaram, correu o rumor de que o Rabi Jesus voltara à cidade. O anfitrião os conduziu, com a maior pressa permitida pela dignidade deles, à casa onde diziam que ele pregaria. Pessoas comuns se afastavam quando os viam e abriam passagem até o meio da multidão.

O Rabi estava à porta, de modo que tanto os de dentro da casa quanto os de fora o ouviam com clareza. O escriba nunca o vira, e, apesar do preconceito arraigado, não conseguiu evitar a admiração pelo homem que viera pronto a desprezar. Não estava diante de nenhum fanático, não era um doido eloquente a provocar a multidão! Viu um homem de grande dignidade. A verdade despontava das profundezas de seus olhos tranquilos. Cada palavra, cada gesto, demonstrava sua convicção de falar com autoridade concedida por Deus. À medida que o escriba ouvia, sua inquietação crescia, estimulada pela gravidade do tom de voz do que falava.

Grande comoção tomou conta das pessoas mais afastadas do centro da roda, pois alguém tentava passar por todos para se aproximar do Mestre.

– Voltem! Vão embora! – exigiam vozes iradas.

O escriba era bem alto e, esticando-se um pouco, conseguiu enxergar por sobre a cabeça dos outros. Quatro homens tentavam carregar um paralítico através da multidão, mas ninguém queria aceitar a interrupção. Depois de procurar, em vão, uma abertura por onde pudessem passar, decidiram subir a escada inclinada e estreita que ficava do lado de fora da casa. Levaram o homem até o teto plano, com seu leito e tudo. Ouviu-se então sons de pessoas arranhando e arrastando, pois eles afastaram os gravetos e retiraram a argamassa que formavam a frágil cobertura do telhado. Em seguida, as pessoas que estavam na casa viram descer, devagar, entre as vigas, o homem que nenhum obstáculo impediria de chegar até o Grande Médico.

As mãos paralisadas, porém, não podiam se levantar em súplica. A língua não

era capaz de pronunciar qualquer pedido. Apenas os olhos do enfermo conseguiam fixar a face compassiva inclinada para ele, e, assim, pedir a bênção.

O escriba inclinou-se para a frente, pronto a ouvir a ordem para o homem se levantar. Surpreso e horrorizado, ouviu:

– Filho, teus pecados estão perdoados!

Olhou para Labão e para seu companheiro, e os três trocaram olhares carregados de significado. Voltaram a fixar o Rabi, e os olhos dele demonstravam ler os pensamentos mais íntimos.

– Por que vocês abrigam pensamentos maus no coração?
– a pergunta foi tão direta que assustou. – O que é mais fácil dizer ao paralítico: teus pecados estão perdoados, ou, levanta, toma teu leito e anda? – nesse ponto, virou-se para o homem que jazia a seus pés, desamparado – Eu te digo, levanta, toma teu leito e vai para tua casa.

O homem ficou em pé, pegou o tapete pesado em que estivera deitado, e saiu, correndo e pulando.²⁷

Sem uma palavra sequer, Labão e seus dois hóspedes seguraram as vestes com cuidado e atravessaram a multidão. Fineias, em pé ao lado do portão, saudou-os com respeito. Labão se limitou a afastar os olhos, com desprezo, e prosseguiu.

– Esse homem mente e blasfema! – exclamou o escriba na privacidade do jardim de Labão.

– Só a Deus cabe perdoar pecados! – acrescentou o outro. – O paralítico deveria ter levado oferta pelos pecados ao sacerdote. Só temos esperança de perdão através do sacrifício de sangue.

– Mas ele o curou – disse o escriba pensativo.

– Pelo poder de Satanás! – interrompeu Labão. – Ele blasfemou quando disse que pode perdoar os pecados.

²⁷ Lucas 5.17-26.

O outro fariseu inclinou-se para dizer em um sussurro marcante:

– Nesse caso, você sabe o que a Lei manda fazer. Ele deve ser apedrejado até a morte, seu corpo deve ser pendurado em uma árvore e depois queimado, para vergonha!

Joel, recém-chegado de uma viagem a Tiberíades em um pequeno barco à vela, entrou no jardim pouco depois. Estivera fora desde cedo, de modo que não sabia de nada que acontecera. Alcançara sucesso na venda de seus objetos, e estava mais alegre do que normalmente. Quase desmaiou ao ouvir o tio chamá-lo para ir até o jardim naquele instante.

Obedeceu, surpreso, e os três o questionaram e voltaram a questionar. Não tinha muito a revelar sobre os planos de seu amigo, mas reconheceu, orgulhoso, que Fineias conhecia o homem famoso de Nazaré desde a infância, e era um de seus seguidores mais dedicados.

– Esse tal de Fineias é um traidor da fé! – urrou Labão. – É perigoso, está combinado a esses outros para trazer grande mal à nossa nação.

O escriba e o rabi balançaram a cabeça em aprovação.

– Ouça bem! – gritou Labão. – Você nunca mais pisará na casa dele, nem se comunicará com ele, nem com os conhecidos dele. Não pense que é apenas ameaça. Se você me desobedecer, vai desejar nunca ter nascido! Pode ir embora!

Surpreendido e assustado demais para dizer qualquer coisa, o menino saiu de fininho. Deixar de ir todos os dias à casa do carpinteiro significava abrir mão do que tornava sua vida tolerável. Não poder falar com os conhecidos dele implicava em perder toda esperança de cura. Contudo, não ousava se rebelar. A obediência às autoridades era enfatizada demais naquela época. Não era possível se rebelar sem um motivo muito grave. O tio, porém, parecia temer que a ordem dura fosse ignorada, de modo que passou a vigiar Joel, que, raramente saía sozinho do jardim.

Certo dia, o garoto estava sozinho junto à treliça, olhando para a rua, onde queria muito estar, já que não tinha liberdade para sair. Uma garota, com um

bebê no colo, conversando com outra criança que se agarrava à saia dela, se aproximou. Era Jerusa. Joel jogou uma uva verde nela, para chamar-lhe a atenção. Depois, acenou disfarçadamente para ela chegar mais perto. Ela colocou o bebê no chão, entregou-lhe uma pulseira para se distrair e ouviu o relato sussurrado dos problemas do menino.

– Isso é uma vergonha! – declarou, indignada. – Vou agora mesmo à casa do carpinteiro, vou dizer porque você não pode ir lá. Depois, vou observar tudo que acontece, para lhe contar. Passo aqui todo dia, e, se tiver alguma novidade, vou jogar uma pedrinha por cima do muro e cacarejar como galinha. Aí, se ninguém estiver olhando, você pode vir de novo até esse buraco na treliça.

No dia seguinte, Joel, apressado, se dirigia à casa do padeiro, pois sua tia o mandara ir até lá. Ouviu alguém chamando por ele. Em um segundo Jerusa estava ao alcance de sua voz, quase dobrada sob o peso do irmão que ela carregava, como de costume.

– Isso! – falou, com um sopro de alívio, ao colocar o bebê em pé no chão. – Espere até eu recuperar o fôlego. Não é fácil carregar esse peso todo e correr! Como você conseguiu sair?

– Minha tia precisava de uma coisa da rua e não tinha mais ninguém para vir.

– Ah, eu tenho grandes novidades! Você nem vai adivinhar o que aconteceu! O Rabi Jesus chamou Levi Mateus para ser discípulo dele e ir com ele para toda parte. Pensa nisso! Um daqueles terríveis cobradores de impostos. Ele acertou todas as contas e deu dinheiro aos pobres. E vai ter uma grande festa! Contaram-me que o açougueiro e o vendedor de vinhos comentaram que ele encomendou muitas coisas. Todos os publicanos e as pessoas mais comuns que são amigas deles foram convidadas. Ah, seu amigo carpinteiro também. Agora, pense bem nisso! Ele vai sentar à mesa e comer com toda essa gente! Claro

que nenhuma pessoa respeitável vai querer se relacionar com ele depois disso. Acho que, no fim das contas, seu tio estava certo com respeito a ele.

O rosto e a atitude da pequena garota demonstravam profundo desprezo. Joel ficou chocado:

– Você tem certeza? – gritou. – Você deve estar enganada! Isso não pode ser verdade!

– Acho que sei o que vejo com meus próprios olhos e ouço com meus ouvidos! – retrucou ela, brava. – Meu pai falou que eles são um bando de gente ruim. Amigos de publicanos são tão impuros quanto eles. Se você sabe mais do que todo mundo, não vou mais me dar ao trabalho de correr atrás de você com novidades. Bobagem minha!

De queixo para cima, nariz empinado, ela arrastou o irmão, passou por Joel e virou rapidamente a esquina.

A indignação de alguns rabis foi ilimitada.

– Acabou sendo como eu previ – disse o escriba a Labão, durante o jantar. – Não passam de um bando de glutões e beberrões!

Só se falou nisso durante todo o jantar. O sangue de Joel fervia! Parecia que ia engasgar com a comida. Enquanto eles dirigiam um comentário vulgar após outro contra seu amigo Fineias, toda a bondade e cuidado que o homem sempre lhe dedicara parecia crescer diante dele. Mas, quando se voltaram contra o Nazareno, as histórias que ouvira na casa do carpinteiro sobre a bondade dele na infância, tudo que o próprio Joel vira sobre sua humanidade altruísta e pura, pareciam clamar contra tão grande injustiça.

Era coisa muito séria uma criança contradizer os doutores da Lei e, num caso como esse, a atitude de Joel foi quase um crime. A lembrança de dois rostos, porém, lhe deu coragem: o de Fineias, olhando para ele nas felizes horas em que trabalhavam juntos, e o outro que ele vira apenas uma vez, no dia da cura na sinagoga. Mas, quem olhasse uma só vez a pureza daqueles olhos e a ternura infinita

do rosto, não conseguiria permanecer calmo, sem levantar a voz contra a calúnia dos inimigos. O pequeno deficiente tinha até os lábios brancos e tremia da cabeça aos pés ao se levantar para falar.

O escriba levantou as duas mãos e se virou para Labão com expressão carregada de significado, e falou:

– Pensar em tamanha heresia em sua casa! Em seus próprios filhos!

– Ele não é meu filho! – rebateu Labão. – Nem ficará junto com eles!

Em seguida, voltou-se para Joel:

– Garoto, retire tudo que você acabou de falar. Jure renegar esse homem, esse filho da perdição, sem jamais voltar a falar bem dele!

Joel olhou em volta da mesa. Todos os rostos pareciam pálidos e excitados à luz amarelada do lampião. Os olhos dele estavam dilatados de medo, o coração pulava tanto durante a pausa que se seguiu, que ele achou que todos ouviam também.

– Não posso fazer isso! – disse, em voz rouca. – Ó, eu não posso!

– Então desapareça da minha frente para sempre. As portas desta casa jamais voltarão a se abrir para você!

Houve uma tormenta de abusos da parte do homem irado diante do desafio à sua autoridade. Com os dois outros homens sérios, balançando a cabeça em aprovação a seu zelo, ele foi muito além do que teria ido em circunstâncias normais. Com um último olhar à volta da mesa, o menino se apressou a sair da sala. A porta da rua rangeu atrás dele e Joel mancou para a noite, com a maldição do tio ecoando em seus ouvidos.

CAPÍTULO VII

No início daquela noite, Fineias seguia pela praia, rumo à sua casa, quando viu uma pequena figura encolhida na escuridão de um prédio baixo, perto do atracadouro,²⁸ tremendo enquanto soluçava violentamente. Avançou até a criança e afastou a mão com que ela cobria o rosto, olhando para ela com expressão de piedade. Assustou-se com o que viu. Era Joel!

- Meu menino! Meu pobre menino!
- exclamou, passando o braço pelo corpinho trêmulo e deformado. – O que significa esse pranto todo?
- Tio Labão me expulsou de casa!
- soluçou o garoto. – Ficou bravo porque o senhor e o Rabi Jesus foram

²⁸ Lugar onde se amarram embarcações.

convidados para a festa de Levi Mateus. Ele disse que eu neguei a fé, que sou pior do que um pagão. Falou que só presto para ser um pária, com os cães e os publicanos! – e Joel concluiu com um gemido – Oh! Ele me expulsou com uma maldição!

Fineias puxou o menino para mais perto de si, e apoiou a cabeça dele em seu ombro, demonstrando compaixão em silêncio.

– Sem pai, sem mãe e aleijado! – soluçou Joel, amargo. – E, agora, pária sem teto, arruinado por uma maldição. Fiquei aqui com os pés na água, pensando que seria muito fácil me jogar e esquecer tudo. Mas, Rabi Fineias, aquele rosto não sai da minha mente. O rosto do seu amigo. Eu fico todo o tempo vendo.

Fineias o segurou tão fortemente em seus braços, que Joel sentiu as batidas fortes e cadenciadas do coração do carpinteiro.

– Meu menino – disse, solene – não me chame mais de rabi! Daqui em diante serei seu pai Fineias. Você será meu filho!

– Mas tem a maldição! – soluçou Joel. – Fui amaldiçoado! Vai passar tudo para o senhor também!

– De jeito nenhum – foi a resposta tranquila. – Está escrito: “Como o pássaro que foge, como a andorinha no seu voo, assim, a maldição sem causa não se cumpre.”²⁹

Todavia, o menino ainda tremia como se estivesse com frio, embora seu rosto e suas mãos ardessem.

– Venha!

Fineias o pegou em seus braços fortes, e carregou-o pela praia, até entregar ao cuidado e consolo maternos de Abigail.

– Ele vai levar muito tempo para esquecer isso – disse ela ao marido, quando, finalmente, Joel conseguiu se acalmar e dormir.

– Ah, esse coraçãozinho fiel! – comentou ele. – Sofreu muito por causa da amizade que tem por nós.

Pobre barquinho assolado pela tempestade! Nos dias que se seguiram,

²⁹ Provérbios 26.2.

encontrou motivos para bendizer os ventos impetuosos que o levaram a porto tão seguro e feliz!

A manhã de primavera raiou nas encostas do Monte Hattin. A luz desceu devagar daquela velha montanha, até cair sobre um pequeno grupo de homens que conversavam assuntos sérios. Ali estava o Pregador da Galileia, que acabara de escolher 12 dos homens que o seguiam para ajudá-lo em seu trabalho. Todos se aproximaram dele, na alvorada fresca da montanha, enquanto ele descrevia a vida que os esperava. Estranho ninguém desistir diante do que ele dizia. Ninguém se afastou desanimado. Não, não era estranho! Fazia semanas que o seguiam. E haviam aprendido a amá-lo tanto, que ao ouvi-lo dizer “segue-me”, eles se afastaram da cobrança de impostos e da pesca. Havia um laço mais forte do que aquele que os prendia à família. Mais ou menos na mesma hora, Fineias e Joel saíam de Cafarnaum, rumo à montanha.

Centenas de pessoas já estavam a caminho. Gente de todas as partes da Judeia e até do outro lado do Jordão. Nuvens de

poeira se levantavam da estrada, à medida que os viajantes avançavam.

Como Joel andava devagar, quando chegaram à planície, grande multidão já estava reunida.

– Vamos mais perto – sussurrou.

Ouvira contarem que bastava tocar nas vestes do estranho rabi para ser curado, e, na esperança de conseguir tocar nele, sem ser visto, implorara a Fineias para levá-lo em caminhada tão longa e difícil.

– Tem gente demais agora – falou Fineias. – Vamos ficar aqui um pouco e ouvir. Vou colocar você aqui em cima dessa pedra grande, para você conseguir ver. Pziu! Ele está falando!

Joel olhou e, pela segunda vez na vida, ouviu palavras que o despertaram como o chamado de uma trombeta, palavras que jamais cessaram de ressoar. Com que poder elas devem ter chegado, quando pela primeira vez, ela quebraram o silêncio daquelas montanhas silvestres!

Joel esqueceu as pessoas que se acotovelavam à sua volta, esqueceu até

mesmo onde estava, enquanto cada sentença parecia se aplicar a ele, acenando com uma vida mais elevada do que ele jamais sonhara. Parecia que a voz o conduzia, degrau a degrau, por uma escada de pensamento que o afastava de tudo que era comum e terreno, até um pico de amor e luz infinitos.

Ainda nesse ponto a voz o conduzia:

– Vocês ouviram o que foi dito:
“Olho por olho e dente por dente”.

Joel saltou ao ouvir o ditado que tanto repetia. Quase perdeu o equilíbrio sobre a pedra.

– Mas eu digo: não resistam ao mal. Mas, se alguém bater em sua face direita, ofereça também a outra. ... Vocês ouviram o que foi dito: “amem o próximo e odeiem o inimigo”. Mas, eu digo: amem os inimigos, abençoem os que amaldiçoarem vocês, orem pelos que fazem mal a vocês e os perseguem.³⁰

Pobre Joel! Como era difícil aceitar tal doutrina! Não conseguia abrir mão de

30 Mateus 5.38-48.

sua esperança de vingança, afinal, crescera com ela, era tão chegada quanto a própria vida. Ouviu pouco do restante do sermão, pois as palavras ecoavam em sua mente:

– Abençoe quem te amaldiçoou! Faça o bem a quem lhe odeia! Ore pelos que lhe trataram mal!

– Eu não consigo! Não consigo! – gemeu, em silêncio.

– Encontrei uma carona para você voltar para casa – disse Fineias, quando o sermão terminou, e a multidão começou a descer pelas trilhas estreitas da montanha. – Mas dá tempo de você ir até lá, pedir para ele lhe curar. É só pedir.

Joel deu um passo à frente, ansioso, mas depois retrocedeu, sentindo-se culpado.

– Agora, não – murmurou. – Outra hora.

Não conseguiria fitar os olhos puros para pedir a bênção, tendo em vista que seu coração estava carregado de ódio. Após tantas semanas, a oportunidade surgira, mas ele não ousava permitir que Aquele que não tem pecado olhasse para sua alma.

Fineias ia expressar surpresa, mas alguém o interrompeu com uma pergunta. Joel aproveitou para ocupar seu lugar atrás do homem que lhe oferecera carona. Durante o caminho, pensou o tempo todo nos dois desejos em sua mente: a esperança de cura e a esperança de se vingar.

Quando as figueiras guardiãs surgiram à vista, havia decidido. Preferia seguir pela vida mancando, sem desistir de seu propósito tão acalentado. Naquela noite, porém, não conseguiu dormir em seu quartinho no teto. Parecia ver o rosto cativante na encosta da montanha. As palavras voltavam seguidamente:

– Abençoe a quem lhe amaldiçoar!
Ore por quem lhe fizer mal!

Lutou a noite inteira para não ceder. Virava de um lado para outro na cama e fechava os olhos, mas não esquecia. Lembrou da luta de Jacó com o anjo até o amanhecer. Sabia, em seu coração, que o doce espírito do perdão combatia sua natureza egoísta, que isso era um impulso celestial, de outro mundo.

Por fim, quando o galo começou a cantar, ao raiar do dia, levantou seu

corpinho deformado e ajoelhou-se com o rosto voltado para o Leste.

– Pai celestial – orou, tranquilo,
– abençoe meu inimigo Reum, e
perdoe todos os meus pecados,
completamente, como agora
perdoe o mal que ele me fez.

Sentiu-se leve, em paz, como nunca antes. Não conseguia ficar quieto, nem dormir, apesar de cansado devido à longa noite em vigília. Vestiu-se rapidamente, desceu a escada na ponta dos pés, descalço, sob o céu rosa-acinzentado, semelhante a uma opala. A brisa matutina afastou seu cabelo do rosto pálido, com um frescor revigorante.

Nunca o mundo fora tão belo! Passos firmes no cascalho o fizeram se virar. Um homem subia da praia. Era o amigo de Fineias. Como se atraído por impulso incontrolável, Joel avançou para encontrá-lo, com uma oração não pronunciada espalhada por seu rostinho suplicante.

Não houve uma palavra sequer. Por um pequeno instante, Joel permaneceu à beira do mar resplandecente, com a mão estendida para a mão amorosa do Redentor

do mundo. Nesse pequeno instante, o menino olhou para a face dele. O homem seguiu adiante.

Joel cobriu o rosto com as mãos. Parecia ouvir o ciclo tranquilo e suave que falou com o profeta do meio do vendaval.³¹

– Ele é o Cristo! – sussurrou, em reverência. – Ele é o Cristo!

Em sua exaltação, esqueceu completamente da cura. Mas, quando começou a andar pela praia, notou que não estava mancando. Movia-se com passos fortes e rápidos. Balançou o corpo, jogou os ombros para trás. Nada de dor. Passou as mãos pelas costas, pelos braços e pernas.

Oh! Seu corpo estava reto, forte e vigoroso! Parecia um estranho, corria e pulava, depois parou e se olhou de novo, voltou a sentir o corpo, correu como louco. De repente, tirou as vestes e mergulhou no lago. Antes de se ferir, nadava como um peixe, e agora avançava com braçadas longas, poderosas, que o lançavam como dardo pela água fria, com uma empolgação maravilhosa.

31 I Reis 19.12.



“Pai celestial, abençoe meu inimigo Reume perdoe todos os meus pecados, completamente.”

Depois, voltou a se vestir, correu, pulou e subiu até ficar exausto e ver a alegria delirante ser substituída pela profunda gratidão. Voltou para casa, radiante na felicidade da cura recém-encontrada.

Acima do mistério do milagre, da alegria da cura, entretanto, havia a lembrança daquele momento, o pequeno instante em que sentiu o aperto da mão do Mestre, o abraço do amor sem limites de Deus.

Daquele momento em diante, passou a viver para segui-lo e servi-lo.



Joel se encontrou com Jesus com uma oração não pronunciada espalhada por seu rostinho suplicante.

CAPÍTULO VIII

No topo de um dos penhascos de lava da Pereia, ficava a sinistra fortaleza de Maqueronte.³² Atrás das barras da prisão, um cativo inquieto tateava de um lado para outro, em sua cela na masmorra. A longos intervalos, recebia tanta liberdade quanto uma águia acorrentada. Era levado a uma das torres da sinistra prisão, e tinha permissão para olhar para baixo, para os despenhadeiros que o cercavam. Durante meses, se desgastara na escuridão de sua masmorra subterrânea. Era impossível fugir.

O prisioneiro era João Batista. Retirado de sua vida no deserto e levado para as torturas do “Castelo Negro”. Ali jazia, à mercê de Herodes Antipas, com a morte à espreita. Mais de uma vez, seguindo seus caprichos, o monarca o chamara, enquanto participava de banquetes e queria se distrair.

³² Fortaleza na antiga Pereia, hoje Jordânia, onde João Batista foi preso.

As luzes, as cores e o brilho das pedras preciosas incomodaram os olhos do prisioneiro por um breve espaço de tempo, pois estava acostumado à completa escuridão da cela. Com sua visão apurada, contudo, enxergou por baixo da opulência das vestes reais, viu a corrupção do rei e de sua corte.

Apontou o dedo acusador para o rei inquieto, e exclamou:

– Você não tem o direito de viver com a esposa de seu irmão!³³

Com palavras certeiras como flechas, João revelou a vida sombria e abominável que se esforçava para se esconder sob o manto real. Antipas se curvou, amedrontado, diante dele e, embora desejasse ver-se livre do homem que exercia tanto poder sobre ele, não ousava levantar um dedo sequer contra o destemido e inabalável Batista.

Mas Herodias, apesar de sua culpa, aguardava com impaciência e sede de sangue a hora certa. Ele pagaria com a vida pela ousadia de suas palavras. Enquanto isso, ele aguardava em sua cela, tendo

33 Marcos 6.18.

como companhia apenas as lembranças para aliviar o tédio das horas infundáveis. Revivia vezes sem conta as cenas de sua estranha vida no deserto, dos dias de sua preparação, da pregação às multidões, dos batismos no rio Jordão.

João gostaria de saber se suas palavras ainda eram válidas, se qualquer dos seus seguidores ainda acreditavam na sua mensagem. Acima de tudo, porém, pensava no que teria acontecido com Aquele sobre quem vira o Espírito de Deus descer do Céu em forma de pomba.

– Onde estás agora? – gritou. – Se és o Messias, por que não estabelececs teu reino e te apressas a devolver a liberdade a este teu servo?

A cela vazia ressoava muitas vezes com esse grito, mas o eco de suas próprias palavras era a única resposta.

Certo dia, a porta da cela rangeu e se abriu o suficiente para deixar passar dois homens. Depois, fechou-se de novo, deixando os três na mais completa escuridão. No breve momento de luz, ele reconheceu dois antigos discípulos, Timeu bar Joram e Benjamim, o oleiro. Com um

grito de alegria, bateu até segurar a mão dos amigos.

– Como vocês conseguiram atravessar esses muros protegidos pelos romanos? – indagou, atônito.

– Conheço um dos guardas – respondeu Benjamim. – Um pouco de prata fecha os olhos dele para muitas coisas. Mas precisamos nos apressar. Temos pouco tempo.

Havia muito a contar sobre o mundo exterior. Pilatos acabara de cometer uma grave ofensa: apropriara-se de parte do tesouro do Templo, dos impostos, para custear os grandes canais que construía para levar água até Jerusalém.

Incentivado pelos sacerdotes e rabis, o povo cercara a sede do Governo, exigindo, em altos brados, que abandonassem a obra. Vários soldados, em roupas comuns, cercaram a grande multidão e, armados com clavas,³⁴ mataram tanta gente que surgiu um tumulto violento por toda a Judeia e Galileia. Havia um clamor por revolta nacional para vingar as mortes.

³⁴ Clavas eram paus pesados, mais grossos em uma das extremidades, que se usava como armas.

– Eles só precisam de um líder! – exclamou João. – Onde está Aquele para quem eu não passava de uma voz a clamar no deserto? Por que ele não se manifesta?

– Acabamos de vir da vila de Naim – contou Timeu bar Joram. – Vimos quando ele parou um funeral e fez o filho de uma viúva viver de novo.³⁵ É seguido por uma multidão variada: pessoas que ele curou de todo tipo de doença. E há 12 homens que ele escolheu para o acompanharem o tempo todo. Fizemos muitas perguntas a eles, que nos contaram muitas maravilhas que ele fez.

– Não é estranho – perguntou Benjamim, o oleiro – que, com tanto poder, ele demore a estabelecer seu reinado?

O profeta cativo não respondeu de imediato. Depois, tateou na escuridão completa, até repousar a mão no braço de Benjamim.

35 Lucas 7.11-15.

– Voltem até ele e digam: “João Batista mandou perguntar se você é Aquele que vem, ou se devemos esperar um outro”.

Os amigos dedicados só conseguiram atravessar os muros da prisão de novo vários dias depois. Precisaram enfrentar uma jornada difícil sobre montanhas escarpadas e trilhas cheias de rochas.

– O que ele disse? – perguntou o ansioso prisioneiro.

– Falou: “Contem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos recebem a visão, os coxos caminham, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos voltam a viver e o evangelho é pregado aos pobres”.³⁶

O homem se levantou, seu cabelo longo descendo pelos ombros, a mão levantada, olhos dilatados como de um cervo assustado ao perceber o som de passos que se aproximam.

– As palavras de Isaías se cumprem!
– gritou. – Ele disse: “Teu Deus virá

³⁶ Lucas 7.22.

e te salvará. Então, os olhos do cego serão abertos, os ouvidos dos surdos não terão barreiras. Então o coxo saltará como cervo e a língua do mudo cantará! Sim, ele sarará os de coração quebrado, proclamará liberdade aos cativos, e tornará livres os prisioneiros, para proclamar o ano aceitável do Senhor!”³⁷

Em seguida, com as mãos unidas acima da cabeça, fez a prisão ressoar com seu grito:

– O reino está próximo! O reino está próximo! Logo serei libertado!

Pouco tempo depois, o castelo se iluminou com as luzes de mais um banquete. O suave aroma do vinho, misturado com o perfume pesado das inúmeras flores, não atravessava as grossas paredes da prisão. Muito menos as notas alegres dos cânticos e das conversas durante a festa. O som dos aplausos para a filha de Herodias, que dançava para o rei, não chegou aos ouvidos do prisioneiro.

Assentado na escuridão, enquanto os convidados do banquete de aniversário

37 Mateus 11.4-5.

festejavam, ouviu as passadas pesadas dos soldados descendo a escada rumo à masmorra. Os imensos ferrolhos correram, as dobradiças enferrujadas rangeram e a luz de uma lanterna dançou pelo seu rosto, enquanto ele se levantava para receber seus algozes.

Logo depois sua cabeça decepada foi colocada em uma bandeja e levada até a sorridente dançarina. Ela abafou um grito quando viu, mas a perversa Herodias olhava com ar de triunfo nos olhos negros traiçoeiros.³⁸

Quando as luzes foram apagadas e os convidados partiram, dois homens se aproximaram da guarita do vigia. O coração deles pesava, e sua voz tremia um pouco. Eram Timeu e Benjamim. Em silêncio, levaram o corpo de seu amado mestre e o sepultaram. Caso uma ou duas lágrimas tenham encontrado um caminho desconhecido nas faces barbudas, ninguém soube, por causa do manto da escuridão.

Assim, fora do Castelo Negro de Maqueronte, fora da prisão de seu corpo mortal, o profeta do deserto, com sua alma

³⁸ Mateus 14.6-11.

pura, encontrou, enfim, a liberdade. Para ele, o reino, de fato, já tinha chegado.

Enquanto isso, mais para o Norte, Fineias seguia seu amigo de cidade em cidade. Estava tão impressionado com o poder misterioso, que não usava mais a forma antiga de falar. Quando conversava com seu amigo e companheiro de brincadeiras, era em tom de reverência que lhe dava o título de Mestre.

Joel, de coração pesado, os vira partir. Ele também desejava ir com eles, mas sabia que, se não assumisse o lugar de Fineias na bancada de trabalho, o carpinteiro não poderia ir. A gratidão o mantinha em seu lugar. Não, não era apenas isso. Estava aprendendo o espírito de auto-sacrifício em amor de seu Mestre. Enquanto aplicava o fio de prumo a seu trabalho, comparava a si mesmo com aquela vida perfeita, e tentava se alinhar com o padrão imutável.

Sua recompensa foi o olhar de satisfação que viu no rosto do carpinteiro, num dia em que ele voltou inesperadamente, empoeirado e sujo pela viagem.

– Quanta coisa você fez! – foi o comentário surpreso. – Ocupou meu lugar como verdadeiro adulto.

Joel esticou o braço forte, com uma risada:

– Hoje, trabalhar é um prazer. É fantástico não sentir dor, nem a fraqueza que me acompanhavam o tempo todo. No começo, tinha medo de que fosse apenas um sonho e acabasse logo. Agora, já estou me acostumando. Onde está o Mestre? – perguntou, quando Fineias se virou para entrar em casa.

– Está hospedado na casa de Simão. Vai passar uns dias aqui, meu filho. Sei que você quer ficar perto dele o máximo possível, então você não precisa me ajudar enquanto ele estiver aqui.

– Ah, se eu pudesse fazer alguma coisa por ele!

Joel pensou nisso constantemente nos dias seguintes. Uma vez, pegou uma moeda de dentro da bolsinha em que guardava o que ganhava, que antes destinava à

vingança, e comprou a pera mais madura e suculenta que encontrou no mercado. Muitas vezes, pegava água fresca no poço e levava para o Mestre, que parecia cansado e com calor, de tanto trabalhar.

Para qualquer lado que o Mestre se virasse, sempre estava bem perto dele um rostinho resplandecente, tão cheio de amor e dedicação infantil que por si só refletia mais alívio à alma sedenta do que a fruta e a água fresca que eram oferecidas.

Certa noite, após um dia ocupado, após ter conversado horas com pessoas que se juntaram em volta do barco em que estava, na praia, Jesus se despediu da multidão.

– Vamos para o outro lado – falou.

Joel se aproximou de André, que estava ocupado arrumando as velas:

– Posso ir com vocês? – pediu baixinho.

– Bem – disse o homem, com cuidado, – acho que você pode ajudar. Pega aquela corda para mim!

Joel se apressou para obedecer. Logo o barco se afastou da praia e da cidade,

deixando para trás o tumulto e as luzes que piscavam.

O mar parecia vidro, calmo, sem ondas. Cada estrela era refletida com perfeição na água escura. Joel, na parte de trás do barco, recostou-se e soltou um suspiro de completa satisfação. O movimento tranquilo o deixou relaxado. O barulho suave da água acalmou sua mente excitada. Vira tio Labão, com outros escribas e fariseus, naquela tarde, e ouvira o tio declarar que o responsável pelas maravilhas que testemunhara seria Belzebu.

Ao se lembrar do que vira e ouvira, a indignação de Joel se acendeu de novo. Olhou para o Mestre, que adormecia com a cabeça em uma almofada, e perguntou a si mesmo como alguém poderia acreditar em coisas tão terríveis sobre ele.

A temperatura caíra, e Joel pensou em colocar uma coberta sobre o homem adormecido. Pegou sua capa e se inclinou para colocá-la sobre os pés do Mestre. Mas afastou-se, com medo de acordá-lo.

– É melhor esperar um pouco – disse para si mesmo. Dobrou a capa

e deixou-a nos joelhos, pronto para usá-la.

Inclinou-se várias vezes para colocá-la sobre o Mestre, mas sempre desistia. Por fim, adormeceu.

Devido à sua localização no sopé das montanhas, a Galileia é sujeita a tempestades súbitas e furiosas. Os ventos despençam das alturas, encontram-se e colidem sobre a água, e as ondas se levantam como paredes. Depois mergulham de novo, criando redemoinhos agitados e perigosos.

Joel dormiu com o mar calmo e acordou com o barco virando, saltando e com água pela metade. Os trovões seguiam os relâmpagos quase que imediatamente. A pausa não era suficiente nem para um arquejo apavorado.

O Mestre, contudo, ainda dormia. Joel, ensopado até os ossos, agarrou-se à amurada do barco, certo de que cada minuto seria seu último momento de vida. Estava escuro demais! Terrível, violento! Indefesos, eram jogados de um lado para outro pela violência da tempestade.

Tantas ondas os atingiam que alguns homens não conseguiam mais controlar o medo e chamaram o homem adormecido:

– Mestre! – curvaram-se sobre ele, aterrorizados. – O senhor não se importa de morrermos?

Ele ouviu o pedido de ajuda. A tempestade não o acordara, pois estava cansado demais. O primeiro chamado de uma voz humana em desespero, porém, o fez se colocar em pé, pronto a ajudar. Olhou para a escuridão do céu, para a água enlouquecida, e estendeu a mão:

– Paz! – ordenou, com voz grave. – Aquiete-se!

A tempestade voltou para a Terra como um corvo atingido mortalmente. Imensa calma se espalhou sobre a face da água. As estrelas silenciosas voltaram a brilhar, cada uma em seu lugar. O mar silencioso voltou a refletir, aos pés dele, a glória do firmamento. Os homens se juntaram, amedrontados:

– Que homem é este? – perguntavam uns aos outros. – Até o vento e o mar lhe obedecem!³⁹

Joel fitou a silhueta majestosa, tão calma na amurada do barco, e pensou na voz que ressoou na noite da criação:

– Haja luz!⁴⁰

Apenas isso, e a luz rompeu a escuridão. Exatamente do mesmo jeito, bastou dizer em voz suave: “Paz, aquiete-se”. O garoto se encolheu aos pés dele, mergulhou o rosto em seu manto, e suspirou em reverência e adoração:

– Ele é o Cristo! Ele é o Filho de Deus!

39 Lucas 8.22-25.

40 Gênesis 1.3.

CAPÍTULO IX

Após aquela noite da viagem à terra dos gadarenos, Joel deixou de se surpreender com os milagres que testemunhava diariamente. Nem quando a filha de Jairo, líder da sinagoga, voltou a viver,⁴¹ ele ficou tão maravilhado quanto na noite em que o Mestre acalmou a tempestade.

Todas as noites, depois que Fineias partiu com o Mestre para outras cidades, Joel ia até a praia e contemplava as águas enquanto relembrava a cena. Sempre sentira atração pelo lago à noite. Gostava de observar os pescadores com suas tochas por todos os lados. Era tomado de compaixão pelas presas quando eles levantavam o braço despido para girar a rede ou disparar a lança.

Entretanto, após aquela manhã de cura, e a noite de tempestade, a praia se

⁴¹ Lucas 8.54-55.

tornara lugar sagrado, a ser visitado apenas em noites calmas, enquanto a cidade dormia e o céu se aproximava através da luz das estrelas, para tranquilizar a Terra.

Aproximava-se a Páscoa, que Joel aguardava ansioso, já que Fineias lhe prometera, no ano anterior, que ele também iria a Jerusalém.

Os 12 discípulos haviam sido enviados a todos os vilarejos da Galileia para ensinarem as coisas que estavam aprendendo, inclusive operar milagres em nome dAquele que os enviara. Eles começaram a voltar. Traziam relatórios animadores, contudo a alegria não foi completa, por causa da notícia do assassinato de João Batista.

Joel se juntou a eles assim que chegaram a Cafarnaum. Caminhou ao lado de Fineias enquanto os viajantes de pés cansados avançavam um pouco mais, até a casa de Simão.

– Quando vamos para Jerusalém? –
foi a primeira pergunta do garoto ansioso.

Fineias olhou atentamente para o rosto dele e perguntou:

– Você ficará muito decepcionado se não formos, meu filho?

Joel estava perplexo. Fineias nunca deixara de ir à celebração da Páscoa.

– Vivemos dias maus, meu Joel – explicou o carpinteiro. – João Batista foi decapitado. O Mestre tem muitos inimigos entre os poderosos. Se ele for a Jerusalém, será o mesmo que entrar na cova dos leões. Nem aqui ele está a salvo do ódio de Antipas, e vai apenas descansar um pouco antes de atravessar a fronteira para os domínios do tetrarca Filipe. Não queremos nos afastar dele!

– Não entendo por que o perseguem tanto! – disse Joel, fitando o homem à sua frente com olhos marejados de lágrimas.

Ele falava em voz baixa com João, que andava ao lado dele.

– Pai Fineias, você passou tanto tempo com ele! Alguma vez o viu fazer alguma coisa que justifique os homens serem inimigos dele?

– Vi – respondeu Fineias. – Ele atraiu as pessoas, e os poderosos ficaram com inveja da popularidade dele, que ignora as tradições e ensina uma religião que não segue algumas Leis de Moisés. Vejo muito bem os motivos que os levam a detestá-lo. Percebem como ele está distante deles, e não o entendem. Curar no Shabath, comer com publicanos e pecadores, abandonar pequenos costumes e cerimônias que, em todos os tempos, nos deixaram separados como raça escolhida. Tudo isso aos olhos deles é crime. Sei que se conseguissem se aproximar o suficiente para entendê-lo, para ver a pureza de sua vida sem as inúmeras cerimônias de lavar as mãos, se percebessem que é seu amor pelos semelhantes que o leva a conviver com as classes inferiores, tenho certeza que não conseguiriam evitar o amor por ele. Fanáticos cegos! Matariam o melhor homem que já viveu, porque ele é muito maior e mais elevado do que o credo estreito deles é capaz de medir!

– Será que ele não vai estabelecer seu reino? – indagou Joel. – Ele nunca fala nisso?

– Fala. Mas não entendemos muito bem, e ficamos perguntando uns aos outros o que ele quer dizer.

Chegaram à casa de Simão, que abria a porta a todos, mas Fineias falou:

– Entre com eles, meu rapaz, se você quiser. Eu preciso ir ver minha família, mas logo volto para cá.

Para a sua imensa alegria, Joel descobriu que iriam atravessar o mar imediatamente, rumo ao pequeno porto pesqueiro de Betsaida, que ficava a apenas 10 quilômetros de distância.

– Nem tivemos tempo de comer – comentou André com Joel, enquanto se dirigiam ao barco. – Gostaríamos de ir a um lugar deserto, para descansar das multidões que nos empurram e gritam conosco o tempo todo.

– Daqui a quanto tempo vocês vão partir? – perguntou Joel.

– Poucos minutos, porque o barco já está pronto.

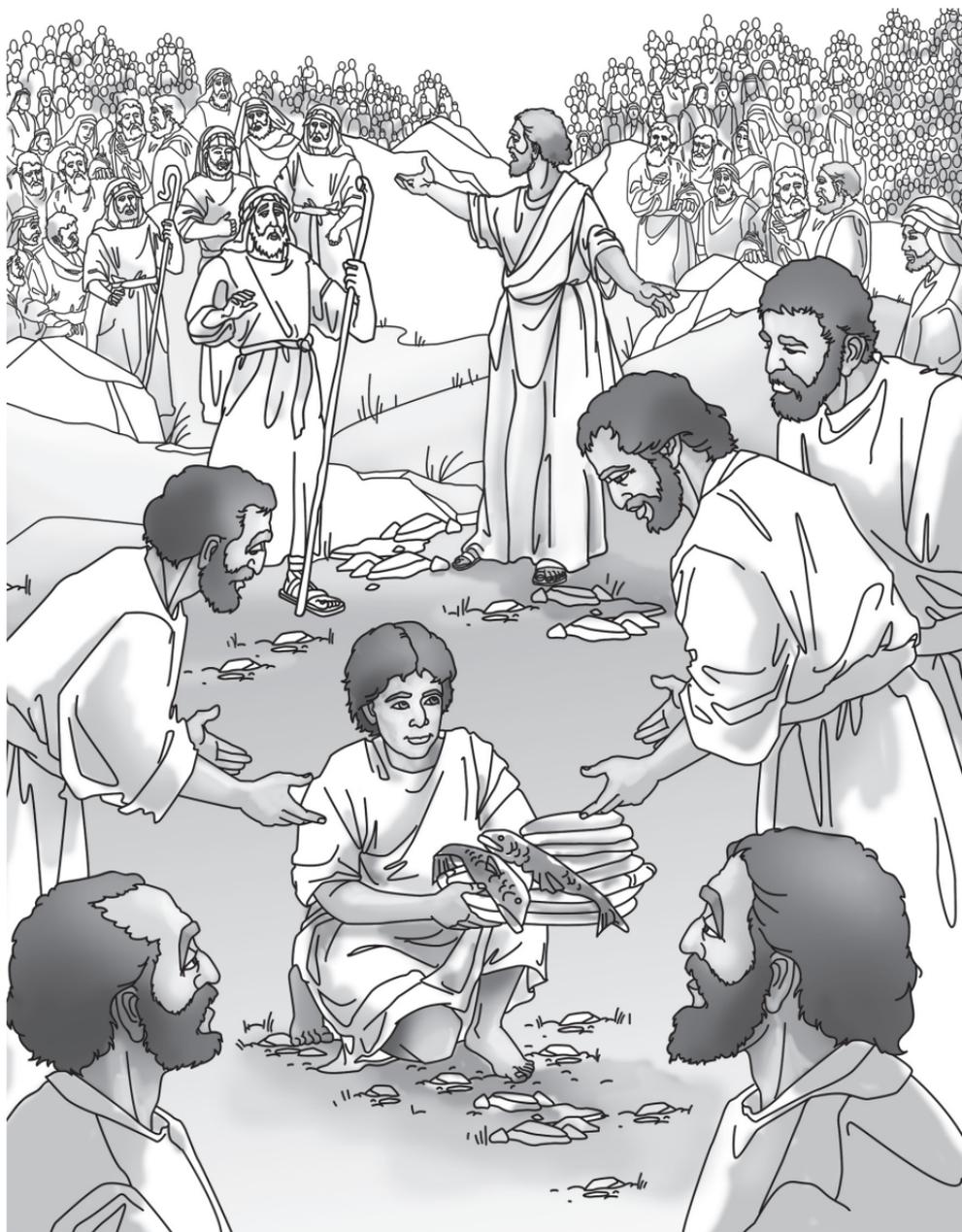
Da rua, Joel olhou para a beira da água, como se calculasse a distância.

– Esperem por mim – falou, começando a correr. Disparou pela praia. Voltou com rapidez surpreendente, trazendo na mão uma pequena cesta. Estava sem fôlego por causa da corrida. – Não fui rápido? – ofegou. – Há poucas semanas eu não conseguiria. Ah, é muito bom correr quando tenho vontade! Parece que estou voando.

Levantou a tampa da cesta:

– Veja! Achei que o Mestre pode estar com fome, mas não tinha tempo para comprar nada melhor. Parei na primeira barraca que encontrei.

Assim que o barco começou a deslizar pela água em movimento tranquilo, milhares de pessoas surgiram, oriundas das vilas, apé, apressando-se às margens do lago, para ir à frente de Jesus e seus discípulos. O barco subiu por um riacho cheio de curvas,



Joel ofereceu seu lance: bolos de cevada e peixes secos.

afastando-se do lago pontilhado de velas. As margens verdejantes prometiam calma e tranquilidade. Mas as multidões que eles tentavam evitar os aguardavam. Havia enfermos em busca de cura. Precisavam de ajuda e ensino. Eram “como ovelhas sem pastor”! Ele não mandaria toda aquela gente embora.

Joel não teve oportunidade para oferecer a comida que comprara às pressas com outra de suas moedas, entre aquelas que pagariam sua vingança.

Ao final do dia, ouviu os discípulos pedirem para a multidão ir embora.

– Precisaríamos de 200 moedas para dar comida a todos – falou Filipe – e acho que nem assim seria suficiente.

André olhou para a multidão, coçou a barba, pensativo:

– Há um rapaz aqui que tem 5 pães de cevada e dois peixinhos, mas isso não adianta nada para tanta gente.

Joel se apressou a entregar a cesta com o pouco conteúdo: cinco pães achatados,

pouco mais do que um homem faminto comeria, e dois peixes secos. Não sabia o que esperar quando as pessoas foram organizadas em grupos de 50 e instruídas a sentar no chão. Arregalou os olhos, atônito, quando o Mestre pegou o pão, deu graças, e passou aos discípulos que, por sua vez, distribuíram para as pessoas. Depois, serviram os dois peixes do mesmo jeito.⁴² Joel se voltou para Fineias, que se juntara a eles pouco antes:

– Viu isso? – perguntou, empolgado.

– Tudo se multiplicou mil vezes!

Fineias sorriu:

– Colocamos um pequeno grão de trigo na terra – falou, – e, quando cresce, ele se espalha e produz dezenas de outros grãos em sua única haste. E não nos maravilhamos com isso. Mas, quando o Mestre faz em um instante o que a natureza leva meses para fazer, dizemos que é milagre. “Os homens tendem a se maravilhar mais com o eclipse do sol do que com o fato dele nascer

42 João 6.8-11; Marcos 6.38-44.

todos os dias” – repetiu, lembrando-se da conversa com o viajante idoso, no caminho para a casa de Natã ben Obede.

Empolgação tomou conta das pessoas enquanto comiam o pão misterioso. Parecia que tinham voltado aos dias do milagre do maná. Quando todos estavam satisfeitos, e haviam enchido 12 cestos com as sobras, estavam prontos para consagrá-lo rei. A inquietação que viviam naqueles dias se apoderara deles e precisavam dar vazão, de alguma forma, à empolgação e, a uma voz, declararam que ele seria o líder.

Joel não entendeu por que ele recusou. Tinha certeza que outro homem não rejeitaria tal posição. Os pescadores, perplexos, viraram o barco e voltaram para casa sem ele. Em sua mente simplória, achavam que ele cometera um erro ao rejeitar a honra que o povo queria lhe fazer. Esperavam, ansiosos, o momento em que seriam reconhecidos como autoridades do novo reino. Muitos sonhos com o poder e magnificência do futuro provavelmente lhes sobrevieram nas vigílias calmas da noite, enquanto vagavam para casa,

iluminados pela luz branca da lua de Páscoa.

Nas semanas seguintes, Joel escapou muitas vezes para seu lugar predileto na praia, uma pedra achatada, meio escondida por uma moita de espirradeiras.⁴³ Ali, com os pés balançando nas ondas, olhava para a água, e relembrava as cenas que testemunhara. Era maravilhoso ver que o Mestre andara sobre as ondas reluzentes, naquela noite após alimentar a multidão. Vira com seus próprios olhos amedrontados, o Mestre andar, tranquilo, até o barco, sobre a água inconstante, pegar Pedro, que afundava depois de ter pulado do barco para se encontrar com ele.⁴⁴ O garoto se sentia inquieto e preocupado, por aquele homem de poder concedido por Deus e índole tão doce e altruísta, ser o tempo todo mal entendido pelas pessoas. Só pensava nisso.

Não estava no meio da multidão que se espremera na sinagoga no Shabath, depois que as centenas de pessoas receberam alimento. Fineias, por sua vez, estava,

43 Arbustos ornamentais.

44 Mateus 14.22-32.

e voltou para casa de lábios cerrados e sobranceiras franzidas, pelo que comentou com Joel:

– O Mestre sabe que eles o seguiram por causa dos pães e dos peixes, e falou isso para eles. Quando saímos da sinagoga, não pude deixar de olhar para a verga da porta onde esculpíram o pote de maná. Pediram a ele um sinal para acreditarem nele, que falou: “Nossos pais comeram o maná no deserto. Eu sou o pão da vida! Vocês me veem, mas não acreditam!”⁴⁵

Enquanto ele falava, havia cochichos contra ele por toda parte, porque falou que desceu do Céu. Seu tio Labão estava lá. Ouvi quando ele disse com desprezo:

– Ele não é o filho de José? Não conhecemos o pai e a mãe dele? Como ele fala que desceu do Céu?

Então Labão riu com zombaria e cutucou o homem que estava ao lado dele. Muita gente também pensa assim. Deu

45 João 6.31-36.

para sentir o preconceito e a perseguição no ar. Muitos que diziam ser amigos dele se afastaram.

Enquanto Fineias abria o coração ansioso com os pressentimentos e conversava com sua esposa e Joel, o Mestre se dirigia para casa com os 12 que escolhera.

– Vocês também vão embora?⁴⁶ –
inquiriu aos seus companheiros,
ao notar o ar de frieza e reprovação
em muitos que, no dia anterior,
havia sido alimentados por ele e
que, agora, voltavam-lhe as costas.

Simão Pedro passou o olhar questionador pela expressão de seus companheiros, depois deu um passo à frente e falou impulsivamente:

– Senhor, para onde iríamos? Tu tens
as palavras de vida eterna. Cremos
e sabemos que és o Unigênito de
Deus.⁴⁷

Os outros balançaram a cabeça em confirmação, exceto um. Judas Iscariotes

⁴⁶ João 6.67.

⁴⁷ João 6.68-69.

agarrou a bolsa com o dinheiro, e olhou para o lago, para evitar os olhares fixos nele. Aqueles galileus honestos eram simples demais para suspeitar de intenções tenebrosas, mas, mesmo assim, nunca haviam se sentido completamente à vontade com o estrangeiro da Judeia. Ele nunca se entrosara totalmente no grupo. Não percebiam, nas artimanhas silenciosas dele, a pele de cordeiro que ocultava sua natureza de lobo, mas sentiam a falta de empatia e entusiasmo. Ele estava entre os que seguiam apenas por causa dos pães e peixes de um reino deste mundo. Agora, em sua alma secreta, lamentava ter se juntado a uma causa em cujo sucesso começava a perder a fé.

O sol desapareceu tão rapidamente naquela noite, atrás de uma nuvem pesada, e uma tempestade começou a assolar a Galileia e a balançar os barquinhos ancorados na paria.

Chegara ao fim o ano da popularidade.

CAPÍTULO X

Abigail estava dentro de casa, bem perto da porta, girando o barulhento pilão que preparava a farinha que seria consumida no dia seguinte. As pedras ásperas faziam tanto barulho que ela não ouviu os passos na entrada. Só levantou os olhos quando viu a sombra à porta.

– Chegou cedo, meu Fineias – disse, com um sorriso. – Daqui a pouco o jantar fica pronto. Joel foi ao mercado comprar mel e...

– Não quero comer – interrompeu Fineias. – Preciso conversar com você. Venha! Depois você termina o serviço.

Abigail largou o pilão, esfregou as mãos para tirar a farinha e assentou-se perto dele, curiosa. Ele contou imediatamente o que o preocupava:

– O Mestre vai partir logo. Vai levar sua mensagem às regiões mais distantes da Galileia, e gostaria de ser acompanhado por mais pessoas, além dos 12 que escolheu.

– E você quer ir com ele?

– Quero! Não poderia deixar de ir! Mas, como posso deixar você e as crianças? Vivemos dias difíceis. Você nem imagina quanto perigo corremos. Temos ouvido tantos relatos horríveis! O país está como um vulcão a ponto de entrar em erupção. Basta apenas surgir um líder e Israel pegará as armas para combater os poderes que sapateiam sobre nós.

– Não é esse profeta Jesus que vai salvar Israel? – indagou Abigail. – Ele não está se preparando para estabelecer o Seu reino?

– Eu não o entendo! – disse Fineias, triste. – Ele fala sempre de um reino em que todos teremos uma parte, mas não faz nada para começar isso. Passa o tempo todo curando,

perdoando pecadores arrependidos e nos dizendo para amarmos ao próximo. Não entendo porque foi à praia e escolheu simples pescadores para serem seus amigos. Eles não têm influência, nem dinheiro. E, quando escolheu o publicano Levi Mateus, ele atraiu reprovação para todo o movimento. Parece que não saber lidar com o sentimento do povo. Acho que poderia ter o apoio dos homens mais importantes da nação, se os tratasse de forma diferente. Ele os choca, porque deixa de lado leis pelas quais as autoridades dariam a própria vida. Relaciona-se com gente considerada impura, e os milagres não apagam da memória deles a ousadia ao censurá-los por serem hipócritas e injustos. Depois disso, eles nunca o apoiarão. Não consigo ver como se pode formar um novo Governo sem o apoio dessas autoridades.

Abigail colocou a mão sobre a dele, seus olhos escuros brilhavam com ardor, e falou:

– Não há necessidade de exércitos, nem de mãos humanas. Onde estavam os exércitos de Faraó quando nossos pais atravessaram o Mar Vermelho?⁴⁸ Houve luta e derramamento de sangue? Quem lutou por nós quando as muralhas de Jericó caíram?⁴⁹ De quem era a mão que derrotou os assírios de Senaqueribe?⁵⁰ Será que o braço do Senhor está encolhido e ele não pode nos salvar? Por que o profeta dele não poderia decretar paz sobre Jerusalém, com tanta facilidade quanto decretou sobre o mar? Por que o poder dele não se multiplicaria, como ele multiplicou os pães e os peixes? Por que os pecados e erros do povo não seriam curados, como a deficiência de Joel, ou a glória da nação restaurada com tanta velocidade quanto a vida voltou à filha de Jairo? Isaías o chamou

48 Êxodo 14.15-30.

49 Josué 6.12-21.

50 II Crônicas 32.21-22.

de Príncipe da Paz.⁵¹ Acho que todas essas lições servem para nos ensinar que Deus não depende de mãos humanas para cumprir suas profecias.

A voz suave dela, com suas perguntas inspiradoras, tocou o coração dele, que olhou espantado para o rosto pensativo dela.

– Abigail⁵² – disse, baixinho, – minha fonte de alegria, seu nome é correto. Você me livrou de dúvidas que vinham me atormentando todos os dias. Vejo, agora, porque ele nunca nos incentiva a nos rebelarmos contra o jugo de César. Na plenitude do tempo, ele nos libertará com um sopro. Muito estranho pensar que brinquei com ele, fui seu companheiro. Não me admiro por ele ser o Messias, mas, sim, por tê-lo chamado de amigo, todos esses anos, sem saber disso.

51 Isaías 9.6.

52 O nome significa: “Meu pai é alegria”, daí a expressão acima: “Minha fonte de alegria”.

– Quanto tempo você acha que vai ficar fora? – perguntou ela, após uma pausa, voltando ao assunto inicial.

– Talvez vários meses. Não há como prever desordem e insurreições que podem acontecer nessa parte do país. Depois da morte de João Batista, Herodes voltou para o palácio em Tiberíades, e não gosto de deixar você sozinha aqui.

Abigail também estava séria, e os dois ficaram em silêncio.

– Já sei! – exclamou ela, com um brilho alegre nos olhos. – Sempre quis passar algum tempo na casa da minha infância. Fiquei poucos dias na casa do meu pai, nas poucas vezes em que você foi às festas, e não me satisfiz. Será que não posso ir para Betânia com Joel e as crianças? Meu pai e minha mãe não conhecem Rute, e estaríamos seguros e felizes lá, até você voltar.

– Por que não vim conversar com você antes? Eu, tão preocupado, e

você consegue logo acertar todas as coisas.

Nesse instante as crianças chegaram do mercado. Abigail foi para dentro com as compras e deixou o pai falar sobre a separação que enfrentariam e a longa viagem que planejava.

Uma semana depois, em pé, à porta da cidade, Fineias acompanhava com os olhos o pequeno grupo que seguia para o sul pela estrada. Alugara do proprietário da caravana duas mulas enfeitadas. Abigail montava uma, com a pequena Rute na lua da cela. Joel seguia na outra, com Jessé na garupa agarrado às suas costas.

Abigail partira alegre, antevendo a estada na casa de sua infância e as novidades que as crianças aprenderiam na viagem. Fineias, contudo, pensava nos perigos e se via tomado de maus presságios. Observava a partida com o coração pesado.

Pararam no topo de uma pequena elevação da estrada, e se viraram para acenar. Rapidamente desapareceram. Fineias segurou firme a vara, virou-se e partiu a pé na outra direção, para seguir

até o fim do mundo, se necessário, o amigo que partira antes.

Era a estação da colheita da cevada. Jessé nunca estivera no campo. Pela primeira vez a natureza se descortinava diante dele, como um livro gigantesco de gravuras, com campos, florestas e plantações. Abigail contava os acontecimentos que marcavam cada local. Ela apontava para um e outro lado da estrada, narrando pormenores sobre personagens da história do povo de Deus.

Ali é Dotã, onde José, com sua capa colorida, foi encontrar seus irmãos.⁵³ Lá é o Monte Gilboa, onde as flechas dos filisteus feriram Saul e ele se jogou em sua espada e se matou.⁵⁴ Siló, o lugar para onde Ana levou o Samuel e o entregou para o Senhor,⁵⁵ onde Eli, já velho e de olhos enfraquecidos, esperou notícias do exército e, quando soube que seus dois filhos tinham morrido e a Arca da Aliança fora capturada, caiu da cadeira e quebrou o pescoço.⁵⁶

53 Gênesis 37.17.

54 I Samuel 31.1-4.

55 I Samuel 1.24.

56 I Samuel 4.17-18.

Ela contou tudo isso e muito mais. Depois, mostrou os respigadores⁵⁷ nos campos, e disse para as crianças observarem como Israel seguia a ordem dada muitos séculos antes: “Quando vocês fizerem a colheita em seus campos, não colham tudo, nem busquem o que ficar para trás. Nem colham tudo na videira, não tirem todos os cachos de uva. Deixem para os pobres e os estrangeiros”.⁵⁸

Fizeram uma pausa para descanso no poço de Jacó. Joel levantou Jessé e o deixou olhar o fundo do poço. O pequeno quase perdeu o equilíbrio, espantado, ao ver como era profundo. Afastou-se rapidamente e contemplou por mais de um minuto o copo que Joel lhe entregou, antes de se arriscar a beber.

A casa para onde Abigail se dirigia era rica. O pai dela, Rubem, era ourives. Por anos era conhecido em Jerusalém, não apenas pelos belos ornamentos que produzia e pelas pedras preciosas que vendia em sua loja próxima ao Templo,

57 Aqueles pobres e estrangeiros que pegavam as espigas deixadas, às vezes propositadamente, pelos ceifeiros no campo.

58 Levítico 19.9-10.

mas também pelas muitas doações generosas aos pobres. Era chamado de Rubem, o caridoso, e poucos fariam jus ao nome tanto quanto ele. Precisava ir à cidade todos os dias, por causa do trabalho, mas morava na pequena vila de Betânia, a 3 quilômetros. Sua casa era uma das maiores na vila e, para as crianças, parecia um palácio, quando comparada à casa pequena e humilde em Cafarnaum.

Joel se limitou a olhar em volta, admirado, mas Jessé andava de um lado para outro, pousando os dedos curiosos em tudo que via. As cortinas orientais coloridas, as almofadas macias, as tapeçarias caras, tudo era tocado e alisado por ele. Até os candelabros de prata e as taças com pedras preciosas nas mesas laterais foram examinadas, sempre que sua mãe lhe dava as costas.

Não havia quadros na casa, pois a Lei proibía. Vários espelhos, todavia, de metal polido, enfeitavam as paredes, e Jessé não se cansava de olhar seu reflexo.

Rute não saía de perto da mãe.

– Ela é um raio do sol de Deus –
disse a avó, ao pegá-la no colo pela

primeira vez. A pequena, em geral tímida com estranhos, percebeu no rosto de Rebeca alguma coisa tão semelhante à mãe dela que acariciou as bochechas enrugadas com seus dedinhos macios. Daí em diante, a avó se tornou sua serva dedicada.

Jessé não demorou a descobrir o lugar que ocupava no coração do avô. O homem idoso perdera todos os filhos anos antes, e parecia depositar todas as esperanças no filho de sua única filha. Mantinha Jessé por perto sempre que possível, e ensinava a ele as orações, preceitos e provérbios que, sabia, seriam luz para o caminho da criança durante toda a sua vida.

– Ah, não castigue o garoto! – falou, certa manhã, depois que Jessé desobedecera. Abigail continuou a tirar as folhas de uma vara fina da amendoeira, que acabara de arrancar.

– Não entendo, papai – disse, com um sorriso. – Vi o senhor castigar meus irmãos muitas vezes, por causa da desobediência. E

também ouvi o senhor dizer que um dos ensinamentos mais sábios de Salomão é: “Corrija os seus filhos enquanto eles têm idade para aprender; mas não os mate de pancadas.”⁵⁹ Jessé não tem o controle firme do pai agora, e, infelizmente, está ficando mimado.

– Tudo isso é verdade, minha filha – reconheceu ele, – mas não vou ficar aqui para ver o menino ser castigado.

Abigail usou a vara como achava correto. O garoto ouvira a conversa, e o choro que chegou aos ouvidos do avô que se dirigia para a cidade foram mais altos e suplicantes do que de costume. Talvez se relacionassem ao pacote que o bondoso homem trouxe naquela noite: bolos, figos e um lindo turbante, mais adequado para um jovem príncipe do que para o filho de um carpinteiro.

– Quem mora na casa do outro lado da rua? – indagou Joel, na manhã seguinte à chegada.

59 Provérbios 19.18.

– Duas amigas minhas – respondeu Abigail. – Elas vieram me visitar ontem, assim que ficaram sabendo de nossa chegada. Vocês já tinham dormido. Conversamos até tarde, porque elas queriam saber tudo sobre o Rabi Jesus. Ele esteve aqui no ano passado, e Marta contou que ele logo ficou amigo de Lázaro, o irmão delas.⁶⁰ Ah, olha ali o Lázaro! É aquele jovem saindo da casa. Ele é escriba, vai escrever em uma das salas do Templo quase todo dia. Maria falou que as cópias das Escrituras que ele faz são das mais bonitas que ela já viu.

– Ih! – exclamou Joel. – Ele deixou cair um dos rolos que estava carregando, e não percebeu. Vou correr e entregar para ele.

Ainda não se acostumara ao prazer de ter pés tão ágeis, sem passos incertos para atrapalhar. Parecia estar voando e alcançou o jovem quase que imediatamente.

⁶⁰ Lucas 10.38-39; João 11.1.

– Ah, você é o hóspede do meu bom vizinho Rubem – disse Lázaro, após agradecer com educação. – É o menino que meu melhor amigo curou? Minhas irmãs me contaram. Deve ser estranho ser transformado de um deficiente sem esperança em garoto forte e perfeito, como você é agora. O que você sentiu?

– Nem sei como contar, Rabi Lázaro. Não pensei na cura quando ele segurou minha mão. Só pensei que o amava muito, que antes estava faminto, mas naquele momento, ele tomou o lugar de tudo: pai, mãe, amor de família e, acima de tudo, o amor de Deus desceu e me segurou tão apertado, tão seguro. Eu simplesmente soube que ele era o Messias. Nem reparei que não era mais deficiente. Só percebi quando estava na praia. O senhor nem imagina a vontade que senti de ir com ele! Ah, se eu pudesse ir com ele em vez de vir para cá!

– Eu entendo – disse o jovem, com gentileza – porque eu também o amo.

Simpatizaram tanto um com o outro que sentiam como se conhecessem um ao outro durante toda a vida.

– Venha comigo um pouco – convidou Lázaro. – Vou ao Templo, em Jerusalém. Ou melhor, você quer ir até lá? Só preciso entregar esses rolos ao sacerdote, depois posso levar você a lugares interessantes na cidade.

Joel correu para casa a fim de pedir permissão. Parou apenas para enrolar o turbante branco de linho na cabeça, e logo se juntou a seu novo amigo.

Lembrava muito pouco de Jerusalém, e as recordações eram confusas. Ouvira muitos peregrinos descreverem o que sentiram ao ver a Cidade Santa. Após uma curva da estrada, a visão que se abriu diante dele mostrou-lhe o que ninguém conseguia descrever.

O sol da manhã reluzia nos muros brancos do Templo e no ouro dos palácios, que se elevavam um sobre o outro.

As torres e pináculos devolviam a luz estonteante. Joel nunca pensara que mãos humanas fossem capazes de construir tal magnificência. Segurou a respiração e soltou uma exclamação de surpresa. Lázaro sorriu:

– Venha! Lá dentro é mais bonito ainda!

Demoraram para entrar pela porta de Salomão. Quase todo mundo conhecia o jovem, e muitos paravam e conversavam com ele. Em seguida, atravessaram o Pátio dos Gentios. Parecia um mercado. Havia gaiolas com pombos à venda; cordeiros, bezerros e bois se agitavam nos cercados. Joel mal ouvia o que seu amigo falava enquanto tentavam atravessar a multidão. Enfim, estavam à porta Formosa, que levava ao Pátio das Mulheres.

Lázaro se afastou um pouco de Joel, para entregar ao sacerdote os rolos que copiara. O menino olhou em volta. Pela primeira vez, desde sua cura, imaginou que um dia poderia assumir seu lugar junto aos levitas, tornando-se sacerdote, como havia sido antes o propósito de seu pai.

Enquanto pensava nisso, Lázaro voltou e o levou para o pátio seguinte. Dali se via o Lugar Santo, sobre o qual havia uma videira de ouro, com cachos de uva do tamanho da mão de um homem, tudo feito do ouro mais puro. Joel sabia que por trás havia um pesado véu de tapeçaria da Babilônia, de jacinto, escarlata e púrpura, que ocultava a escuridão imensa do Santo dos Santos.

Lembrava de sinos, trombetas de prata, nuvens de incenso, cânticos poderosos e sentiu um desejo profundo de ser um daqueles sacerdotes de roupa branca que serviam no Templo todos os dias. O desejo, porém, foi acompanhado pela lembrança de uma colina cuja calma só era quebrada pelas asas dos pássaros, onde a brisa vinda do lago brilhante se movia entre o capim, e da única Voz que se ouvia, proclamando o alegre novo evangelho sob o céu aberto.

– Não – pensou. – Prefiro ficar com ele do que usar a mitra⁶¹ do Sumo Sacerdote.

61 Cobertura usada pelos sumos sacerdotes, quando serviam no Tabernáculo ou no Templo.

O sol estava quase se pondo quando pegaram a estrada de volta para casa. Tinham visitado todos os lugares interessantes. Lázaro descobriu que o garoto era um companheiro interessante e a amizade que nasceu naquele dia se tornou cada vez mais profunda e duradoura. “Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos,”⁶² para que, movidos pelo Espírito Santo, “com intrepidez, anunciem a Palavra de Deus.”⁶³

62 Salmos 133.1.

63 Atos 5.31.

CAPÍTULO XI

– Vovô, o que o senhor está procurando? – perguntou Jessé, subindo as escadas que levavam ao teto, onde Rubem examinava atentamente o céu.

– Venha até aqui, filho – chamou ele. – Fique bem na minha frente e olhe para onde estou apontando. O que você está vendo?

O menino examinou, ansioso, a profundidade azul que acabara de aparecer com o pôr do sol.

– Oh! É a lua nova! – exclamou. – De onde ela veio?

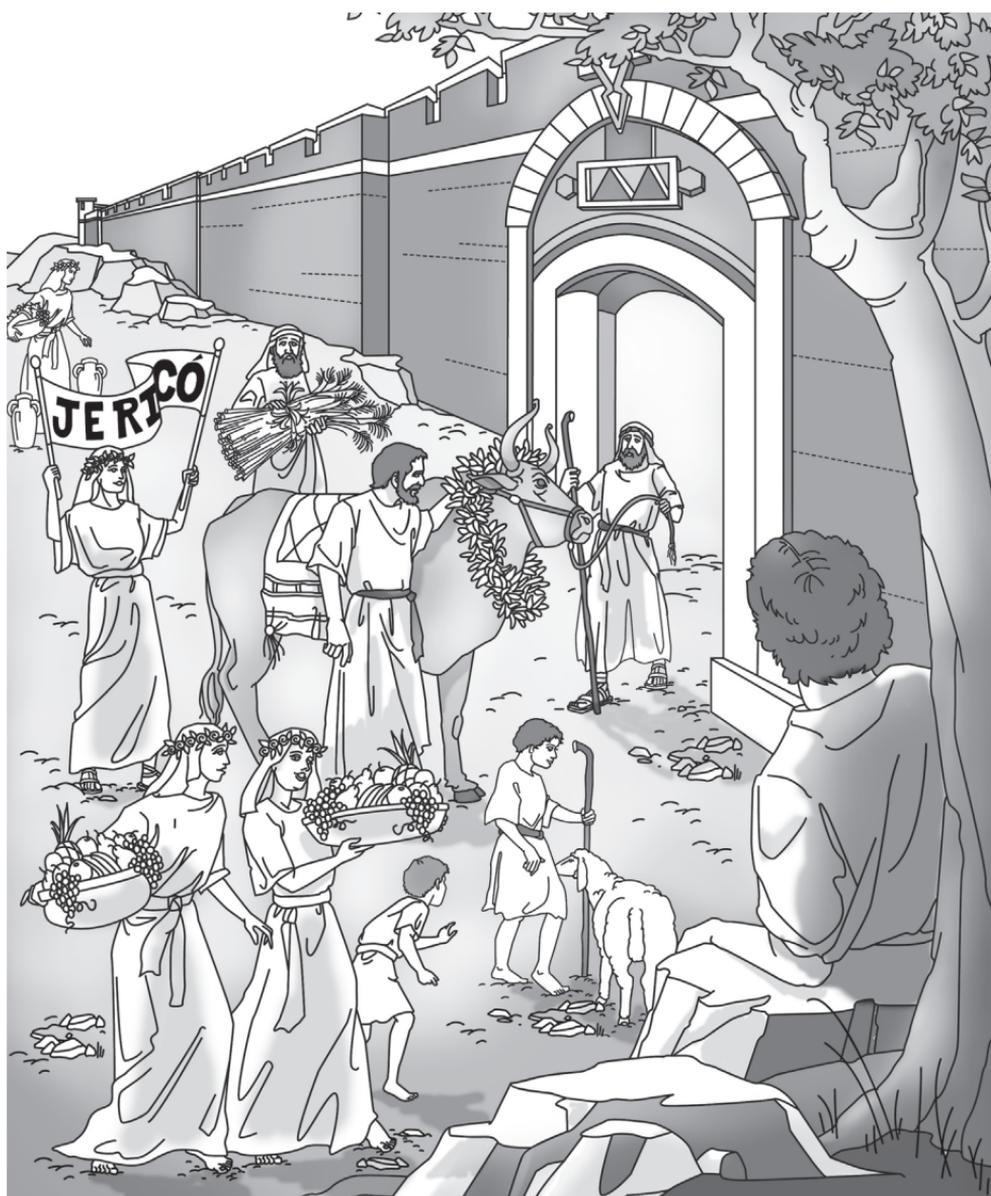
– O verão deixou sua foice cair ali, para a noite avançar para a colheita nos campos das estrelas – respondeu o ancião. Vendo a expressão intrigada no rosto do

garoto, apressou-se a prosseguir.
– Não, é o incensário que Deus colocou para balançar no céu, para nos lembrar de continuar a mandar o incenso de nossos louvores para o alto. Agora mesmo um mensageiro deve estar correndo para o Templo, para avisar ao Sinédrio que ela apareceu. Sim, outros olhos foram mais aguçados do que os meus, porque já acenderam a luz no Monte das Oliveiras!

Jessé observou a imensa fogueira durante alguns minutos, depois correu para chamar a irmã. Quando voltaram para o teto, outras fogueiras ardiam no topo das montanhas espalhadas por toda a Judeia, até que toda a terra brilhava com o anúncio da Festa da Lua Nova.

– Queria que fosse assim todas as noites. E você, Rute? – indagou Jessé. – Não está contente por a gente estar aqui?

O ancião baixou os olhos para contemplar as crianças com um sorriso alegre.



Judeus chegavam de todas as partes para celebrar Pentecostes em Jerusalém.

– Vou mostrar para vocês uma coisa ainda mais bonita do que isso, daqui a pouco. Esperem para ver a Festa das Semanas, quando todo mundo vem trazer os primeiros frutos das colheitas. Fiquei feliz por vocês terem vindo nessa época do ano, porque podem ver várias festas.

No dia em que começou a celebração da Festa das Semanas, Rubem deixou a loja sob o comando dos funcionários e dedicou todo seu tempo a Joel e Jessé.

– Não podemos perder as procissões
– disse. – Vamos sair um pouco dos portões para ver as pessoas entrarem.

Não precisaram esperar muito. Logo surgiu a fila de gente vinda do Norte. Cada grupo trazia uma bandeira com o nome de sua cidade. Na frente, vinha um boi branco, que seria entregue como oferta pacífica. Os chifres estavam enfeitados, o corpo do animal coberto por grinaldas feitas de oliveira.

Muitas ovelhas e bois para sacrifícios, em seguida filas de jumentos e camelos carregados de ofertas de boa-vontade para

o Templo, ou levando peregrinos idosos ou desamparados que não conseguiam andar.

Mulheres e crianças traziam coroas de rosas na cabeça; muitos lírios presos em volta de feixes de trigo. Empilhados nos vasos de prata dos ricos, ou escapando pelas cestas dos pobres, estavam os melhores frutos da colheita.

Ninguém ia de mãos vazias ao “Monte do Senhor”, de modo que grandes porções de uvas ainda não totalmente maduras, nectarinas⁶⁴ aveludadas, romãs tentadoras, peras polpudas, melões suculentos, ou seja, ofertas de frutas ou flores, coloriam toda a longa fila.

À medida que se aproximavam dos portões, vários sacerdotes de vestes brancas vinham do Templo para encontrar o povo. Rubem pegou Jessé no colo para ele ver melhor. Joel subiu em uma pedra grande.

– Ouçam – disse Rubem.

Começou o som alegre de flautas e um coro poderoso entoou:

– Alegrei-me quando me disseram,
vamos à casa do Senhor. Nossos

64 Variedade de pêssegos.

pés permanecerão dentro de teus portões, ó Jerusalém!⁶⁵

Uma voz após a outra começou a cantar o antigo salmo, e a voz grave de Rubem se uniu às outras, e cantaram:

– Haja paz dentro de teus muros, e prosperidade em teus palácios!⁶⁶

Seguindo os peregrinos que cantavam até o Templo, viram os sacerdotes pegarem as pombas que se tornariam oferta queimada e os primeiros frutos que seriam colocados sobre os altares.

Jessé segurou firme a mão do avô quando atravessaram o pátio externo do Templo. Estava assustado com o barulho das vozes, das pisadas, berros e balidos dos animais conduzidos até os cercados.

Já tinha visto um sacrifício e lembrava-se da cachoeira de sangue escorrendo pelos degraus de mármore do altar, e da fumaça da oferta queimada. Olhou com pena para os bezerros de olhos bondosos e as ovelhas assustadas. Gostou quando se afastaram dos animais.

⁶⁵ Salmos 122.1-2.

⁶⁶ Salmos 122.7

Logo depois desse tempo de celebração, chegaram dez dias solenes, que Joel achou interessantes e misteriosos. Era a preparação para o Jejum da Expição. Conflitos eram solucionados e pecados, confessados.

O último dia, o mais solene de todos, era a única vez, em todo o ano, em que o Sumo Sacerdote podia abrir o véu para entrar no Santo dos Santos.

Sem suas vestes ricas e suas joias, com apenas uma roupa branca simples, descalço e com a cabeça coberta, entrava quatro vezes à Presença gloriosa. Uma vez para oferecer incenso, outra para orar, outra para respingar sangue de um bode no assento da misericórdia e a última para trazer o incensário para fora.

Nesse dia, eles escolhiam dois bodes. Tiravam a sorte e um ia para o sacrifício. O Sumo Sacerdote colocava sobre o outro os pecados do povo e ele era levado para o deserto, a fim de lançá-lo de um alto penhasco e, ser assim, despedaçado.

Os olhos de Joel se encheram de lágrimas ao ver o bode expiatório ser levado para o deserto terrível. Sentiu pena do pobre animal, condenado à morte horrível por causa dos pecados de sua nação.

Em seguida vieram as cerimônias de encerramento. A imensa congregação se curvava três vezes até o chão, enquanto o Sumo Sacerdote clamava solenemente:

– Vocês estão purificados! Vocês estão purificados! Vocês estão purificados!

Joel ficou contente quando o último ritual terminou e as pessoas começaram a voltar para casa, tão alegres agora quanto estavam sérias antes.

– Quando vamos voltar para nossa outra casa? – perguntou Rute, certo dia.

– Você não está feliz aqui, filhinha? – indagou Abigail. – Pensei que você já tinha esquecido a outra casa.

– Quero meus pombos brancos – falou ela, com o lábio trêmulo, como se tivesse se lembrado deles de repente. – E não quero meu pai lá longe – soluçou. – E eu quero meus pombos brancos!

Abigail pegou-a no colo e a consolou.

– Espere só mais um pouquinho. Acho que o papai vai voltar logo.

Vou pegar meu bordado, e você pode ir comigo lá do outro lado da rua.

No começo, Rute tinha vergonha das amigas de sua mãe. Marta, porém, a atraiu com bolos de mel que fazia especialmente para aquele momento, e Maria contava histórias e ensinava brincadeiras novas.

Logo ela começou a entrar e sair da casa sem o menor medo, como se fosse uma borboleta de asas coloridas.

Um dia, a mãe estava com as duas irmãs em um canto do pátio, onde uma madressilva⁶⁷ criara uma sombra fresca. Rute ia de um lado para outro, examinando as flores coloridas que os dedos habilidosos formavam com os fios bordados. De repente, ouviu o tinido fraco de um sino de prata. Parou com um dedo nos lábios, para ouvir, e Lázaro chegou ao pátio.

– Olhe o que eu trouxe para você, pequenina! – disse ele. – É para ficar no lugar dos pombos e você não chorar mais.

67 Tipo de trepadeira.

Era um cordeirinho branco como a neve. Lázaro havia colocado em volta dele uma grinalda com muitas flores coloridas, e amarrado no pescoço o pequeno sino de prata que ela ouvira.

A princípio, ela ficou tão maravilhada, que só conseguia enfiar os dedos gordinhos na lã macia e olhar, sem palavras. Depois, pegou a mão de Lázaro e deu um beijinho, envergonhada, enquanto balbuciava:

– Você é tão bom! Você é tão bom!

Desse dia em diante, Rute seguia Lázaro por toda parte, e o carneiro seguia Rute. As irmãs não conseguiam descobrir o que era mais gostoso ouvir na casa delas: o tinido do sininho de prata ou a voz alegre da menininha.

Abigail passou muitas horas alegres com suas amigas. Um dia, estavam sentadas sob a madressilva, ocupadas na costura, quando Rute e Jessé chegaram correndo.

– Vi meu pai chegando com outro homem – gritou o menino. – Vou lá me encontrar com eles.

Todos saíram apressados, exatamente na hora em que os viajantes empoeirados e cansados chegavam.

– Haja paz nesta casa e em todos que nela habitam – disse o desconhecido, antes mesmo de Fineias falar com sua esposa e as amigas.

– Fomos primeiro à casa do seu pai, mas, como não tinha ninguém, viemos aqui – disse Fineias.

– Entrem! – convidou Marta. – Vocês parecem precisar muito descansar e se refazer.

Mas eles tinham uma mensagem a transmitir antes de se limparem e comerem.

– O Mestre está vindo – contou Fineias. – Mandou 70 discípulos irem em duplas a todas as cidades para anunciar a chegada dele e proclamar que o dia do Senhor está próximo.⁶⁸ Levamos a notícia até Samaria.

– Até que enfim! Até que enfim! – exclamou Maria, batendo palmas.

⁶⁸ Lucas 10.1.

– Pensar que estou viva para ver o dia da glória de Israel!

– Contem o que o Mestre tem feito – pediu Abigail, depois que os homens receberam alimento e água.

Primeiro um, depois o outro. Assim os dois contaram o que tinham visto e repetiram o que ele tinha ensinado. Até as crianças se aproximaram para ouvir, apoiadas nos joelhos do pai.

– Tem havido muita discussão sobre o reino que será formado. Estávamos na casa de Pedro, em Cafarnaum, e uns discípulos discutiram perto dele, pedindo para ocupar os postos mais elevados. Acho que os que o seguem há mais tempo pensam que têm direito às melhores posições.⁶⁹

– E o que ele falou? – perguntou Abigail, interessada.

Fineias passou a mãe pelos cachos macios de Rute.

– Pegou uma criancinha com esta, colocou no meio do grupo e disse

⁶⁹ Marcos 9.33-35.

que os que quiserem ser grandes no reino dele precisam ser parecidos com ela!⁷⁰

– Fé, amor e pureza no trono de Herodes! – exclamou Marta. – Ó, apenas Jeová é capaz de fazer uma coisa dessas acontecer!

– Agora você vai ficar em casa, papai? – perguntou Jessé, ansioso.

– Não, meu filho. Tenho que ir amanhã levar ao Mestre meu relatório sobre como fomos recebidos nas cidades. Mas voltarei logo, para a Festa dos Tabernáculos.

– Leve nosso convite sincero para o Mestre ficar em nossa casa quando vier de novo a Betânia – disse Marta, na hora em que os convidados partiam. – Ninguém é mais bem-vindo em nossa casa do que o amigo de nosso irmão Lázaro.

A preparação para a Festa dos Tabernáculos tinha começado. Certa manhã, Rubem falou:

70 Marcos 9.36-37.

– Hoje vou levar as crianças comigo à cidade, para verem a grande barraca que mandei construir. Vai caber toda nossa família, e todos os amigos que quiserem ficar conosco.

Jessé ficou encantado com a grande tenda feita com ramos verdes e suspirou:

– Queria ter sido uma das crianças que Moisés tirou do Egito.

– Por que, meu filho? – indagou Rubem.

– Porque eu ia viajar durante 40 anos, morando em uma tenda como esta. Tem um cheiro gostoso, e é tão bonita! Seria bom se o senhor e a vovó morassem sempre aqui!

No dia seguinte, Fineias se reuniu a eles. A família feliz se acomodou na barraca coberta por folhas para passar uma semana fora de casa, desfrutando da temperatura fresca do outono.

– Onde está o Mestre? – quis saber Abigail.

– Não sei – respondeu o marido. – Ele nos mandou vir antes dele.

– Será que ele vem? – perguntou ela, e a mesma pergunta saía dos lábios de quase todas as pessoas que estavam em Jerusalém.

– Será que ele vem? – perguntavam as multidões de peregrinos que haviam ouvido contar sobre os milagres e desejavam se encontrar com o homem que fazia tantas coisas maravilhosas.

– Será que ele vem? – sussurravam os escribas para os fariseus. – Ele que se cuide!

– Será que ele vem? – resmungou Caifás, o Sumo Sacerdote. – Então é melhor que um homem morra do que toda a comunidade pereça.⁷¹

O que as crianças viram naquela primeira noite da semana era como história imaginária. Lanternas e tochas iluminaram a cidade inteira.

No Pátio das Mulheres, no Templo, todas as lâmpadas douradas estavam acesas, piscando e ardendo como inúmeras estrelas.

71 João 11.49-50.

Nos degraus que separavam esse pátio do outro, havia três mil cantores, os filhos e filhas da tribo de Levi. Dois sacerdotes se colocaram no degrau mais alto, e, ao sinal da imensa trombeta de prata, o cântico que se elevava do grande coral parecia estremecer os céus. Harpas, saltérios e flautas se enchiam de som, seguindo a melodia do órgão. Ao som desses cânticos, homens marchavam com tochas nas mãos, com uma dança estranha. Continuaram fazendo isso até os portões do Templo serem fechados.

No meio das festas e de toda a alegria que se seguiu, a Voz tão esperada ressoou nas arcadas do Templo. O Filho de Nazaré estava mais uma vez na casa de seu Pai, tratando dos negócios de seu Pai.

No último dia grandioso da festa, Joel acordou ao amanhecer e se preparou para seguir os membros mais velhos da família assim que a trombeta soasse. Como todos os outros, levava uma cidra na mão direita e, na esquerda, um ramo de palmeira, símbolo de alegria. Multidão imensa se reuniu na fonte de Siloé. Retiravam água com um vaso de outro maior e a derramavam sobre o grande altar, enquanto o coral cantava

com seus milhares de vozes e todas as pessoas gritavam:

– Amém e amém!

Ao final dos dias de festa, 70 touros castrados haviam sido sacrificados. As cerimônias acabaram, e os ramos foram retirados das barracas. Todos voltaram para casa.

Muito tempo depois, Jessé se recordava da dança com as tochas, das trombetas de prata, das multidões e do tinido frágil dos sinos nas vestes do sacerdote, que pegava o fogo com a pá de ouro para queimar o incenso de aroma adocicado.

Para Joel, permanecia em sua memória dois clamores que despertaram a multidão. Um, quando derramaram a água do vaso de ouro. Era a voz do Mestre:

– Se alguém tem sede, venha a mim e beba.⁷²

O outro foi quanto todos os olhos fitavam as lâmpadas que ardiam:

– Eu sou a Luz do Mundo!⁷³

72 João 7.37.

73 João 8.12.

Rubem lembrava com maior frequência do cego que tivera a visão restaurada. Lázaro, porém, estava ansioso e inquieto. Por causa de seu trabalho como escriba, tivera contato com homens que arquitetavam planos contra seu amigo. Havia muitos boatos tenebrosos. A atmosfera estava pesada com sussurros de ódio.

Ouvira, por acaso, uma conversa entre guardas do Templo e alguns dos principais sacerdotes e fariseus.

– Por que vocês não o prenderam como ordenamos? – foi a pergunta cheia de ira.

– Não conseguimos. Ninguém nunca falou como ele fala.⁷⁴

Tinha visto a multidão procurando pedras para jogar no Mestre.⁷⁵ Ele havia desaparecido, sem ferimentos, mas Lázaro continuava a sentir que um desastre terrível ameaçava seu amigo tão amado.

74 João 7.45-46.

75 João 8.59.

CAPÍTULO XII

Foi com alívio profundo que a família viu o Mestre partir para Pereia. Fineias seguiu com ele e, quando o grupo desapareceu no fim da rua, Rute escondeu o rosto no vestido da mãe e começou a chorar.

– Não quero que o papai vá embora de novo! – soluçava. Abigail pegou-a no colo e tentou consolá-la, embora seus próprios olhos também estivessem cheios de lágrimas.

– Logo nós iremos para casa, filhinha, e aí o papai vai ficar conosco o tempo todo. Mas, primeiro, precisamos esperar passar o frio, a época da chuva e a Festa da Dedicção.

– O que? Outra festa? – indagou Jessé, para quem o verão parecia

ter sido uma longa série de festas. – Parece que aqui tem festas demais! Para que é essa?

– Seu avô vai explicar para você – disse a mãe. – Vá até lá fora e peça para ele lhe contar a história. Sei que ele vai gostar.

Sentado no joelho do avô, com os pequenos pulsos cerrados, Jessé ouviu a história. Um altar pagão havia sido construído no lugar do grande altar das ofertas queimadas, e um general pagão levava porcos para dentro do Templo santo, tornando-o impuro. A respiração do menino acelerou e seus olhos brilharam quando o ancião israelita, cheio de orgulho, contou sobre Judas Macabeu, Judas Coração de Leão, que chicoteara os soldados sírios, purificara o Templo e o dedicara de novo ao culto a Jeová.

– Nosso povo nunca esquece seus heróis – concluiu o ancião. – Todos os anos, em todas as casas, até as mais simples, uma vela é acesa para dar início à festa. Na noite seguinte, duas velas. Na próxima,

três, e assim por diante, até oito velas brilharem na escuridão do inverno. Assim, os feitos dos corajosos macabeus ardem na memória de cada filho de Abraão!⁷⁶

A festa chegou e passou. Enquanto as velas ardiam em cada lar, e as lâmpadas de ouro brilhavam no maravilhoso Templo, saudando os que chegavam, o Nazareno voltou à casa de seu Pai, para, mais uma vez, cuidar dos negócios do Pai.

Joel avistou o Mestre, quando Ele andava de um lado para outro sob as cobertas em frente à Porta Formosa. No instante seguinte, Joel empurrava e se acotovelava para conseguir passar pela multidão, até chegar bem perto dele.

Depois disso, não se deu conta de mais nada. Via apenas um rosto, a face daquele que olhara para ele na Galileia e atraía, de seu coração, o amor mais intenso. Joel só ouvia uma voz, aquela pela qual havia ansiado durante todos aqueles dias e aquelas semanas. Queria apenas ficar perto

⁷⁶ O assunto é visto em I e II Macabeus, livros encontrados na Bíblia Católica Romana, considerados apócrifos pelos protestantes e dêutero-canônicos (canônicos de segunda categoria) pelos católicos romanos.

dele! Conseguir esticar os dedos cheios de reverência para um simples toque nas roupas dele. Olhar para aquele rosto, com um amor que nunca vacilaria. A felicidade era tamanha que Joel abriria mão de todas as outras coisas!

Daí a pouco, contudo, percebeu que os principais sacerdotes não faziam perguntas com intenções amigáveis.

– Se tu és o Cristo, é melhor nos dizer claramente – exigiram.⁷⁷

Em seguida, ao longo de todo o Pórtico de Salomão e seus pilares de mármore branco, eles balbuciavam a resposta:

– As obras que faço em nome do meu Pai dão testemunho de mim. Eu e meu pai somos um!⁷⁸

– Blasfêmia! – ouviu-se o grito de desprezo vindo de trás.

– Blasfêmia! – repetiram os fariseus e os saduceus.

A multidão empurrava de um lado para outro entre as colunas; alguns

⁷⁷ João 10.24.

⁷⁸ João 10.25-30.

correram para buscar pedras. Em meio ao tumulto, voltaram-se para pegá-lo com mãos violentas, mas ele passou pelo meio deles e foi embora em silêncio.⁷⁹

Joel olhou à sua volta, à procura de seus companheiros, mas não viu Fineias nem Lázaro, de modo que correu de volta para Betânia. Caía uma chuva fria do inverno.

Ninguém da família de Rubem tinha ido a Jerusalém naquele dia, por causa do mau tempo. Celebravam a festa em casa.

Todos se assustaram quando o garoto, em geral tão quieto, entrou correndo em casa empolgado, e contou o que tinha acabado de ver.

– Mãe Abigail! – gritou, jogando-se de joelhos ao lado dela. – Se ele for embora de novo, eu posso ir com ele? Não devo deixá-lo e voltar para a Galileia, sem saber o que vai acontecer. Se ele vai ser perseguido e expulso, e talvez até morto, deixe que eu pelo menos compartilhe o sofrimento dele, e fique com ele até o fim!

79 João 10.39.

– Você está esquecendo que ele tem todo poder, e que os inimigos não podem fazer nada contra ele – disse Abigail, com bondade. – Não é verdade que ele escapou duas vezes, bem debaixo dos olhos deles, sendo que eles poderiam tê-lo prendido? Além disso, o que você pode fazer por ele, meu menino? Você esquece que ainda é criança, e talvez não suporte as dificuldades de uma jornada como essa?

– Já tenho quase 14 anos – retrucou Joel, esticando-se, orgulhoso. – E agora sou tão forte quanto alguns dos homens que viajam com ele. E a senhora sabe que foi ele quem me devolveu minha força. Ninguém imagina como eu o amo! – exclamou. – Quando estou longe dele, sinto como a senhora se sentiria se ficasse separada de Jessé, Rute e do pai Fineias. Meu coração vai sempre aonde ele vai!

– Filho, você não se importa conosco? – repreendeu ela.

– Ah, não diga isso! – replicou ele, pegando a mão dela e beijando-a.
– Eu amo vocês, nunca vou conseguir agradecer o suficiente tudo que fizeram por mim. Mas, mãe Abigail, a senhora não pode entender! Nunca foi aleijada, nem sentiu o poder da cura dele. Nunca sentiu arder o ódio perverso, nem recebeu o bálsamo do perdão! A senhora não é capaz de entender a atração que ele exerce sobre mim!

– Deixe o garoto fazer o que ele quer – disse Rubem. – Eu também senti o poder maravilhoso que atrai todos os homens para ele. Eu ficaria muito feliz de entregar até o último centavo que possuo para conseguir que as autoridades o tratassem bem.

Quando o pequeno bando de fugitivos voltou a seguir o Mestre através do Jordão, Joel estava com eles.

O inverno acabou, e eles não voltaram. Todos os dias ouviam palavras simples, que caíam como sementes na memória, para

germinar dali a vários meses, tornando-se grandes verdades. Agora, ouviam parábolas que não entendiam por completo – o bom samaritano,⁸⁰ a figueira sem frutos,⁸¹ o filho pródigo,⁸² o mordomo infiel.⁸³

Uma das histórias tocou Joel profundamente – a da ovelha perdida.⁸⁴ Ele se lembrava daquela noite de tempestade, no aprisco de Natã ben Obede, quando o pastor procurou a ovelha que se perdera até o amanhecer.

Só muito tempo depois ele entendeu que o próprio Bom Pastor havia contado a história, pouco antes de entregar sua vida pelas ovelhas perdidas de Israel.

Enquanto isso, em Betânia, o rabi Rubem e sua esposa se alegravam com a visita prolongada de sua filha.

Jessé havia declarado com todas as letras que pretendia ficar lá para sempre e aprender a ser ourives, como seu avô.

Rute também vivia alegre e contente, e

80 Lucas 10.25-39.

81 Mateus 21.18-22.

82 Lucas 15.11-32.

83 Lucas 16.1-13.

84 Lucas 15.4-7.

parecia ter esquecido sua antiga casa. Com o início da primavera, passava o tempo quase todo ao ar livre, tomando sol. Acostumara-se a ficar ao portão todas as tardes, esperando Lázaro voltar do Templo. Assim que o via dobrar a esquina, corria para encontrá-lo, com os cachos macios e o vestido branco voando ao vento.

Por mais cansado que estivesse, ou por mais preocupações que lhe ocupassem a mente, o rosto pálido de Lázaro sempre se iluminava e seus olhos escuros sorriam ao ver que ela se aproximava.

Certo dia, ela ouviu Marta dizer à sua mãe:

– Nos últimos dias, Lázaro não parece bem. Tentei convencê-lo a ficar em casa e descansar um pouco, mas ele insiste em concluir o trabalho no pergaminho sobre o qual assumiu a responsabilidade.

Alguns dias depois, ele não foi para a cidade, como de costume. Rute deu uma espiada no quarto escuro, onde ele descansava em um sofá. Estava com os olhos fechados e tão pálido que ela quase ficou com medo dele.

Lázaro não ouviu quando ela entrou no quarto nas pontas dos pés e depois saiu, mas acordou com o perfume da pequena rosa sem caule que ela deixou no travesseiro. Abriu os olhos e esboçou um sorriso ao ver que ela saía silenciosamente pela porta.

A mãe, que costurava perto da janela, viu a menina atravessar a rua correndo. Jessé estava em frente da casa, brincando com uma bola.

– Quem é este menino que está conversando com Jessé? – perguntou Abigail a Rebeca, que estava à porta, de braços abertos para receber Rute.

– Ah, é o pequeno José, o único filho de Simão, o leproso. Coitadinho!

– Simão, o leproso – repetiu Abigail.

– Não conheço.

– Conhece, sim. Lembra-se daquele jovem rico, comerciante de azeite, que morava perto da sinagoga? É o dono do maior bosque de oliveiras desta região.

– Não vai me dizer que é o marido daquela minha amiga de infância,

a Ester! – exclamou Abigail. – Ah, ele não pode ter ficado leproso!

– Ficou. É um dos casos mais tristes de que já ouvi falar. Deve ser horrível um homem tão respeitado quanto ele era, acostumado com todo tipo de luxo, virar um pária desprezado.

– Coitada da Ester! – suspirou Abigail. – Será que ela o vê de vez em quando?

– Agora não. A doença está acabando com ele muito depressa e ele está tão horroroso que a proibiu de tentar se encontrar com ele de novo. Até a voz dele mudou. Claro que ele seria apedrejado se tentasse voltar. Mas nunca procura a companhia dos outros leprosos. Ela mandou construir um quarto para ele, fora da vista de todo mundo. Todos os dias um servo leva para ele alimento e notícias da família. Ainda bem que eles têm dinheiro, porque se não tivessem ele teria que ficar no cemitério, com outros de aparência tão repugnante quanto a dele, e esses

companheiros seriam piores do que a solidão. Algumas vezes o servo leva o pequeno José até um lugar de onde pode falar com o pai, para ele ter pelo menos o consolo de ver o único filho à distância.

– Nem sei o que faria se fosse o meu Fineias! – exclamou Abigail, enquanto suas lágrimas caíam sobre a costura. – Isso é mil vezes pior do que a morte!

Na rua, os meninos iniciavam um relacionamento, daquele modo informal que as crianças sabem.

– Meu nome é Jessé. E o seu?

– José.

– Onde você mora?

– Bem ali depois da esquina, perto da sinagoga.

– Meu pai é carpinteiro. E o seu?

José hesitou.

– Ele era comerciante de azeite – disse, por fim. – Agora ele não trabalha mais.

– Por quê? – inquiriu Jessé.

– Ele ficou leproso – veio a resposta relutante.

A expressão de Jessé se tornou triste. Tinha visto leprosos uma vez, e nunca conseguira esquecer. Joel tinha mostrado para ele, quando vinham da Galileia. Era um grupo de mendigos, com feridas escamosas horríveis que consumiam a carne. Alguns não tinham mais lábios nem pálpebras. Um deles estendeu a mão, branca como a morte, que já tinha perdido quase todos os dedos. O cabelo deles parecia fio branco e eles gritavam, com voz aguda e esquisita:

– Impuros! Impuros! Não se aproximem de nós!

– Que coisa horrível ter o pai desse jeito! – pensou Jessé. Sentiu um nó na garganta. Seus olhos se encheram de lágrimas só de pensar nisso. Então, como criança que era, jogou a bola adiante e esqueceu tudo enquanto brincava com o amigo.

Vários dias depois, encontrou-se com José, que estava com um servo que

carregava uma cesta grande, coberta, e uma vasilha de água feita de couro.

– Vou ver meu pai agora – informou José. – Pergunte para sua mãe se você pode ir comigo.

Jessé se virou para ir até em casa, mas desistiu.

– Não vou pedir. Ela com certeza não vai me deixar ir, e eu vou de qualquer jeito.

– Você vai arrumar problemas quando voltar para casa! – exclamou José.

– Bem, não pode ser um castigo para sempre – alegou Jessé, vencido pela curiosidade. – Acho que prefiro apanhar a não ir.

José olhou para ele, atônito.

– É, acho que prefiro mesmo. Vamos!

Uma pequena caminhada por uma estrada abandonada, na direção de Jericó, levou-os a um local isolado, entre despenhadeiros sem vegetação. Havia uma casinha encostada nas rochas, com um sicômoro imenso inclinado sobre ela.

Bem perto ficava a entrada de uma caverna profunda, que era sempre fria como um porão, até nos dias mais quentes do verão.

Simão, o leproso, estava sentado à entrada da caverna. Levantou-se ao ver que eles se aproximavam, e se embrulhou bem no manto de linho branco que o cobria da cabeça aos pés. Para Jessé, parecia um fantasma. José, porém, estava tão acostumado com aquilo que não via nada de estranho.

A uma distância segura, o servo tirou todo o conteúdo da cesta e colocou sobre uma pedra grande. Depois, entornou a água em um jarro de pedra que estava ali perto. Por fim, colocou um pedaço de pergaminho sobre a pedra. Era uma carta. Ester escrevia todos os dias para o marido exilado.

Podia haver tempestade no vale, ou muito trabalho em casa, ela nunca deixava de enviar a pequena mensagem. Tinha aprendido a escrever para se comunicar com ele. Todos os amigos o consideravam morto, mas o amor dela, mais forte do que a morte, encontrara uma ponte para diminuir o abismo que os separava. O

único propósito da vida dela era dar a ele o máximo de consolo que podia.

Ao contrário de seu costume, Simão não enviou uma mensagem longa através de seu mensageiro fiel. Tinha muito a dizer a seu filho, e o sol já ia alto.

Jessé ficou para trás, escondido pela pedra, e ouviu as palavras carinhosas dos conselhos e de bênção que provinham da figura coberta de branco. Estava tomado de espanto.

O pai disse para o filho ser responsável até nas menores coisas, aprender com cuidado as orações e, acima de tudo, obedecer sempre sua mãe. Ao ouvir isso, a consciência de Jessé começou a incomodá-lo.

– Eu acho que sei de alguém que pode curá-lo – disse, enquanto procuravam caminho entre as pedras, na volta para casa. – Ele curou o Joel.

– Quem é Joel? – indagou José.

– É um menino que mora conosco. Ele era aleijado e andava todo torto. Agora anda bem esticado, como eu. Todos os doentes da cidade

onde eu moro foram se encontrar com esse homem e ele os curou.

José balançou a cabeça.

– Não existe cura para os leprosos. Existe, Seth? – perguntou ao servo.

– Não. Os leprosos são como mortos – respondeu Seth. – Não há nada que os ajude.

Jessé estava muito inquieto quando, com calor e sujo, separou-se de seus companheiros e se arrastou para casa, a passo de lesma.

Na manhã seguinte, José esperava por ele na frente de casa.

– E aí, ela bateu em você?

– Não – respondeu Jessé, em tom humilde. – Ela me mandou ir para a cama assim que jantei, e me fez ficar lá até hoje de manhã.

CAPÍTULO XIII

Todos os dias Rute ia pedir notícias de seu amigo enfermo. Às vezes levava um cacho de uvas, às vezes apenas uma flor em sua mãozinha carinhosa.

Mas, um dia, Marta a encontrou com olhos inchados e vermelhos de tanto chorar, e disse que tinham mandado buscar um bom médico na cidade.

No meio da noite, bateram com força à porta, chamando o rabi Rubem para ir depressa porque Lázaro tinha piorado. Ao nascer do sol, enviaram um mensageiro a toda pressa ao Jordão, para trazer da Pereia o Único que poderia ajudar.

Rute acordou com o barulho e ficou surpresa ao ver que sua mãe já estava vestida, apesar de ser tão cedo. A porta da frente estava aberta, e ela ouviu a mensagem que Marta, ansiosa, mandou o homem transmitir:

– Senhor, aquele que tu amas está enfermo.⁸⁵

– Ele vai chegar logo e fazer meu amigo sarar, não é? – perguntou, ansiosa.

– Com certeza, filha – respondeu Abigail. – Ele o ama demais e não vai deixar que sofra tanto.

Ainda assim, o dia passou, e o seguinte também. Mais um, e ele não chegou.

Rute andava como perdida, de um lado para outro, assustada com o rosto marcado pela preocupação.

– Por que ele não chega? – perguntava a si mesma, e muitos outros denotavam ter pensamento idêntico.

Estava tão calada que ninguém reparou quando ela entrou no quarto onde seu amigo jazia à morte. Maria, ajoelhada de um lado da cama, e Marta, do outro, observavam a respiração cada vez mais lenta e agarravam as mãos inertes como se o amor delas pudesse trazê-lo de volta à vida.

85 João 11.3.

Não derramavam uma lágrima sequer, mas pareciam observar com a alma nos olhos, à espera de pelo menos mais uma palavra, mais um sinal de reconhecimento.

Abigail, à janela, chorava baixinho. Rute nunca tinha visto a mãe chorar, e ficou assustada. Olhou para o avô, aos pés da cama. Duas grandes lágrimas escorreram pelo rosto dele e caíram em sua longa barba.

De repente, Maria gritou e caiu no chão, desmaiada. Rute voltou a olhar para a cama. Marta se balançava para frente e para trás, na agonia do sofrimento. Mas a menina ainda não entendia. Todos no quarto estavam preocupados em fazer Maria recuperar a consciência, e ninguém reparou em Rute.

Movida por um impulso que não entendia, aproximou-se cada vez mais. Colocou a mãozinha na dele, certa de que ele iria abrir os olhos e sorrir mais uma vez para ela, como fizera tantas vezes.

Alguma coisa, porém, a fez recuar e se encolher trêmula. Foi o mistério da morte.

– Eu não sabia que uma criança tão pequena era capaz de sofrer tanto

– comentou Abigail com sua mãe, vendo que Rute não comia nem brincava mais, apenas andava de um lado para outro, sem saber aonde ir. – Não vou deixar que ela participe do funeral.

Mas não havia como impedir que Rute ouvisse os cantos fúnebres e o lamento dos que sofriam, que haviam se reunido para homenagear o jovem que todos os moradores de Betânia conheciam e amavam.

Muitos amigos foram de Jerusalém para acompanhar a longa procissão até a tumba. Houve uma grande cerimônia no cemitério, mas até a parte mais marcante terminou e a imensa pedra teve que ser rolada para tapar a entrada do túmulo.

Então, as duas irmãs, desoladas, voltaram para casa sentindo o vazio da vida e querendo saber como sobreviveriam sem a bênção diária da presença de seu irmão.

No quarto dia após a morte dele, Marta estava sentada sob a trepadeira, com o olhar perdido, quando Rute chegou correndo, com o rosto radiante.

– Ele chegou! – gritou. – Ele chegou, e meu pai também. Rápido! Ele está esperando a senhora!

Marta se enrolou no véu e seguiu como um autômato a menina animada até o portão, onde Fineias a encontrou com a mesma mensagem.

– Ah, porque ele não veio antes?
– pensou ela, com amargura, enquanto seguia seu guia apressado.

Assim que saíram da vila, ela afastou o véu. Lá estava o Mestre, com uma expressão de bondade indescritível no rosto. Marta não se conteve e gritou:

– Senhor, se estivesses aqui meu irmão não teria morrido!

– Seu irmão vai ressuscitar – foi a resposta gentil.

– É, eu sei que ele vai ressuscitar no último dia – disse ela, quebrantada.⁸⁶

– Isso me dá esperança para o futuro, mas que consolo haverá nos anos que teremos de viver sem ele?

86 João 11.21-24

As lágrimas voltaram a escorrer pelo rosto dela.

Pela primeira vez, então, ouviram-se as palavras que têm derramado bálsamo sobre milhares de corações feridos, e esperança para inúmeros olhos cegos pelas lágrimas.

– Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim não morrerá jamais. Você crê nisso?

Marta levantou o olhar, com reverência:

– Sim, Senhor, creio que és o Cristo, o Filho de Deus que viria ao mundo.⁸⁷

Uma paz imensa tomou conta do espírito atribulado dela, enquanto corria para casa, onde muitos amigos ainda permaneciam, para confortá-las. Vários eram de Jerusalém, e ela sabia que alguns não gostavam do amigo de seu irmão. Por isso, chamou discretamente a irmã até o quarto e cochichou:

– O Mestre chegou, e perguntou por você!⁸⁸

87 João 11.25-27.

88 João 11.29.

Os visitantes pensaram que elas iam chorar no túmulo, como era costume. De modo que também se levantaram e as seguiram, guardando certa distância.

Maria se encontrou com ele, disse as mesmas palavras que sua irmã havia dito, e caiu aos pés dele. Vendo no rosto pálido as marcas do profundo sofrimento dela, ele se sentiu tocado em sua parte humana mais profunda, com sentimento cortante. E, vendo as lágrimas dela, chorou também.

– Vejam como ele amava Lázaro! – exclamou um homem que estava perto dele.

– Por que, então, não o salvou? – foi o comentário de desprezo.

– Dizem que ele tem poder para abrir os olhos dos cegos e até fazer mortos voltarem a viver.⁸⁹ Vamos ver o que fará neste caso!

A multidão, curiosa, seguiu-o até a porta da tumba: homens que o odiavam por causa das censuras severas que havia feito com relação à vida corrupta que

89 João 11.31-37.

levavam; outros que o temiam como mestre perigoso que ensinava doutrinas falsas; os que conheciam as boas obras que ele fazia, mas hesitavam em aceitar ou recusar; e os que o amavam mais do que a própria vida. Todos esperavam, perguntando a si mesmos o que ele iria fazer.

– Tirem esta pedra! – ordenou ele.

Vários homens fortes obedeceram. Então, olhou para o alto e falou baixo, mas as palavras foram tão distintas que todos ouviram

– Pai – e parecia que falava com alguém que estava bem ao lado dele – agradeço porque me ouviste. Sei que sempre me ouves, mas digo isso por causa das pessoas que estão aqui, para que creiam que me enviaste.

Os ouvintes sentiram um arrepio de expectativa. Foi aí que ele gritou, bem alto:

– Lázaro, saia daí!⁹⁰

Houve uma pausa horrível. As mulheres seguraram umas nas outras, algumas

90 João 11.39-43.

gritando, com medo. Até homens fortes caíram para trás quando saiu do túmulo uma figura alta, envolta em vestes fúnebres brancas, com o rosto oculto por um lenço.

– Desamarrem tudo e deixem-no ir embora – disse o Mestre, calmo.⁹¹

Fineias se adiantou e soltou as bandagens de fora. Quando o lenço caiu do rosto, todos viram que ele estava branco como um defunto, mas logo uma cor saudável substituiu a palidez.

Contudo, até ele falar, as pessoas apavoradas não acreditavam que estavam diante de Lázaro, e não de um fantasma.

Nunca, desde que o mundo existia, alguém tinha visto uma coisa assim: o homem que estivera sepultado durante quatro dias andando ao lado daquele que o chamara de volta à vida. As ruas ficaram cheias de gente que ria, gritava, chorava e estava meio fora de si por causa do espanto.

Ferreiros deixaram o ferro esfriando sobre a bigorna; padeiros deixaram o pão queimar no forno; a menina que tinha ido buscar água no poço derrubou o vaso

91 João 11.44.

cheio pela metade; e uma mulher que estava fazendo bolo correu para a rua com a massa nas mãos.

Todas as casas ficaram vazias, exceto uma onde um homem doente pedia água, sem ninguém para atendê-lo, e outra, onde um bebê acordou e ficou chorando no berço.

Muito tempo depois que a família reunida entrou em casa com os amigos mais íntimos e fechou a porta para celebrar sua imensa alegria, as multidões ainda estavam do lado de fora, comentando o acontecido.

Muitos que antes eram contra o Mestre passaram a crer, por causa do que tinham visto. Mas havia quem dissesse, ainda mais abertamente:

– Ele tem ligação com o Maligno.
De que outro jeito conseguiria
fazer uma coisa assim?

Esses voltaram correndo para Jerusalém, para contar a notícia de que o homem perigoso reaparecera, e estava quase às portas da importante capital. Naquela mesma noite aconteceu uma reunião secreta dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus.

- O que faremos? – era a preocupação.
- Se o deixarmos continuar, todos acreditarão nele, e os romanos virão e tomarão o nosso cargo e a nossa nação.

O mesmo sentimento habitava em todos os corações, mas apenas Caifás o colocou em palavras. Afinal, ousou repetir o que havia apenas murmurado para si mesmo antes:

- É melhor que um homem morra pelo povo para que a nação não pereça.⁹²

As ruas ainda estavam cheias de gente, quando Jessé se aproximou de Joel e os dois ficaram sentados no pátio.

- Você não acha que seria tão fácil curar um leproso quanto trazer o rabi Lázaro de volta da morte?
- Claro que sim! – respondeu Joel, convicto. – Eu já vi isso acontecer.
- Viu? – o menino estava maravilhado. – Então José pode ter o pai dele de volta.

92 João 11.49-50.

Contou a história de Simão, o leproso, e da visita que fizera à caverna isolada.

Joel logo se identificou com a história. Desde que fora curado, sentia que precisava levar a todos os aflitos do mundo a maravilhosa fonte da cura.

Nesse exato momento, um homem chegou ao portão e perguntou por Fineias. Joel o conhecia bem, pois tinham viajado juntos durante várias semanas. Era Tomé. Levantou-se logo e perguntou:

– O senhor sabe quando o Mestre vai partir de Betânia?

– De manhã – respondeu Tomé – e fico contente por irmos embora logo. Eu achei que ia morrer com ele ao virmos para cá. Ele está cercado de inimigos secretos por todos os lados.

– Será que ele vai embora pela mesma estrada que veio?

– É bem provável.

Joel não esperou mais informações, mas pediu para Jessé lhe ensinar o caminho até a caverna. Jessé era pequeno, mas bem

esperto, e deu instruções simples a Joel, que o levariam direitinho até a caverna.

– Estou tão contente porque você vai lá! – exclamou. – Será que devo contar a José o que você vai fazer?

– Não diga uma palavra sequer, a ninguém – instruiu Joel. – Eu volto logo.

CAPÍTULO XIV

O leproso estava à entrada da caverna, com um rolo preso nos dedos horrorosos. Era uma cópia dos Salmos que Lázaro lhe dera, em tempos mais felizes.

Encontrara consolo muitas vezes nos cânticos inspiradores de Davi, mas, naquele dia, lia um lamento que parecia proceder das profundezas de sua própria alma:

Tua ira pesa sobre mim, e me afligiste com todas as tuas tribulações. Afastaste-me de todos os meus companheiros. Tornaste-me abominação para eles. Fui calado e não posso me aproximar. Senhor, clamei diariamente a ti. Estendi minhas mãos para ti. Mostrarás maravilhas aos mortos? Levantarão os mortos e voltarão a louvar a ti? Senhor, por que

rejeitaste minha alma? Por que escondeste de mim tua face?⁹³

O rolo caiu no chão, e ele escondeu o rosto nas mãos, chorando:

– Até quando terei que suportar isso? Por que não morri no lugar de Lázaro?

O som de uma pessoa tropeçando nas pedras o fez levantar rápido o olhar. Seth nunca aparecia àquela hora, e nenhum estranho teria encontrado o caminho para aquele lugar afastado.

Joel apareceu, e parou ao lado da pedra onde ficava o jarro para a água. Simão se levantou e gritou, em advertência:

– Cuidado! Impuro! Não se aproxime!
– Trago notícias lá da vila – informou Joel.

O homem levantou os braços, assustado.

– Por favor, minha esposa Ester, não! – implorou. – Nem meu pequeno José! Eu não suportaria ouvir que estão enfermos. Meu coração ainda está ferido por causa

⁹³ Salmos 88.7-14.

da morte de meu amigo Lázaro. Eu me aproximei da cidade o máximo que pude, e ouvi o hino fúnebre das flautas e o choro das mulheres quando o colocaram na tumba. Até agora estou sentado aqui, vestido de pano de saco e cinzas.

– Mas Lázaro está vivo de novo! – exclamou Joel, com simplicidade. Tinha visto tantos milagres que esquecera o efeito que uma notícia tão surpreendente causava nos que não estavam acostumados com algo semelhante.

O homem, paralisado de espanto, disse, com amargura:

– Você quer me fazer de bobo, garoto. Pelo menos me deixe aqui em paz com meu sofrimento.

– Não! – gritou Joel. – Juro que é verdade, assim como Deus vive. O senhor ainda não sabe que o Messias chegou? Eu o segui por todo o país, e sei do que estou falando. Basta ele dizer uma palavra e os mudos cantam, os cegos veem

e os aleijados andam. Eu mesmo era aleijado, e ele me deixou assim, como o senhor pode ver.

Joel se esticou ao máximo. Simão olhou para ele, perplexo. Por fim, perguntou:

– E por que você se deu ao trabalho de vir até aqui contar isso para mim, um pobre leproso desprezado?

– Porque quero que todos sejam felizes como eu sou. Ele me curou. Devolveu minha força. Por isso meus pés devem ser sempre rápidos para levar outros até Ele, para receberem a mesma cura. Ele vai por toda parte, o tempo todo, fazendo isso. Sei que há esperança para o senhor, pois já o vi purificar leprosos.

Simão estremeceu à medida que o entendimento completo da esperança apresentada a ele tomava sua mente confusa: saúde, lar, Ester, filho, tudo devolvido a ele. Era bom demais para ser possível.

– Ah, se eu pudesse acreditar nisso!
– gritou.

– Lázaro foi ressuscitado depois de passar quatro dias morto. Todos em Betânia podem confirmar isso – insistiu Joel. Suas palavras fortes e decididas na descrição da cena levaram Simão a se inclinar a acreditar nele.

– E onde posso encontrar esse homem?

Joel apontou a ladeira cheia de pedras.

– Vá até a estrada que segue para Betânia, bem cedo, amanhã. Quando nós passarmos por você, grite. Ele nunca rejeita ninguém que tenha fé e acredite que ele pode fazer o que pedem.

Joel ia descendo a colina, mas se voltou e disse:

– Se ele não passar por ali amanhã, não deixe de ir de novo depois de amanhã. Tenho certeza de que vamos partir logo daqui.

Simão ficou ali, confuso, até o menino desaparecer na colina. Temia que o mensageiro tivesse sido apenas

criação de sua mente. Subiu pela encosta e observou o vale. Não, não era engano. O garoto não era fruto de sua alma sedenta. Lá ia ele, à vista de novo, subindo a colina seguinte.

– Como são belos sobre a montanha os pés dos que levam boas notícias!
– murmurou. – Oh! O Céu se abrirá diante de mim se as palavras desse garoto forem verdadeiras!

Na manhã seguinte, ao partirem de Betânia, Joel olhava, ansioso, atrás de toda pedra grande e de toda árvore do caminho, mas não viu Simão. Avistou-o à espera um pouco adiante, ajoelhado no pó. O manto branco, que usava sempre para se esconder, estava jogado para o lado, para o Grande Médico ver sua imensa necessidade.

Olhou o grupo que se aproximava com olhos que imploravam. Procurava o Messias, alguém com vestes reais, que estenderia o cetro cheio de joias para ele, concedendo a cura real. Com certeza não era esse o pessoal que ele aguardava. Eram meros transeuntes; a maioria parecia da Galileia. Estava prestes a gritar seu alerta de impureza quando viu Joel. Mas não

conseguia encontrar o príncipe Redentor das profecias.

Eles se aproximavam cada vez mais, até que Simão conseguiu ver direito o rosto de cada um. Não havia necessidade de perguntar a quem devia pedir ajuda. Na verdade, parecia que só existia um rosto, repleto de amor e compaixão.

– Tu, Messias de Israel! – orou. – Trouxeste meu amigo Lázaro de volta da morte, não passe sem me abençoar. Tira-me desta morte em vida! Torna-me limpo!

O olhar que se baixou para encontrar o dele parecia penetrar sua alma:

– Acredita que sou capaz de fazer o que me pediu?

A fé que implorava nos olhos de Simão não poderia ser ignorada.

– Sim, Senhor – clamou ele. – Basta que ordenes!

Trêmulo, esperou a resposta que, para ele, significava vida ou morte.

– Ordeno. Fica limpo! – e estendeu a mão para levantar o homem

ajoelhado a seus pés. – Vá se mostrar ao sacerdote – acrescentou.⁹⁴

O grupo prosseguiu, e Simão ficou olhando para eles. O Cristo tinha acabado de passar? Onde estavam as vestes tingidas em Bozra? O profeta descrevera roupas gloriosas, viagens em grandeza e força. Nenhum cetro de poder divino o tocara; sentira apenas o toque de mão humana. Olhou para si mesmo. Ainda leproso? A fé vacilou, mas lembrou que ainda não obedecera a ordem de ir se mostrar ao sacerdote. Correu imediatamente pelos campos, rumo a Jerusalém.

Bem abaixo, na estrada, Joel escutou um brado forte. Voltou-se para olhar. Lá, no topo de uma colina, nítida contra o céu, viu a silhueta de Simão com os braços levantados para o céu, pois, enquanto corria, obedecendo a ordem, a lepra o deixara. Bradava o mais alto possível seu louvor e gratidão, no êxtase da cura.

Joel pensou nas cerimônias entediadas que seriam realizadas antes de Simão poder ir para casa, e desejou que os oito dias de

94 Mateus 8.1-4.

purificação já tivessem passado e que a família se reunisse logo.

Enquanto isso, Seth subia a colina com a cesta e o vaso com água, rumo à caverna. Pela primeira vez, nos sete anos em que fazia a visita diária, não foi recebido pela voz ansiosa. Aproximou-se o máximo possível do pequeno quarto na encosta e viu, pela porta aberta, que estava vazio. Cauteloso, chegou perto da entrada da caverna e chamou seu senhor. Recebeu como resposta centenas de ecos, mas nenhuma voz humana. Os chamados ressoavam na escuridão vazia. O silêncio profundo pesou sobre ele; temia que em algum lugar nas entranhas misteriosas da caverna houvesse um defunto.

Foi dominado pelo medo. Parou apenas para deixar a água e o alimento e partiu para casa o mais rápido possível. Assim que chegou à estrada, um viajante que ia para Betânia falou com ele:

– Adivinha o que acabei de ver?
Um homem correndo a toda pressa para Jerusalém, com lágrimas de alegria escorrendo pelo rosto. E gritava: “Limpo! Limpo! Limpo!”.

Ele me fez parar e me pediu que, se eu encontrasse um homem com uma cesta e um vaso para água, era para dizer que Simão, o leproso, tinha acabado de ser curado da lepra e que irá para casa assim que acabarem os dias da purificação.

Seth o fitou, bobo, sentindo que estava sonhando. Ester também não conseguiu acreditar quando ele contou. Mesmo assim, andou empolgada de um lado para o outro, maravilhada com a mera possibilidade de ser verdade.

Na manhã seguinte, como de costume, enviou Seth com as provisões. Mas ele voltou com tudo, e informou que o lugar continuava abandonado. Aí ela ousou começar a ter esperança. Tentava se proteger contra a decepção, repetindo que talvez nunca voltasse a ver o marido, mas ainda assim esperava com impaciência o passar de cada dia. Por fim, todos os oito dias se arrastaram.

O novo dia começaria ao pôr do sol, e era o mais cedo que ela poderia esperar por ele. A casa foi varrida e enfeitada como se um rei fosse chegar. A mesa, repleta das

iguarias mais finas que Seth encontrou nos mercados de Jerusalém.

As primeiras rosas, da cor predileta dele – vermelhas, enfeitavam todos os ambientes. Na inquietação da espera, Ester não encontrava entre suas roupas nenhuma elegante o suficiente. Colocou um enfeite após o outro, até ficar satisfeita. Então, vestida de branco, com joias brilhando nas orelhas, no pescoço e nas mãos delicadas, com os olhos reluzindo como duas estrelas alegres, sentou-se para esperar.

Não conseguia, porém, ficar quieta. O tapete estava enrugado no canto; a pétala de uma das rosas caíra no chão. Era melhor trocar o vinho da mesa.

Por fim, saiu pela porta, calçada em suas pequenassandálias de seda e subiu pela escada externa até o teto para esperar a chegada dele. O sol já se fora por completo, mas o Oeste estava maravilhoso com o vermelho dourado de sua despedida. Olhando para o Monte das Oliveiras, ela viu a fumaça do sacrifício da tarde subindo, enquanto as nuvens de incenso enchiam o Templo. Ele, com certeza, já estava a caminho.

O coração dela quase parou quando viu uma figura surgir no final da rua, entre

as filas de palmeiras. Forçou os olhos para ver melhor, então deu um longo suspiro trêmulo. Era Lázaro. As duas crianças e o carneiro correram para se encontrarem com ele. Ao longo da rua, muitos chegavam à porta para vê-lo passar, ainda maravilhados.

Cobriu os olhos com a mão e voltou a olhar. Todavia, enquanto ela esquadrihava a estrada distante, alguém passou bem abaixo dela, sob as árvores frondosas, com passos apressados. Uma pessoa parou à porta coberta pela trepadeira. Alguém subiu, pulando três degraus a cada passo. Alguém foi na direção dela, com os braços estendidos, gritando:

– Ester, pequena Ester, minha esposa!
A escolhida de Deus para mim!

Pela primeira vez, em sete anos, ela se viu nos braços do marido. Forte e saudável, com a antiga luz nos olhos, a antiga emoção na voz, o vigor da saúde perfeita correndo por suas veias. Ele só conseguia murmurar, tremendo, enquanto a apertava nos braços:

– Deus seja louvado! Deus seja louvado!

Claro que parecia um estranho para José. Entretanto, o amplexo dos braços fortes e a voz grave que disse “meu filho” com tanto carinho tocaram de forma inexplicável o pequeno garoto, privado havia tanto tempo de seu direito de receber diretamente o amor paterno. E foi ele o primeiro a quebrar o silêncio feliz em que se achavam:

– O Rabi Jesus deve ser um homem muito bom, porque faz as pessoas ficarem felizes assim o tempo todo!

– Ele é o Redentor de Israel! – exclamou Simão. – Glória seja dada a Deus, que o enviou a este mundo amaldiçoado pelo pecado! De hoje em diante tudo que tenho, tudo que sou, será dedicado ao serviço dele.

Ajoelhado quando os últimos raios solares desapareciam, com os braços em volta da esposa e do filho devolvidos a ele de forma tão inesperada, colocou todo o coração em uma oração de gratidão ao bom Pai. Havia tanta gratidão que até os anjos mais felizes devem ter parado para ouvir, mais contentes ainda por causa da imensa alegria na Terra.

CAPÍTULO XV

– Acho que haverá mais estrangeiros do que de costume na Páscoa deste ano – disse o Rabi Rubem para Lázaro certa tarde em que voltavam juntos da cidade. – Talvez chegue a três milhões de pessoas. Um homem que esteve em minha loja hoje veio de Roma e contou que até nas regiões mais distantes do mundo, onde há algum falante do hebraico, ouve-se o nome do Messias. Nos convés dos navios, nas travessias dos desertos, nos negócios nas lojas, todos só falam sobre ele e seus milagres. Até em Atenas e nas cidades às margens do Nilo há enorme interesse. O ar parece carregado de expectativa. Só posso pensar que coisas maravilhosas estão para acontecer. Com certeza chegou a

hora de Jesus se proclamar rei. Não entendo por que ele está escondido no deserto, como se temesse por sua segurança.

Lázaro sorriu para o ancião, com ar confiante.

– Tenha certeza, meu amigo, de que é apenas porque a hora ainda não chegou. Será uma visão esplêndida quando ele se colocar diante da tumba do poder há muito morto, para restaurar a antiga vida e grandiosidade da nação. Creio que com ele todas as coisas são possíveis.

– Gostaria que a hora fosse nesta Páscoa! – retrucou Rubem. – Eu me alegraria demais ao ver nossos inimigos reduzidos a pó!

Nas fronteiras da Galileia, o rei esperado já avançava rumo à coroação. Muitos dos antigos amigos e vizinhos de Cafarnaum se uniram ao grupo, para ir à celebração da Páscoa. O progresso, porém, era lento, porque eram detidos em todas as curvas do caminho por mãos estendidas e pedidos de ajuda. Pode-se dizer que quase todos os

passos eram dados ao som de algum grito de alegria dos que recebiam bênçãos.

Joel era incapaz de guardar todas as cenas na memória, mas havia as que se destacavam. Os dez leprosos que encontraram logo na partida,⁹⁵ o cego Bartimeu, pedindo esmolas à beira do caminho.⁹⁶ Jamais esqueceria a expressão no rosto do homem, quando seus olhos foram abertos e viu, pela primeira vez, a glória do sol da manhã. Todo seu corpo estremeceu de emoção, pois se lembrou de sua própria cura. Entendia, mais do que os outros, o que havia sido feito em favor do mendigo cego.

Houve, também, Zaqueu, que subiu pelos ramos do sicômoro para, lá de cima, ver o Mestre passar por Jericó. O mesmo Zaqueu desceu a toda pressa da árvore para organizar a recepção do respeitável hóspede.⁹⁷

E o jovem rico que foi embora triste, porque não estava disposto a fazer o sacrifício que lhe foi pedido.⁹⁸ Mas havia

95 Lucas 17.12-19.

96 Marcos 10.46-52.

97 Lucas 19.1-10.

98 Lucas 18.18-23.

uma cena que sua memória guardava em cores inesquecíveis.

Havia rosas e madressilvas à margem do caminho. Laranjeiras despejavam seu aroma com as pétalas brancas que caíam. No meio da sombra e das flores, mães vindas de uma cidade próxima trouxeram os filhos, recém-saídos do banho e bem vestidos, para alcançarem o favor do Profeta que por ali passaria.

Bebês balbuciavam nos braços das mães. Rostinhos iluminados sorriam por trás das saias em que se escondiam e às quais os dedos tímidos se agarravam. Enquanto aguardavam o grupo que se aproximava, os pezinhos descalços corriam para cima e para baixo da inclinação à beira da estrada, e a risada alegre das crianças maiores enchiam o dia ensolarado.

Os viajantes se aproximaram, e as mulheres pegaram os filhos e se aproximaram. A visão faria quase qualquer pessoa se deter: os olhos inocentes dos pequenos à espera do toque que os conservaria sempre puros de coração, era a bênção que as mães desejavam para eles.

Alguns discípulos, entretanto, impacientes por causa das muitas paradas,

não viram, nos rostinhos rosados e nos corpinhos cheios de dobrinhas, nada que parecesse precisar de ajuda ou atenção, de modo que se dirigiram com rispidez às mulheres:

– Por que vocês estão incomodando o Mestre? Achem que ele vai atrasar a grande obra que tem para fazer e tratar de assuntos sem importância?

Elas recuaram, rejeitadas pela censura. Mas, no rosto do Mestre, ao se voltar para eles, havia um olhar de reprovação, como nunca tinham visto antes.

– Deixem as criancinhas virem até mim – disse, sério. – Não as proíbam, pois delas é o reino do Céu!⁹⁹

Então, estendeu as mãos, pegou-as nos braços e abençoou cada uma, até o bebê mais novinho, que piscou os olhinhos escuros. Assim, sem medo, elas se aproximaram dele, se acomodaram no amor de seus braços. Agarraram-se a ele em confiança tão perfeita, que ele se voltou para os discípulos:

⁹⁹ Lucas 18.15-16.

– Verdadeiramente, eu digo a vocês que quem não receber o reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele.¹⁰⁰

Tendo se defrontado em todos os lugares com visões repugnantes, mendigos esfarrapados e todo tipo de doenças, o grupo de crianças felizes deve ter permanecido por muito tempo na memória dele, como o desabrochar inesperado e suave de uma rosa no deserto árido.

Enfim, a jornada lenta se aproximou do final. Na sexta-feira anterior à Páscoa, os viajantes exaustos chegaram mais uma vez a Betânia. Horas antes da chegada, um homem a cavalo, vindo de Jericó, trouxera a notícia da aproximação do grupo. O animal, com suas patas velozes, ultrapassara ainda longe, na estrada, a caravana que avançava lentamente.

O Mestre foi recebido com alegria na casa de Lázaro. O pátio coberto pela trepadeira proporcionava uma revigorante mudança, depois da estrada empoeirada. Nada de multidões de curiosos com pedidos constantes de ajuda.

100 Lucas 18.17.

Longe das cenas que o oprimiam, do clamor e das críticas, ali era o lugar onde coração e corpo encontravam descanso. A paz do ambiente e a atmosfera de simpatia à sua volta caíram em sua alma sedenta como orvalho sobre a terra. Ali, por poucos dias, Aquele que fora por tanto tempo um peregrino sem-teto, receberia a bênção de um lar.

Horas antes da primeira trombeta soar no teto da sinagoga, para proclamar a chegada do Shabath, Simão correu até sua casa.

– Ester, – chamou empolgado – eu o vi! O Cristo! Ajoelhei-me aos pés dele. Fitei seu rosto. E, adivinhe uma coisa! Ele prometeu vir sentar à nossa mesa! Amanhã à noite haverá um banquete como nunca houve antes neste lugar, preparado para ele. Preciso de sua ajuda para pensarmos no que fazer para lhe fazer uma homenagem especial.

Ester se agitou com a notícia.

– Temos muito pouco tempo para ajeitar tudo – falou. – Seth deve

partir imediatamente para a cidade a fim de fazer as compras. Amanhã ele não será servido por nenhum dos empregados. Eu mesma vou assumir essa função, e, com certeza, Marta, Maria e Abigail me ajudarão nessa obra de amor. Elas vão gostar de participar. Vou agora mesmo falar com elas.

O Shabath longo e tranquilo passou. Na sinagoga, os presentes procuraram em vão outros milagres, e tentaram, sem sucesso, escutar a voz que realizava tantas maravilhas.

Ele não quebrou o descanso do dia, reunindo forças para uma provação que se aproximava. Parte da sombra do que viria talvez tenha aparecido nos seus olhos compassivos. Alguma indicação do destino que o aguardava talvez tenha sido dada aos irmãos sentados em reverência aos pés dele, pois eles pareciam sentir que logo haveria uma separação, e que deveriam aproveitar ao máximo o tempo que tinham, servindo-o com todo amor.

Na noite do banquete, as pequenas mãos alvas de Ester trouxeram água para

os convidados reclinados se lavarem, enquanto Marta e Abigail colocavam diante deles travessas com alimentos suntuosos. Maria fez uma pausa. Desejava fazer alguma coisa especial para homenagear o convidado importante.

Nunca o rosto dele apresentara tal expressão de realeza. Ele nunca se apresentara tanto, como sendo o Cristo. A luz suave das velas revelava, no rosto dele, como nunca tinham visto antes, a alma divina que logo deixaria o corpo cansado onde ainda habitava.

De repente, Maria lembrou-se de um antigo costume dos judeus. Duas imagens lhe ocorreram na mente: Arão, com as ricas vestes sacerdotais e a cabeça inclinada para receber a unção sagrada; e o primeiro rei de Israel, sobre quem o idoso Samuel derramava a unção que declarava sua realeza. Marca do sacerdócio e da realeza. Ela foi impulsionada a fazer isso.

Ninguém reparou quando, pouco depois, ela saiu e correu até sua casa. O baú em seu quarto escondia um pequeno vaso de alabastro, bem selado. Era um perfume adocicado, raro, que valia quase tanto quanto ouro. Pegou-o com os dedos

trêmulos, e escondeu-o nas dobras do longo vestido vaporoso. Respirava rápido, o coração disparado, quando se esgueirou de volta por trás dos convidados. Seu rosto estava ora rubro, ora pálido, e ela permaneceu escondida nas cortinas, hesitante, com certo receio de se arriscar.

Por fim, quando o banquete estava quase no fim, avançou, sem fazer barulho. Houve um movimento de surpresa pela interrupção incomum, embora todos conhecessem o costume e entendessem a profundidade de seu simbolismo.

Primeiro na cabeça, depois nos pés, ela derramou o perfume caro. Inclinando-se, na maior humildade possível, passou seus cabelos longos pelos pés dele para enxugar as gotas cristalinas. O aroma doce e delicado encheu toda a casa.

Alguns dos presentes se lembraram de cena parecida na casa de outro Simão, na distante Galileia, mas apenas o Ungido era capaz de sentir o imenso contraste entre as duas situações.

Aquele Simão, fariseu soberbo, era condescendente, crítico, pouco hospitaleiro. Este Simão, o leproso curado, estava pronto a entregar até a vida em seu

amor e gratidão ilimitados. A outra mulher, pecadora arrependida, ajoelhou em lágrimas diante da misericórdia dele. Esta era tão pura de coração que enxergava Deus escondido no corpo humano do Nazareno. Aquela unção fora para o sacerdócio, no início do ministério. Esta, para o reino, que estava próximo. Ninguém disse nada enquanto o aroma recendia e se espalhava, como o incenso de uma benção. Era uma forma adequada de encerrar aquela hora de comunhão com o Mestre.

No silêncio eloquente, que teria sido quebrado pelo som mais suave, uma voz fria, destituída de sentimento, se ouviu, dura. Judas Iscariotes inquiriu:

– Por que você desperdiçou todo esse unguento? Teria sido melhor vender e dar o dinheiro para os pobres.¹⁰¹

Simão franziu a testa, indignado com o convidado rude, destituído de cortesia. Maria levantou os olhos, assustada.

– Deixe-a em paz! – disse o Mestre, com gentileza. – Os pobres estão sempre com você, e poderá fazer o

101 Mateus 26.6-9.

bem a eles quando bem entender. Mas eu não estarei aqui para sempre. Ela fez o melhor que podia: antecipou a unção do meu corpo para o sepultamento.¹⁰²

Uma sombra passou pelos olhos de Judas. Ali estava, de novo, a referência ao sepultamento dele. Não adiantava mais fingir que o seguia. O reino dele era um engano, algo vago, nebuloso, espiritual, em que os outros podiam acreditar, caso quisessem. Mas, se não havia mais esperança de tirar proveito por estar a serviço dele, passaria para o outro lado.

Naquela noite houve mais uma reunião secreta de membros do Sinédrio, e Judas Iscariotes participou.

Quando as luzes se apagaram e os guardas do Templo faziam a última ronda, uma figura sombria se esquivou pela noite, traçando seu caminho pelas ruas estreitas. Essa figura, que até hoje espreita na noite da história, era o homem que aceitou trinta peças de prata para trair seu Senhor.¹⁰³

102 Mateus 26.11-13.

103 Mateus 26.14-16.

CAPÍTULO XVI

– Que conversa é essa aqui em casa? – perguntou Joel para Abigail na manhã depois do banquete.

Joel estivera brincando no jardim com Jessé, e parara à porta ao ouvir vozes dentro de casa.

– Agora são só meu pai e Fineias – respondeu Abigail. – Simão, o comerciante de azeite acabou de sair, e garanto que você nem imagina o que ele veio fazer. Falar sobre você.

– Sobre mim? – repetiu Joel, surpreso.

– É. Só hoje de manhã eu soube que foi você quem convenceu Simão a ir até o Mestre em busca de cura. Ele falou que, se não fosse por você, ainda estaria fora de casa. Durante essas semanas em que

você estava viajando, ele tentou descobrir quem você era, porque queria expressar gratidão. Ontem à noite, no banquete, ficou sabendo seu nome e acabou de vir aqui conversar com meu pai e Fineias sobre você. Ele ganha uma fortuna com as oliveiras todos os anos, e pode fazer muitas coisas por você, se você aceitar.

– O que ele quer fazer?

– Fez uma oferta maravilhosa: quer mandar você para estudar nas melhores escolas do país; enviá-lo para conhecer outros países, ver como é a vida em Roma e Atenas e nas cidades do Egito. E quando você for adulto, quer lhe dar uma parte dos negócios dele, como se você fosse filho dele. Poucos têm uma chance como essa, meu garoto.

– É mesmo – replicou Joel, corando de alegria ao pensar em tudo que poderia ver e aprender.

Joel parecia ter se perdido durante alguns minutos, prevendo um futuro tão

encantador. Mas em seguida sua expressão mudou.

– Mas eu teria que me separar de todo mundo que eu amo – exclamou. – e da casa onde tenho sido tão feliz! Não posso fazer isso, mãe Abigail. É pedir demais.

– Bem, você está falando como criança – respondeu ela meio impaciente, embora houvesse traços de lágrimas nos seus olhos. – Joel, você se tornou muito querido para nós. Será muito difícil ver você partir, porque você é quase como nosso filho. Mas pense bem. Não seria certo desprezar tudo o que ele ofereceu. Jessé e Rute terão recursos. Tudo que meu pai tem será deles, um dia. Mas Fineias não passa de um carpinteiro pobre e não pode dar a você nada além de alimento e roupas. Acabei de ouvi-lo dizer que acredita que você deve aceitar, e que não tinha dúvida de que você aceitaria.

– Mas não vou poder ficar com o Mestre! – exclamou Joel, se dando

conta de repente que não poderia continuar seguindo-o como tinha feito até aquele momento, caso fosse enviado para longe, para estudar e viajar.

– Não, mas pense no que poderá fazer pela causa dele, se tiver dinheiro, educação e influência. Eu acho que até por causa dele você deve aceitar tudo isso.

Foi o mesmo argumento que Fineias usou quando se juntou a eles fora da casa, e o garoto ficou dividido entre o desejo de ficar o tempo todo com seu amado Mestre e o de servi-lo como eles sugeriam. Dominado por essa dúvida, ele partiu para Jerusalém com Jessé e Rubem. As ruas se enchiam rapidamente com todos que chegavam para a Festa da Páscoa, e Joel reconheceu vários amigos do tempo em que vivia na Galileia.

– Olhem ali! É o Rabi Amós – exclamou, vendo um senhor idoso à porta de uma casa do outro lado da rua. – Posso ir lá conversar com ele?

– Claro! – respondeu Rubem. – Você conhece bem a cidade e não faz mal se nos separarmos. Eu vou com Jessé para a loja. Você pode nos encontrar lá.

O Rabi Amós recebeu Joel com alegria.

– Estou saindo lá para a Porta de Damasco – falou. – Ouvi dizer que o Nazareno vai chegar logo à cidade, e há uma procissão de peregrinos que vai se encontrar com ele. Ouvi falar tanto dele depois que partiu de Cafarnaum, e quero vê-lo de novo. Quer ir comigo?

O ancião mancava tanto, apoiado em sua vara, que levaram muito tempo para chegar ao portão. A procissão que saía já se encontrara com a que chegava e todos rumavam para a cidade. O caminho estava coberto com ramos de palmeiras e muitos tiraram roupas para colocar à frente do homem que queriam homenagear. Todos tinham nas mãos ramos de palmeiras e cantavam Hosanas.

A princípio, Joel viu apenas uma confusão de ramos verdes balançando

e ouviu um rumor incompreensível de vozes. À medida que se aproximavam, porém, entendeu as palavras:

– Hosana ao Filho de Davi!

– Olhe! – gritou o Rabi Amós, colocando a mão enrugada e trêmula no ombro de Joel. – Veja, garoto, a voz da profecia! Nenhum cavalo de guerra romano carrega o vitorioso que chega! É como Zacarias profetizou! Que o rei viria montado em um jumento, o símbolo da paz. Era assim que Davi se locomovia, e também os juízes de Israel!

Os olhos de Joel fitaram a direção que o dedo trêmulo apontava. Lá vinha o Mestre, bem diante de seus inimigos, dirigindo-se com ousadia ao lugar onde tomaria posse de seu reino.

Finalmente! Nada mais de vagar pelo deserto abandonado! Não mais medo dos fariseus e escribas invejosos! Chegara a hora. Com mantos espalhados pelo caminho, ramos de vitória acenando para ele, salmos, cânticos e gritos da multidão, ele entrou em triunfo na cidade.

A empolgação de Joel atingiu o ponto máximo ao ver seu amigo mais amado receber tanta honra. Agora as pessoas o entendiam, reconheciam seu valor. A demonstração da multidão era a prova disso. Joel estava tão feliz e animado que mal se dava conta do que estava fazendo. Não tinha ramo de palmeira para acenar, mas, quando a procissão chegou perto dele, e viu a face do que ia montado no jumento, quase perdeu os sentidos.

Acenou as mãos como um louco, para cima e para baixo, gritando o mais alto possível. Todavia, seus gritos mais altos eram ouvidos apenas por ele mesmo. Não passavam de uma gota na imensidão sonora à sua volta.

Sem saber o que esperar, mas pronta para qualquer coisa, a multidão seguiu a procissão para dentro da cidade. Chegou à entrada do Templo, mas o Mestre desapareceu.

– Queria saber aonde ele foi – disse Joel, desapontado. – Pensei que eles iam coroá-lo.

– Com certeza ele não quis – respondeu o Rabi Amós. – É muito

mais adequado a coroação acontecer durante a grande festa. Espere até o dia da Páscoa.

Sentaram no Pátio dos Gentios para descansar, e Joel contou ao Rabi Amós a oferta feita pelo rico comerciante de azeite, Simão.

– Claro que você tem que aceitar!
– foi o conselho do ancião. –
Acabamos de ver que está para nascer um novo tempo para Israel. Em Betânia você estará muito mais perto do Mestre do que em Cafarnaum. Pelo que vimos hoje, ele vai morar na capital. Com o tempo, você pode chegar a ser bem importante no novo Governo que será estabelecido.

A opinião do idoso rabi teve grande peso e Joel decidiu aceitar a oferta de Simão. Em seguida, foi tomado por tantos planos e ambições que, durante algum tempo, não conseguia pensar em mais nada.

Passou a semana toda separado do Mestre e dos discípulos dele. Era a primeira Páscoa de que participava. Depois que a

festa terminasse, cortaria os laços que o ligavam à família do carpinteiro e à vida simples na Galileia e iria morar na luxuosa casa de Simão, em Betânia. Por isso, ficou com Fineias e Abigail, muito interessado nos preparativos importantes para a celebração.

Rubem examinou seus inúmeros cercados e escolheu um cordeiro de um ano, sem qualquer defeito. Por volta das duas horas, o toque de duas cornetas anunciou que os sacerdotes e levitas do Templo estavam prontos, e os portões dos pátios internos foram abertos para o exame dos cordeiros.

Alinhados em duas filas longas, os sacerdotes recolhiam o sangue em vasos imensos de ouro e prata, à medida que os animais eram imolados, e iam passando para trás os vasos, até chegarem ao altar, onde derramavam o sangue. Então, o cordeiro era assado em um forno de barro e a festa começava quando o sol se punha, na quinta-feira. Quando várias famílias se reuniam, o couro do cordeiro e os pratos de barro usados eram oferecidos aos hóspedes.

Até 20 pessoas podiam se reunir em torno de uma mesa. Rubem convidara

Natã ben Obede e os que tinham ido com ele. Para alegria de Joel, um chumaço de cabelo queimado de sol apareceu pela porta, e ele reconheceu o rosto sardento de Buz, com seus olhos redondos, admirado com a primeira visita à cidade grande.

Durante a primeira hora em que estiveram juntos, Buz não tirou os olhos tortos de Joel. Era difícil acreditar que aquele garoto ereto e forte era o mesmo aleijado digno de pena que fora com ele aos estábulos de Natã ben Obede.

– Ah – disse lentamente, um pouco depois. – Sei onde está aquele garoto que deixou você aleijado. Fiquei tão espantado de ver você assim que me esqueci de contar. Ele sofreu um acidente horrível, e já aconteceu o que você queria. Ele está cego como uma porta.

– O quê? Quem te contou isso? – indagou Joel, ansioso.

– Eu mesmo o vi, quando passei por Jericó. Ladrões o espancaram e ele quase morreu, há algumas semanas. Teve febre, e os dois

olhos ficaram tão inflamados e machucados que ele ficou cego.

– Coitado do Reum! – exclamou Joel.

– Coitado? – repetiu Buz, atônito.
– O que você quer dizer com isso? Não está contente? Não era exatamente isso que você queria? Ou preferia que você mesmo tivesse batido nele?

– Não, respondeu Joel com simplicidade. – Eu o perdoei, faz um ano, na noite anterior à minha cura.

– Perdoou? Você o perdoou! Um samaritano cachorro! Por quê? Como você fez isso?

Buz demonstrava tanta perplexidade que Joel nem tentou explicar. Buz ignorava muitas coisas importantes, mas imaginava que todos deviam odiar os samaritanos, e desprezá-los ao máximo.

– Acho que você não seria capaz de entender – disse Joel. – Então, não adianta dizer como nem porquê. Mas a verdade é que eu o perdoei

completamente. Se você me disser onde eu posso encontrá-lo, amanhã cedo eu irei buscá-lo para ficar comigo. A mão que endireitou minhas costas pode abrir os olhos dele. Eu vi acontecer muitas vezes.

Durante toda a festa, Buz olhava Joel. Não sabia dizer o que o surpreendia mais: o corpo endireitado ou o espírito de perdão. Estava tão maravilhado que não sabia o que dizer. Enquanto isso, num cenáculo em outra rua, o Mestre e seus discípulos, reunidos, celebravam a festa. Era a última ceia deles com Jesus, mas eles não sabiam. Mais tarde, recordaram cada palavra e cada incidente, com a lembrança amorosa do que prevalecia em cada detalhe. Mas, ao mesmo tempo, não podiam compreender toda a sua importância.

Os portões permaneceram abertos na noite da Páscoa. Enquanto o Mestre e seus discípulos saíram rumo ao Jardim do Getsêmani, aonde tinham ido juntos muitas vezes, Joel questionava Buz quanto ao local exato em que poderia encontrar seu antigo inimigo.

– Vou sair bem cedo amanhã – pensou Joel, assim que deitou a cabeça no travesseiro. – Cedinho, porque quero que os olhos de Reum sejam abertos o mais rápido possível, para ele ver o rosto do Mestre. Senhor, ajuda-me a encontrá-lo amanhã – murmurou, e, com uma bênção nos lábios para aquele que havia perdoado bem antes, fechou os olhos.

O sono chegou logo, por causa do cansaço e da empolgação do dia. Em sonho, voltou a ver o rosto do Mestre em sua entrada triunfal na cidade; ouviu de novo a aclamação da multidão. Viu, então, Rabi Amós, Simão e a pequena Rute. Havia uma mistura de rostos bondosos; como sombras, passavam cenas indistintas, mas agradáveis. Na linda terra dos sonhos por onde vagava, a sorte lhe sorria, e todos os seus caminhos eram de paz.

Durma, pequeno discípulo, feliz em seus sonhos. Lá fora, na escuridão do Getsêmani, alguém trai o Senhor! À luz tremulante das lanternas e tochas eles o

pegam. Armados com espadas e paus¹⁰⁴ o conduzem da escuridão sob as árvores para a estrada iluminada pelo luar.

Agora ele está diante do Sumo Sacerdote, sozinho, sem amigos.¹⁰⁵ Durma, não acorde com o canto do galo, pois não há ninguém para responder por ele, e um que o amava já o negou três vezes!¹⁰⁶

Sonha! Frente a Pilatos, agora, coroados por espinhos e vestido de púrpura. Aquele a quem amas, desprezado, cuspiram nele.¹⁰⁷ Realmente, hoje ele entrará em seu reino, mas que bom para ti, não viste a coroação.

Durma, pequeno discípulo, seja feliz enquanto pode!

104 Mateus 26.47.

105 Mateus 26.57.

106 Mateus 27.69-75.

107 Mateus 27.27-31.

CAPÍTULO XVII

Na manhã seguinte, Joel acordou muito mais tarde do que pretendia, de modo que nem comeu e saiu depressa da cidade, pela estrada por onde o Mestre havia feito a entrada triunfal, poucos dias antes. Ramos de palmeiras murchos ainda estavam espalhados por toda parte, cobertos com poeira.

Sem a mínima ideia do que acontecera na noite anterior, nem do que estava acontecendo naquele exato instante, Joel seguiu com dificuldade para Betânia, a passo rápido, feliz e de coração leve.

Passara seis dias cercado de galileus entusiasmados, que acreditavam plenamente que antes do final da semana da Páscoa veriam a derrota de Roma, e todas as nações aos pés de um rei judeu. Fazia tanto tempo que sonhavam com esse momento!

Joel se voltou para olhar a cidade. O Templo branco e dourado o encantou, refletindo os raios do sol da manhã. Lembrou-se do dia em que estava no teto da casa do carpinteiro, com os braços estendidos para o lugar santo, amaldiçoando seu inimigo Reum.

Seria ele o mesmo garoto? Parecia que aquele pobre corpo defeituoso, aquele ódio amargo, aquela sede ardente de vingança, pertenciam a outra pessoa, pois se sentia tão bem, tão forte, tão cheio de amor por Deus e por toda a humanidade...

Um pequeno pardal de asa quebrada se debatia, fraco, sob uma cerca viva. Parou para colher frutinhas maduras e dar para ele, e voltou até uma pequena nascente que vira antes, para colocar água no buraco de uma pedra lisa.

Não encontrou Reum no lugar que Buz indicara. Perguntou por ele e lhe informaram que o pai o levara para casa, em algum lugar em Samaria.

Joel voltou triste e decepcionado. Gostaria de se deitar de novo e descansar um pouco quando chegasse de volta em Betânia. Uma escuridão esquisita estava

cobrindo a Terra. Ficou assustado, com medo. Sabia que não podia ser eclipse, porque era tempo de lua cheia. Finalmente, seguiu de volta para Jerusalém, apesar de ser como viajar à noite, pois a escuridão era cada vez maior. Isso durou quase três horas, e as sombras misteriosas o fizeram desejar a companhia de seus amigos.

O primeiro pensamento foi encontrar o Mestre, de modo que rumou automaticamente para o Templo. Assim que se aproximou do Pórtico de Salomão, a escuridão acabou, e parecia que tudo dançava diante de seus olhos. Nunca tinha sentido um terremoto, mas sabia que era isso que estava acontecendo.

Agarrou-se a uma coluna. Ela tremia demais! O ar quente pulsava! A escuridão tinha sido horrível, mas o que estava acontecendo era duas vezes mais aterrorizante.

Mal a Terra parou de tremer, e um sacerdote idoso de barba branca atravessou correndo o Pátio dos Gentios, as mãos enrugadas acima da cabeça, tremendo como se tivesse uma doença. O grito dele deixou Joel paralisado de terror:

– O véu do Templo rasgou no meio!
O véu do Templo rasgou no meio!¹⁰⁸

Em seguida, tremendo como em convulsão, caiu de rosto no chão. Os joelhos de Joel vacilaram. A escuridão, o terremoto e agora esse poder que desvendara o Santo dos Santos o enchiam de um pavor que ele não sabia explicar.

Correu, passando pelo sacerdote caído e foi até o pátio interior. Viu, com seus próprios olhos. Lá estava a pesada cortina de tapeçaria da Babilônia, em toda sua glória de jacinto, escarlata e púrpura, rasgada ao meio, de cima até em baixo. Nenhum terremoto teria feito aquele rasgo. A ira de Deus devia ter descido e colocado o dedo poderoso ali.

Saiu correndo do Templo, rumo à casa onde havia dormido na noite anterior.

Parecia que o terremoto sacudira Jerusalém inteira. Voavam palavras estranhas. Uma pergunta feita por um grupo de passantes, uma exclamação por outro, fizeram-no apressar o passo.

Encontrou Jessé e Rute chorando, apavorados, na loja de Rubem. O

108 Lucas 23.44-45.

funcionário que estava cuidando dos dois disse que todos tinham passado quase o dia inteiro fora.

– Aonde eles foram? – indagou Joel.

– Não sei direito, mas seguiram uma das maiores multidões que já passaram pelos portões da cidade. Não eram só judeus. Havia gregos, romanos e egípcios. Você precisava ver os camelos, carruagens, cadeiras e liteiras! – exclamou o homem.

De repente, pensou que aquele poderia ter sido o dia em que Aquele que ele amava fora coroado rei, e que ele tinha perdido a maior oportunidade de sua vida.

– Eles seguiram o Rabi Jesus de Nazaré?

O homem assentiu.

– Foram coroá-lo? – perguntou, sem fôlego.

– Não. Foram crucificá-lo.

A resposta inesperada foi como um golpe mortal. O horror emudeceu Joel. O sangue parou de correr por suas veias. Um rugido soava em seus ouvidos. Então,

tudo escureceu diante dele. Tentou, como cego, se segurar em alguma coisa à sua frente, depois deu um passo para trás e se encostou à parede.

– Não, não, não, NÃO! – gritou, cada palavra mais alto do que a anterior. – Não acredito nisso! Você está mentindo!

Saiu da loja correndo como doido, desceu a rua e atravessou o portão da cidade. Na estrada, deparou-se com uma multidão vinda no sentido contrário, com tanta pressa quanto a dele.

Tudo que via parecia confirmar o que acabara de ouvir, mas ainda não acreditava.

– Não, não, não! – murmurava, sem fôlego, enquanto corria. – Não, não, não! Não pode ser! Ele é o Cristo! O Filho de Deus! Eles não podem ter feito isso, por mais que o detestassem!

Todavia, ainda correndo, viu a colina onde estavam três cruzeiras. Sentiu enjoo e frio, ficou tão fraco que mal se sustentava em pé. Mas prosseguiu resoluto, embora tropeçando, mas sem olhar para o que

não ousava ver, para não confirmar o que temia.

Chegou lá, por fim e, encolhendo-se como se tivesse levado um soco inesperado, levantou os olhos devagar, até o rosto do corpo morto pendurado ali. O grito de agonia morreu em seus lábios quando caiu, inconsciente, ao pé da cruz.

Muito tempo depois, um dos soldados notou a presença dele, empurrou-o com o pé e o tocou com a lança. Com isso, Joel voltou parcialmente a si, e acabou se sentando. Voltou a olhar para o rosto branco acima dele. Desta vez, contudo, a cabeça inclinada o encheu de profunda calma.

O véu do Templo estava mesmo rasgado, e, do corpo traspassado ali brilhava o Santo dos Santos, a Shekinah¹⁰⁹ do amor de Deus pelo mundo, que rumava para a morte. Isso elevou Joel, e o atraiu cada vez mais, até que ele parecia ter tido um vislumbre da face do Pai; sentiu-se envolvido em perdão sem limites, em compaixão tão profunda e um amor tão inexplicável que até o pior dos pecadores pode encontrar. Enquanto

109 Termo hebraico que tem a ver com a presença de Deus, ou melhor, a manifestação visível da presença de Deus.

Joel fitava o rosto branco, tão glorificado em sua imobilidade, José de Arimateia se colocou entre ele e a cruz, dando ordens, em tom baixo, para remover o corpo.

Com isso, Joel despertou de seu transe e, quando a forma ensanguentada foi colocada com cuidado no solo, esqueceu a visão dos mistérios celestiais. Não viu mais o Cristo glorificado. Em vez disso, enxergou o corpo torturado do homem que amava, do amigo por quem teria dado a vida de bom grado.

Cego pelas lágrimas, avançou de joelhos na direção dele. Alguém colocara uma coberta de linho branco fino sobre o corpo sem vida. Uma das mãos, porém, ficou para fora, com o grande buraco feito pelo prego cheio de sangue. Era a palma da mão que curara Joel, que alimentara multidões famintas, que abençoara as criancinhas à beira da estrada! Com a lembrança do que aquela mão fizera por ele, de tudo que realizara pelos incontáveis toques de carinho, amor e consolo, veio também a lembrança da tortura que acabara de sofrer. Joel se deitou ao lado, com um gemido de partir o coração.

Homens chegaram e levantaram o corpo na coberta imaculada. Joel não levantou os olhos para ver quem o levava embora. A mão sem vida ainda balançava, descoberta. Sem desviar os olhos, Joel seguiu o grupo, desejando pousar os lábios naquela mão, mas se sentia indigno e só ousou tocá-la com os dedos trêmulos.

Enquanto a procissão silenciosa avançava, Joel viu que estava andando ao lado de Abigail. Ela tinha afastado o véu para o lado, para ver melhor a figura imóvel carregada à frente deles. Permanecera por perto durante todas as horas de sofrimento. O rosto pálido e os olhos inchados demonstravam como estava desgastada pela compaixão e pela dor.

Joel procurou Fineias. Era um dos que levavam a carga imóvel. Com as mãos fortes e bronzeadas sustentava, com cuidado, os pés feridos do Mestre, mantendo expressão rígida como pedra. Parecia para Joel que ele parecia tinha envelhecido vários anos desde a noite anterior.

De novo as lágrimas embotaram os seus olhos, enquanto fitava aquele rosto que parecia desesperado, e o que ele carregava.

Oh! O amigo de Fineias! Oh! Pés que tantas vezes correram para encontrá-lo nas encostas verdejantes de Nazaré, que andaram ao lado dele em sua labuta diária e o conduziram à vida mais nobre! Tu subiste a montanha das Bem-Aventuranças! Andaste sobre as águas varridas pelo vento, na Galileia! Mas Fineias não pensa nisso agora. Pensa na peregrinação altruísta, nas marcas de poeira das viagens que há nos pés que o segura, nos muitos passos, nunca para ele mesmo, sempre para os outros, na cura e consolo que levavam todos os dias, no amor imenso que transformava em bênção até a sua simples passagem ou presença.

Joel achou estranho que, no meio de tanta tristeza, pequenas coisas corriqueiras chamassem sua atenção. Anos depois ainda se lembraria das longas faixas amareladas da luz do sol que passava entre as árvores do jardim. Ouviu o zumbido de grilos que pulavam no caminho à frente deles, sentiu o perfume dos lírios que cresciam em volta da velha tumba.

O grupo triste avançou até um lugar em que uma nova tumba havia sido escavada em uma pedra. José de Arimateia

fez sinal para se deterem. Colocaram o esquiife aberto com cuidado no chão, e Joel observou que, apesar dos olhos secos, foi com lábios trêmulos que, sem qualquer ruído, prepararam o corpo para o sepultamento feito às pressas.

De vez em quando, mesmo sem parar de enrolar as tiras de linho branco empoadado com mirra e aloés, olhavam preocupados para o sol que se punha. A noite do Shabath¹¹⁰ estava chegando, e o antigo medo que os escravizava à Lei os levava a se apressarem. Um gemido abafado saiu dos lábios das mulheres quando Aquele que haviam seguido por tanto tempo foi levantado e levado “para sempre” para fora da vista delas, através da porta baixa da tumba.

Mãos fortes rolaram a imensa pedra para fechar a entrada estreita. Aparentemente, tudo estava acabado. Não havia mais nada a fazer.

Desolados, sentaram-se fora da tumba, para observar, chorar e aguardar uma esperança morta e uma causa perdida.

110 Para eles, o dia começava ao pôr do sol, pelo que o Shabath iniciava no anoitecer da sexta-feira.

Silêncio profundo caiu sobre o jardim enquanto a noite chegava. Eles se acalmaram aos poucos, e começaram a conversar em voz baixa sobre os acontecimentos terríveis do dia que terminava.

Aos poucos, Joel ficou sabendo de tudo. Ouvindo a história da vergonha, dos abusos e da tortura sofridos por Aquele que amava mais do que o mundo inteiro, ficou pálido de horror e indignação.

- Mas ninguém foi lá defendê-lo? – gritou, juntando as mãos e deixando as lágrimas correrem. – Ninguém falou uma palavra sequer em defesa dele? Meu Amado! – gemeu. – Dos milhares que curaste, das multidões que abençoaste, ninguém testemunhou a teu favor!

Ajoelhado, balançava para frente e para trás, agitando as mãos como se o pensamento lhe causasse angústia que era incapaz de explicar.

– Ó, se eu estivesse lá! – chorou.
– Se eu pudesse ficar ao lado dele e contar o que ele fez por mim!
Meu Deus! Meu Deus! Não vou

suportar! Pensar que ele foi para a morte sem ninguém, e eu o amava tanto! Sozinho! Ninguém para defendê-lo, ninguém!

Tateando por causa das lágrimas, foi até à tumba, esticou os braços amorosos e abraçou a grande pedra que impedia a entrada. Depois, entendendo que nunca mais se aproximaria dAquele que estava lá dentro, que não voltaria a vê-lo, desesperado, encostou a cabeça na pedra e deu vazão à completa solidão e desespero que sentia.

Não sabia quanto tempo ele ficaria ali. Quando olhou à sua volta, as mulheres tinham partido e estava quase escuro. Fineias e vários outros homens ainda conversavam sob as árvores, e foi até eles.

Logo chegaram guardas romanos. Passaram uma corda grossa sobre a pedra, prenderam bem as pontas e selaram com o selo de César. Acenderam uma fogueira por perto. Em seguida, as sentinelas romanas começaram a marchar de um lado para outro.

Lá no alto, as estrelas começaram a acender suas inúmeras fogueiras nos céus. Depois, a lua cheia branca da Páscoa olhou

para baixo, e manteve, durante a noite toda, sua vigília silenciosa sobre a tumba abandonada do Cristo adormecido.

Abigail encontrara um lugar para passar a noite – uma tenda de amigos, bem na saída da cidade. Joel e Fineias, porém, voltaram para Betânia.

Pouco foi dito enquanto avançavam com dificuldade à luz da lua. Joel pensava apenas em sua perda imensa, no amor de que fora privado. Para Fineias, entretanto, a morte implicava em muito mais do que a separação do melhor amigo. Era a morte de uma causa pela qual arriscara tudo. Teria que voltar para a Galileia e ouvir a zombaria dos antigos vizinhos. Aquele que pensaram ser o salvador de Israel havia sido morto como criminoso, crucificado entre dois ladrões! A causa estava perdida. Tinha que enfrentar o fracasso completo.

Quando a lua baixou na manhã seguinte nas colinas da Judeia, muitos corações lamentavam a morte do Homem de Nazaré, mas nenhuma alma, em todo o universo, acreditava que ele era o Filho de Deus.

A esperança jazia morta na tumba de José, com uma pedra imensa selando-a para sempre.

CAPÍTULO XVIII

– acorde, Joel! acorde! Tenho boas notícias, rapaz!

A voz de Abigail ressoava alegre pelo pátio, enquanto ela se inclinava sobre o garoto que dormia profundamente sobre as pedras duras.

Ele passara o Shabath, seguinte ao sepultamento, imóvel no pátio sombreado; o olhar vazio fixo no muro à sua frente. Ninguém conseguia tirá-la da apatia. Recusou o alimento que lhe ofereceram e não quis entrar em casa quando anoiteceu. Já ia amanhecendo quando foi até a fonte e tomou um grande gole de água fresca e, em seguida, vencido pela fraqueza causada pelo longo jejum e exausto pelo sofrimento, adormeceu no chão.

Abigail chegou e o encontrou ali, com o sol da manhã batendo em cheio em seu rosto. Precisou sacudi-lo várias vezes antes de conseguir que ele abrisse os

olhos. Sentando-se, meio tonto, ele tentou raciocinar. E lembrou. Sua cabeça caiu para frente, pesada, e ele gemeu.

– Acorde! Acorde! – insistiu ela, com a voz tão alegre que Joel reabriu os olhos, totalmente desperto.

– O que aconteceu? – indagou, indiferente.

– Ele ressuscitou! – exclamou ela, radiante, batendo palmas, como sempre fazia nos momentos de maior animação. – Hoje, bem cedo, ainda nem tinha amanhecido, fui com Maria, Salomé e outras mulheres até ao túmulo. A pedra tinha rolado. Ficamos pensando no que poderia ter acontecido e choramos, temendo que os inimigos tivessem roubado o corpo dele. Mas ele apareceu na nossa frente, e nos disse, como sempre: “Olá, vocês!”.¹¹¹

Joel esfregou os olhos e a fitou:

– Não, não! – falou, cansado. – Estou sonhando de novo!

111 Mateus 28.1-9.

Queria deitar no chão outra vez, com a cabeça apoiada no braço, mas ela não deixou. Sacudiu as mãos dele, persistente, para ele não se deitar, falando com tanta alegria que ele, aos poucos, começou a entender que ela estava, mesmo, muito alegre.

– O que você está dizendo, mãe Abigail? – indagou ele, muito confuso.

– Claro que você não está entendendo nada! – exclamou ela. – É uma notícia tão maravilhosa, tão bendita! Ele está vivo, Joel, Aquele a quem você ama! Tente entender, meu garoto! Acabei de chegar lá do túmulo vazio. Eu o vi! Falei com ele! Ajoelhei aos pés dele e o adorei!

A essa altura toda a família já saía de casa. Rubem olhava a filha com pena, enquanto ela repetia tudo, e se virou para Fineias:

– Coitada! – falou, em voz baixa.
– Viu tantas coisas terríveis nos últimos dias, passou por um choque tão duro, que está meio fora de si.

Não sabe o que está dizendo. Você não ajudou a preparar o corpo para o sepultamento, e a colocar na tumba?

– Ajudei – replicou Fineias. E também ajudei a selar com uma pedra enorme, que nenhum homem conseguiria arrastar sozinho. E vi quando colocaram o selo de Cesar e, quando saí de lá, havia sentinelas romanas, de armadura, para tomar conta. Ninguém poderia ter aberto aquele túmulo.

– Mas Abigail está falando de anjos sentados na tumba vazia, que contaram para elas que ele ressuscitou – retrucou o pai.

Joel ouvira a conversa, apesar de ter sido em voz baixa. Levantou-se e ficou ao lado dos dois homens. Começou a tremer, tanto de fraqueza quanto de empolgação.

– Pai Fineias, lembra-se da história que ouvimos Éber, aquele pastor idoso, contar? Os anjos falaram do nascimento dele, talvez ela tenha visto, mesmo, anjos no túmulo.

– Mas isso não é possível! – matutou Rubem, alisando a barba, perplexo.

– Foi exatamente isso que o senhor falou quando Lázaro voltou a viver – soou a voz aguda de Jessé, inesperadamente. Ele acompanhara cada palavra da conversa. – Por que o senhor não vai lá ver se o túmulo está vazio?

Abigail entrara em casa com a mãe e eles foram chamados para o café da manhã. Vendo que não conseguia convencê-los de que sua história era verdadeira, não falou mais nisso. Entretanto, a expressão alegre em seu rosto falava muito mais do que as palavras.

Durante todo o dia, trechos de músicas subiam a toda hora aos lábios dela – salmos de gratidão e aleluias sussurrados. Por fim, a alegria constante dela afetou Joel e Fineias, e os dois começaram a acreditar que deveria haver um motivo muito forte para tudo aquilo.

Finalmente, quando a tarde caía, pegaram a estrada que ia de Betânia ao jardim onde acreditavam que o Mestre jazia. Ao se aproximarem, Joel agarrou o

braço de Fineias e apontou, com o dedo trêmulo, para uma fenda escura à frente.

– Olhe! – falou, indicando o que parecia uma boca aberta. – Ela tinha razão! A pedra não está lá!

Os dois levaram algum tempo para reunir coragem e se aproximar e olhar para dentro do sepulcro. Quando o fizeram, nenhum dos dois disse uma palavra sequer, mas se entreolharam, fizeram a volta e partiram do jardim.

Escurecia cada vez mais enquanto eles se apressavam pela estrada, indo para casa. Dois homens corriam na direção da cidade, muito apressados, para chegar aos portões antes de serem fechados para a noite. Eram dois discípulos, que Fineias conhecia bem. Ele os deteve, com a pergunta que não deixava sua mente.

– Sim, ele ressuscitou – respondeu um dos homens, sem fôlego. – Nós o vimos. Hosana ao Altíssimo! Ele seguiu conosco por esta estrada, quando fomos para Emaús.

– Ah, como nossos corações queimavam quando ele falava

conosco durante o caminho! – interrompeu o outro.

– Só que hoje ele sentou para cear conosco – falou o outro. – Partiu o pão e o abençoou como sempre fez. Estamos correndo até a cidade para contar tudo aos outros discípulos.¹¹²

Fineias queria detê-los, mas eles saíram correndo, e deixaram os dois na estrada, olhando para eles com tristeza.

– Tem que ser verdade – falou Joel – porque eles estavam meio doidos de tanta alegria.

Fineias sacudiu a cabeça, triste, e suspirou:

– Gostaria de acreditar nisso!

No dia seguinte, Abigail pediu:

– Vamos para casa. O Mestre disse para seus amigos se encontrarem com ele na Galileia. Vamos. Há esperança de voltarmos a vê-lo lá onde morávamos!

112 Lucas 24.13-35.

Joel, que estava quase tão convencido quanto ela, também queria ir. Fineias, porém, hesitava. Sua mente era mais lenta para acompanhar esse tipo de pensamento do que a da mulher sensível e a do garoto cheio de imaginação. Foi conversar primeiro com Pedro, depois com Tiago e João, e também com os outros discípulos que tinham visto o Mestre ressurreto, e os questionou atentamente. Ainda assim, levou mais uma semana para se decidir.

Certa manhã, encontrou-se com Tomé, cujas dúvidas haviam confirmado as dele. Encontraram-se por acaso, em uma das ruas movimentadas de Jerusalém. Tomé pegou o braço de Fineias e, fazendo a volta, acompanhou-o por um pequeno trecho.

– É verdade! – falou, em tom baixo e intenso, com os lábios colados ao ouvido de Fineias. – Eu o vi ontem à noite. Segurei as mãos dele! Toquei o lugar onde foi perfurado com a lança! Ele falou meu nome e sei, sem qualquer sombra de dúvida, que o Mestre ressuscitou dos mortos, e que ele é o Filho de Deus!¹¹³

113 João 20.26-28.

Depois disso, Fineias deixou de apresentar objeções quanto a voltar para a Galileia. A história da ressurreição era maravilhosa demais para ele entender por completo, mas não podia ignorar as evidências apresentadas por amigos, em cuja palavra sempre confiara.

As estradas ainda estavam tomadas por peregrinos que voltavam da celebração da Páscoa. Prosseguindo com sua pequena família, Fineias encontrou-se com os filhos de Jonas e Zebedeu, que voltavam para suas redes e seus barcos de pesca.

A ordem da procissão mudava o tempo todo, e, certa manhã, Joel viu que caminhava ao lado de João, um dos doze escolhidos, que parecia ter entendido o Mestre mais do que os outros. Ele parecia imerso em pensamentos profundos, e não reparou em seu companheiro, até que o rapaz, tímido, tocou na manga de sua roupa.

– O senhor acredita que é verdade?

Não houve qualquer demonstração de surpresa diante da pergunta inesperada. Sem perguntar, ele sabia o que Joel queria dizer. Um sorriso de confirmação iluminou

seu rosto e ele colocou a mão no ombro do menino.

– Sei que é, meu rapaz, eu me encontrei com ele.

A afirmação tranquila destruiu o último traço de dúvida em Joel.

– Muitas coisas que ele falou voltam à minha mente com muita clareza e, agora, eu vejo que ele tentava nos preparar para tudo isso.

– Então me conte o que ele falou – implorou Joel – e também das últimas horas dele com o senhor. Ah, se eu estivesse lá também!

João viu os olhos do menino se encherem de lágrimas, notou a voz trêmula e se encheu de carinho ao reconhecer no coração do menino um amor semelhante ao dele. Por isso, contou sobre a última ceia que tiveram juntos, do hino que cantaram¹¹⁴ e também que, no jardim do Getsêmani, não conseguiram vigiar com ele.¹¹⁵ Repetiu com cuidado até os mínimos

114 Mateus 26.26-30.

115 Mateus 26.36-45.

detalhes daquelas últimas horas solenes, e o garoto ouvia atentamente.

De vez em quando Joel passava a mão pelos olhos, mas foi tomado por profunda calma enquanto a voz de João prosseguia, repetindo devagar as palavras com que o Mestre os consolara.

– Não deixem que o coração de vocês fique perturbado; vocês acreditam em Deus, acreditem em mim também. Na casa do meu Pai há muitas mansões. ... Eu vou preparar um lugar para vocês. Voltarei de novo, e receberei vocês para mim mesmo; para que onde eu estiver vocês também estejam.¹¹⁶ ... Se vocês me amassem, se regozijariam por eu dizer que vou para o Pai.¹¹⁷ ... Falei essas coisas para vocês terem paz em mim. No mundo vocês terão tribulações; mas se animem; eu venci o mundo.¹¹⁸

Joel fez um movimento como se fosse falar, mas se deteve. João indagou:

¹¹⁶ João 14.1-3.

¹¹⁷ João 14.28.

¹¹⁸ João 16.33.

– O que foi?

– Como ele pôde dizer que venceu o mundo? César ainda governa, e Jerusalém continua cheia de inimigos. Mesmo ele tendo ressuscitado, o fato é que eles o mataram.

João parou e amarrou a sandália antes de responder.

– Tenho reunido várias coisas que ele nos disse e comecei a perceber que estávamos cegos. Uma vez ele disse que era o Bom Pastor que daria a vida por suas ovelhas, e falou: “Por isso meu Pai me ama, porque eu entrego a minha vida, para recebê-la de volta. Ninguém a tira de mim, mas eu a entrego. Tenho poder para entregá-la e para tomá-la de volta”.¹¹⁹

Os dois deram alguns passos em silêncio, depois João perguntou, abruptamente:

– Lembra-se de quando os filhos de Israel estavam tão feridos pelas

119 João 10.11,17-18.

serpentes no deserto, e que Moisés recebeu a ordem de colocar no meio deles uma serpente de bronze?

– É, eu lembro – disse Joel. – Todos que olhavam para ela eram salvos, mas os que não olhavam morriam por causa das picadas venenosas.¹²⁰

– Uma noite – prosseguiu João – um homem erudito, chamado Nicodemos, uma autoridade, procurou o Mestre, com muitas perguntas. Lembro uma das respostas dele: “Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim também o Filho do Homem terá que ser levantado, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha vida eterna”.¹²¹ Não entendemos nada do que ele disse. Só comecei a perceber o que ele queria dizer quando o vi levantado na cruz terrível.

O rosto de Joel se iluminou ao lembrar a visão que tivera naquele dia, ajoelhado ao

120 Números 21.8-9.

121 João 3.1-2,14-15.

pé da cruz. Em seguida, parou no meio da estrada, com as mãos enfraquecidas como se estivessem desmaiadas, De repente, parecia que as cenas surgiam diante dele – do sacrifício diário no Templo, com o sangue de cordeiros inocentes correndo do altar, e do grande Dia da Expição, quando o pobre bode expiatório era enviado para a morte, carregando os pecados do povo.

- Oh! Então deve ser isso que Isaías quis dizer! – exclamou, aflito.
- Ele foi levado como cordeiro para o matadouro! Será possível que “o Senhor lançou sobre ele a iniquidade de todos nós”?¹²² Que sacrifício terrível!

As lágrimas escorriam por seu rosto, à medida que ele se convencia, cada vez mais, de que o homem que ele amava tanto havia suportado todo o sofrimento horrível da morte na cruz por causa dele.

- Por que tinha que ser assim?
- indagou a seu companheiro, implorando por uma explicação.

122 Isaías 53.4-7.

João olhou em volta e para cima, como se enxergasse muito além do horizonte estreito, cercado pelas colinas, e repetiu baixinho:

– “Deus amou tanto o mundo que deu seu único Filho para que todo que crer nele não pereça, mas tenha a vida eterna.”¹²³

Assim como o sentimento o enchera naquela manhã na Galileia, e de novo ao olhar fixamente para o rosto pálido na cruz, Joel voltou a sentir o amor do Pai, que o levava para mais perto de seu cuidado infinito.

– “Não há maior amor do que este”
 – prosseguiu João repetindo – “o de entregar a vida por seus amigos.”¹²⁴
 Ele é a propiciação por nossos pecados, não apenas pelos nossos, mas pelos do mundo inteiro.¹²⁵

Era difícil para uma criança entender tudo isso, mas o discípulo bondoso que

123 João 3.16.

124 João 15.13.

125 I João 2.2.

andava ao lado de Joel andara com o Mestre, e com as palavras do próprio Mestre ensinou ao garoto a maior lição da vida.

CAPÍTULO XIX

s pescadores resistentes, o carpinteiro ocupado e o menino voltaram à vida simples. Fineias sempre silencioso e sério. Para ele, a esperança ainda estava morta no jardim da tumba perto do Gólgota. Joel, porém, cantava enquanto trabalhava.

O dia marcado para o encontro deles com o Mestre na montanha se aproximava. Sempre que possível, Joel se afastava do homem acabrunhado e da bancada de trabalho e ia até a praia em busca de companheiros mais alegres.

Certa manhã, reconheceu um barco pesqueiro que atracava rapidamente e correu para ver se seus amigos tinham conseguido pescar durante a noite. Ergue as mãos, atônito, ao ver a imensa carga que havia no barco.

– Estivemos com o Mestre –
explicou um dos pescadores. –

Tentamos pescar a noite toda, mas só conseguimos depois que o encontramos.

Joel ouviu atento. Eles contaram o encontro ao nascer do sol, e da refeição que fizeram juntos, enquanto o sol se levantava sobre a linda praia e eles ouviam, mais uma vez, a voz do Mestre.

– Ah, pensar que ele está na Galileia de novo! – exclamou Joel.

Esse pensamento acrescentou propósito e sentido a cada novo dia. Todas as manhãs ele acordava e pensava:

– Talvez eu o veja antes do pôr do sol.

Todas as noites, ao se deitar, repetia, até dormir:

– Ele está aqui por perto! A qualquer hora posso me encontrar com ele!

No dia marcado para irem à montanha, Joel acordou muito cedo. Tomou banho e se vestiu com o esmero de um sacerdote prestes a entrar no Pátio Interior do Templo. Quando ele partiu, Abigail reparou que ele vestira o turbante mais elegante, de linho

branco. A túnica estava imaculada e as franjas azuis que a Lei prescrevia estavam penduradas, lisas como seda, nas bordas do manto listado marrom e branco.

Joel não esperou Fineias, nem seus outros amigos. Muito antes da hora marcada, já subira pelo caminho pedregoso e estava sentado sozinho no local sombreado e quieto.

O estalar de um galho o assustava, a queda de uma folha o fazia olhar para cima, esperançoso. O Mestre poderia chegar a qualquer momento. O coração dele batia tão forte que parecia que os pica-paus ouviam e voavam para longe, assustados.

Imagine a cena, se for capaz, você que acabou de ver a terra cobrir aquele que você mais amava; que acordou na noite solitária, lembrando-se subitamente da perda; que ansiou, em uma dor constante, pela voz, o sorriso e os passos que lhe escaparam sem qualquer esperança de volta.

Pense no que significaria para você saber, sem sombra de dúvida, que tudo que você amou e perdeu seria devolvido antes do ponteiro grande do relógio dar outra volta!

Por isso Joel esperava, inquieto, coração ardendo, sentindo arrepios de expectativa.

Passos começaram a se ouvir na base da montanha. Um após outro, rostos conhecidos surgiram, depois outros desconhecidos, até que, aos poucos, quinhentas pessoas se reuniram, sentadas em silêncio profundo e reverente. O vento suave do verão mal balançava as folhas das árvores. Até os filhotes de passarinhos se calaram.

Pouco depois, movidos por uma influência invisível, como o campo de cereais se agita com o vento que passa, curvaram as cabeças. O Mestre estava diante deles, as mãos estendidas para abençoar.

Joel teve o ímpeto de avançar, o desejo louco de se lançar aos pés dele e colocar os braços em volta dele; havia, porém, no rosto bondoso uma majestade que ele nunca vira antes, e isso o deteve.

Ouviu a voz que se elevava e baixava com a mesma suavidade cativante de outrora. Assim como você ouviria as palavras se os lábios do morto voltassem a se mover, assim como se agarraria a cada frase, para esconder no mais profundo do seu coração, assim era que Joel ouvia.

– Eu vou preparar um lugar para vocês. Voltarei e receberei vocês para mim mesmo, para que onde eu estiver vocês também estejam.¹²⁶ ... Deixo paz com vocês. ... Não como o mundo dá. Não deixem o coração de vocês se perturbar, nem ficar com medo.¹²⁷

À medida que a voz amada continuava, prometendo o Consolador que viria depois que ele fosse embora,¹²⁸ todo pavor e sofrimento da separação iminente se desfizeram.

Embora fosse um garoto, Joel olhou para os anos de sua vida, sentindo que seriam como uma sombra passageira, em comparação com a convivência eterna que ele acabara de ouvir como promessa. Não gemeria, não se queixaria. Entregaria seus poucos dias para o Mestre, um copo de serviço de amor, levado à ceia no reino, onde havia um lugar pronto para ele.

Acabou rápido demais. Foram deixados sozinhos mais uma vez, na encosta da

126 João 14.3.

127 João 14.23.

128 João 16.7.

montanha, tendo como única companhia os raios de sol que passavam pelas copas das árvores e os pica-paus que voltavam a cantar uns para os outros. O ar, contudo, parecia ainda reverberar com as últimas palavras dele:

– Eu estou com vocês sempre, até o fim do mundo.¹²⁹

Fineias desceu da montanha com o rosto resplandecente. Por fim seus olhos tinham se aberto.

– Ele e o Pai são um! – exclamou para o homem que andava ao lado dele. – Aquela voz é a mesma que falou do meio da sarça ardente, do topo do monte Sinai. Todos esses anos eu segui o Mestre e acreditei que ele era um homem perfeito, um profeta maravilhoso. Cria que ele era o “ramo do tronco de Jessé”¹³⁰ que redimiria Israel pela mão de Jeová, assim como a vara de Moisés foi estendida sobre o mar e abriu um caminho para nosso

129 Mateus 28.20.

130 Isaías 11.10.

povo.¹³¹ Quando vi que tinha sido morto como criminoso, toda minha esperança morreu. Hoje, inclusive, vim aqui sem acreditar. Não pensava que iria vê-lo. Fui cego durante todos esses anos! Deus em carne conosco, e não o reconhecemos!

Joel seguia atrás deles, compartilhando de sua exultação. Chegaram ao vale e entraram em Cafarnaum, e as cenas e sons cotidianos entraram em choque com os sentidos deles, com seu espírito enlevado.

Um homem que estava à porta de sua casa acenou para Fineias e perguntou quando ele poderia começar a trabalhar na casa que haviam combinado construir. Fineias hesitou, olhou para baixo, como se avaliasse um problema difícil. Pouco depois, levantou os olhos, decidido.

- Não vou poder construir sua casa.
- Não vai poder – repetiu o homem.
- Achei que você estava ansioso para trabalhar.

131 Êxodo 14.16,21.

– Estava mesmo – respondeu o carpinteiro, – mas, quando conversamos, eu não acreditava ainda que o Mestre tinha ressuscitado. E ainda agora, ali naquela montanha, eu me encontrei com ele. A ordem que ele deu ainda ressoa nos meus ouvidos: “Vão por todo o mundo, e preguem o evangelho a toda criatura”!¹³² Por isso, entrego minha vida a ele, como ele deu a dele por mim. Metade de minha vida já passou, mas cada dia que me resta será usado para proclamar, o máximo possível, que o Cristo ressurreto é o Filho de Deus!

O homem olhou para Fineias, espantado. O fogo do amor e da decisão iluminava o rosto sério dele, de modo que estava totalmente transformado.

– Vou começar minha missão agora mesmo! – exclamou Fineias.
– Você é a primeira pessoa que encontro, e tenho que contar para você a notícia alegre do evangelho.

132 Marcos 16.15.

Ele morreu por você! “Deus amou tanto o mundo que deu seu único Filho, para que todo que acreditar nele não pereça, mas tenha a vida eterna!”¹³³ Meu amigo, gostaria que você acreditasse nisso como eu acredito.

O homem se encostou ao portal, estranhamente comovido com a força da paixão de Fineias.

– Tenho que ir para Jerusalém – prosseguiu Fineias. – Para esperar o poder que nos será dado, vindo do alto. Depois eu verei com mais clareza o caminho a seguir. Não sei se serei enviado a outras regiões, ou se voltarei para contar as novas a meus vizinhos. Não me importa o caminho que me for mostrado, a missão já foi determinada: contar a mensagem a toda criatura que estiver ao alcance de minha voz.

– E você? – perguntou o homem ao companheiro de Fineias.

133 João 3.16.

– Também recebi a ordem. Também vou até o fim do mundo, caso seja necessário.

– Com certeza há verdade no que vocês dizem – resmungou o homem. Em seguida, seus olhos pousaram em Joel – Você também? – indagou.

– Não, ele não passa de um garoto – respondeu Fineias, antes de Joel encontrar as palavras para responder. – Venha! Temos que nos apressar para chegar em casa.

Joel falou pouco durante os dias que se seguiram, e se afastava sempre que possível para pensar no pequeno quarto no teto.

Fineias se aprontava para voltar a Jerusalém. Aconselhou o garoto a voltar com ele e aceitar a oferta de Simão. Abigail insistia no mesmo sentido. Até o idoso Rabi Amós apareceu um dia, e ficou cerca de uma hora sentado sob as figueiras, apresentando, em cores vivas, a vida que Joel poderia ter, caso quisesse.

A perspectiva era tentadora. Ele sempre sonhara em viajar para outros países. Imaginava a si mesmo cercado de riqueza

e cultura. Poderia ajudar muito seus velhos amigos. Poderia dar a Jessé e Rute cem vezes mais do que tinha recebido, poderia ajudar muitos pobres ao receber uma parte da riqueza de Simão, como se fosse filho dele! Muitos corações se alegrariam, por todo o país!

Os antigos devaneios em que ele se deleitava dançavam, tentadores, diante dele. Certa tarde, estava encostado à bancada de trabalho, pensando nesse futuro, quando o som de passos o fez se voltar. O martelo caiu de sua mão quando viu a mulher que se aproximava dele, tímida.

– Puxa, tia Léa! – exclamou. – O que trouxe a senhora até aqui?

Ele nunca mais a vira, desde a noite em que tio Labão o expulsara de casa. Ela afastou o véu, olhou para ele e disse:

– Contaram-me que você tinha sido curado e eu sempre quis lhe ver e dizer como fiquei feliz. Mas meu marido me proibiu. Menino! – exclamou ela, de repente. – Você é muito parecido com seu pai! A semelhança é estarrecedora!

A constatação a fez esquecer o que a levava até lá, e ela ficou apenas olhando para ele. Depois, lembrando, falou:

– O Rabi Amós me contou que você recebeu uma proposta de um mercador rico de Betânia. Vim até aqui escondida, para implorar que você aceite. Peço no nome de seu pai!

Joel fitou-a, perplexo e respondeu:

– Não sei o que fazer. Todos me dão o mesmo conselho que a senhora, mas eu sinto que estão todos enganados. O Mestre, com certeza, queria o meu bem, tanto quanto pai Fineias e todos os outros, e ele nos mandou irmos pregar o evangelho a todas as criaturas.

O rosto da mulher demonstrou interesse súbito. Ela deu um passo adiante:

– Joel, você o viu depois que ele ressuscitou?

– Vi.

– Oh!, Eu creio, então, que ele é o Cristo! Eu sempre pensei que

podia ser, e meus filhos têm muita certeza de que é.

– E o tio Labão?

Ela sacudiu a cabeça, triste:

– Vai contra essa fé cada dia com mais força.

– Tia Léa – perguntou Joel, voltando ao primeiro assunto, – a senhora não acha que o Mestre falou comigo também, da mesma forma que falou àqueles homens?

Ela hesitou:

– Acho difícil. Você é muito jovem, há muita gente para cumprir a missão. Com certeza, o melhor é você ir para Betânia.

Depois que ela voltou para casa, ele largou as ferramentas e, como em sonho, seguiu devagar para a montanha.

A mesma quietude do verão que reinara, quando as quinhentas pessoas ali se reuniram, reinava agora nas encostas sombreadas. Joel subiu até quase o topo e sentou em uma pedra grande. Na direção leste, a Galileia brilhava como uma safira

ao sol. Cafarnaum parecia um formigueiro agitado. Claro que ele não conseguiria pensar direito no meio de todas aquelas vozes em conflito. Era bom subir até o lugar onde tudo estava quieto.

Fineias partiria na manhã seguinte. Se fosse com ele, Joel talvez nunca voltasse a contemplar aquele cenário.

Então, foi como se uma voz viva quebrasse o silêncio. Ele ouviu:

– Vão por todo o mundo e preguem o evangelho a todas as criaturas.¹³⁴

Foi o eco das palavras que haviam saído dos lábios do Mestre. Nada declarado por aquela voz poderia morrer. Viveria para sempre, nos círculos cada vez maiores dos séculos, como uma onda que corre pelos mares até chegar à praia.

Naquele instante tudo que ele vinha pensando lhe pareceu muito pequeno e sem valor. Havia planejado doar o ouro e a prata de Simão aos pobres, mas o Mestre dera a eles sua própria vida. Como poderia ele fazer menos do que isso? No seu íntimo, Joel ouviu algo lhe dizer:

134 Marcos 16.15.

– O que você fizer para o menor deles, terá feito para mim.¹³⁵

Sim, ele poderia fazer isso por amor ao Mestre, Aquele que o curara, que morrera por ele.

Naquela hora, ali, na solidão do topo da montanha, ele descobriu o caminho que deveria seguir. E não entendia como pensara, por um instante, em fazer outra escolha. Seguiria o caminho que os pés do Mestre haviam trilhado, e o garoto que resolvera segui-lo sabia muito bem que era uma estrada desgastante.

Por causa de seu imenso amor, abriu mão de suas antigas ambições, de esperanças voltadas para ele mesmo e disse, em voz baixa, como se sentisse a Presença amada bem perto de si:

– Ó, eu quero, mesmo, te servir! Se ainda sou muito jovem para ir por todo o mundo, permita que eu seja teu mordomo aqui em casa, para levar a história de tua vida e de teu amor aos que vivem perto de mim!

135 Mateus 25.40.



Joel ouviu a voz do Mestre dizer: "Vá pregar o evangelho".

Na direção oeste brilhava a glória do sol se pondo. Em algum lugar, além dos portais em fogo, estava a Cidade do Rei. Joel afastou os olhos da cena estonteante e olhou para o vale. Escolhera perseguição, sacrifício e sofrimento, sabia bem, mas o brilho em seu rosto era mais belo do que o esplendor do ocaso.

Enquanto descia da montanha, rumo à sua vida de serviço humilde, seu coração se aqueceu com profunda paz. A promessa ia com ele, uma bandeira na qual se apoiaria na longa peregrinação de sua vida:

–E EU ESTOU COM VOCÊ SEMPRE,
ATÉ O FIM DO MUNDO!¹³⁶

136 Mateus 28.20.